



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE MESTRADO

LÍDYA RAFAELLA DA SILVA MORAIS

**IDENTIDADE ACADÊMICA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA CONSTRUÇÃO DAS VOZES
AUTORAIS POR ALUNOS DE GRADUAÇÃO**

RECIFE

2022



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE MESTRADO

LÍDYA RAFAELLA DA SILVA MORAIS

**IDENTIDADE ACADÊMICA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA CONSTRUÇÃO DAS VOZES
AUTORAIS POR ALUNOS DE GRADUAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP), como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra

RECIFE

2022

M827i Morais, Lídya Rafaella da Silva
Identidade acadêmica em artigos científicos : uma análise
comparativa da construção das vozes autorais por alunos de
graduação / Lídya Rafaella da Silva Morais, 2022.
169 f.: il.

Orientador: Benedito Gomes Bezerra
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Mestrado
em Ciências da Linguagem, 2022.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Voz. 3. Redação acadêmica.
4. Letramento. 5. Estudantes universitários. 6. Gêneros textuais.
I. Título.

CDU 801

Luciana Vidal CRB4/1338

LÍDYA RAFAELLA DA SILVA MORAIS

**IDENTIDADE ACADÊMICA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA CONSTRUÇÃO DAS VOZES
AUTORAIS POR ALUNOS DE GRADUAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP), como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra

Aprovada em: 07/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (Orientador)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



Prof. Dr. Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



Prof. Dr. Renato Lira Pimentel
Universidade de Pernambuco (UPE)

RECIFE

2022

À minha família, com amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde durante esses dois anos de pandemia e pela sua proteção.

À minha família, em especial, por acreditar em mim desde quando propus participar da seleção do mestrado, antes mesmo de ter concluído a graduação, e que cuidou de mim nos momentos mais difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra, que tanto me incentivou e orientou desde quando era sua aluna na disciplina de linguística textual do curso de licenciatura em Letras, e que, desde então, tem me acompanhado no ingresso na área da pesquisa acadêmica.

Ao Prof. Dr. Antonio Henrique Coutelo de Moraes, que desde antes de concluir a graduação se dispôs a esclarecer quaisquer dúvidas ou preocupações sobre o processo de inserção na pós-graduação e, assim, tão gentilmente contribuiu para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Renato Lira Pimentel, que também empregou seu precioso tempo para melhorar esta pesquisa com suas sugestões e questionamentos.

Às minhas amigas e companheiras da graduação que me acompanharam também no mestrado, Kamyla Pradines Guimarães e Fábria Georgia dos Santos de Melo, que sempre me auxiliaram na resolução das dúvidas que naturalmente surgiam, bem como me deram força e incentivo para realizar todas as etapas desse processo.

Ao grupo de pesquisa Gêneros, texto e ensino (GETE), pelos proveitosos encontros em que pude participar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da UNICAP, com todos os seus professores que compartilharam seus conhecimentos e proporcionaram um ambiente acolhedor de aprendizado.

À CAPES/PROSUC pelo financiamento deste trabalho, visto que sem esse apoio não teria sido possível realizá-lo.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

*“Escrever — e não apenas ficção —
é sempre uma apropriação indevida.
Nossa singularidade como autores é
uma pequena nota na margem”.*
(Elena Ferrante)

RESUMO

Ao longo de sua trajetória em um curso de graduação, o estudante sente a necessidade de construir uma identidade social que seja compatível com a sua comunidade acadêmica. Seus professores costumam fomentar expectativas sobre como deve se portar ao se deparar com os diversos gêneros que fazem parte dos eventos de letramento próprios do ambiente. Assim, propusemos uma pesquisa comparativa sobre a relação entre as formas de manifestação da voz autoral nos textos e a construção da identidade acadêmica por alunos de graduação. Para tanto, foi utilizado um *corpus* composto de 20 artigos científicos divididos em dois grupos de estudantes, o primeiro formado por 10 trabalhos de graduandos em Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) que não foram publicados, e o segundo por 10 estudos de graduandos do mesmo curso de diferentes universidades brasileiras que foram publicados na Revista Ao Pé da Letra, criada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), podendo ter mais de uma autoria. Metodologicamente, apoiamos-nos na proposta integrativa de Castelló *et al.* (2011), que aborda a manifestação da voz nos textos utilizando um sistema composto por três dimensões de análise para ser usado no estudo da construção de textos em rascunho e finalizados, que integra a intertextualidade nas formas de citação e alusão proposta pelos autores, os recursos discursivos de posicionamento de Hyland (2005a), e os movimentos retóricos de Swales (1990). Nosso objetivo com este trabalho foi analisar comparativamente as formas de manifestação da voz autoral nesses dois grupos de textos, tomando-as como estratégias adotadas na construção da identidade acadêmica. Os resultados sugerem que, nos textos não publicados, a voz tende a ser menos intensa e categórica do que nos textos publicados, sendo menos enfática em suas colocações, enquanto nos textos efetivamente publicados há a presença de uma voz mais assertiva que demonstra um maior grau de confiança nas suas afirmações, investindo em argumentos que reivindicam uma identidade acadêmica própria. Deste modo, os dois grupos analisados apresentaram mais semelhanças do que diferenças, divergindo apenas quanto a alguns aspectos que refletem os propósitos finais de seus trabalhos, expressando uma voz que caracteriza os autores, demonstrando também que os estudantes são capazes de produzir textos acadêmicos, mas, ao mesmo tempo, ainda estão construindo suas identidades.

Palavras-chave: Voz autoral. Construção da identidade. Artigo Científico. Estudantes de graduação.

ABSTRACT

Throughout their trajectory in an undergraduate course, students feel the need to build a social identity that is compatible with their academic community. Their teachers tend to raise expectations about how they should behave when faced with the different genres that are part of the literacy events that are typical of this environment. Thus, we proposed a comparative research on the relationship between the forms of expression of the authorial voice in texts and the construction of academic identity by undergraduate students. For this purpose, we used a *corpus* composed of 20 scientific articles divided into two groups of students, the first one consists of 10 articles written by Letters undergraduates from the Catholic University of Pernambuco (UNICAP), and the second one of 10 articles written by Letters undergraduates from different Brazilian universities that were published in the Journal *Ao Pé da Letra*, created by the Federal University of Pernambuco (UFPE), which may have more than one authorship. Methodologically, we relied on the integrative proposal of Castelló *et al.* (2011) that addresses the manifestation of voice in texts using a system composed of three dimensions of analysis to be used in the study of the construction of draft and finalized texts, which integrates intertextuality in the forms of citation and allusion proposed by the authors, the discursive resources of positioning presented by Hyland (2005a), and the rhetorical movements pointed out by Swales (1990). Our objective with this work was to comparatively analyze the forms of expression of the authorial voice in these two groups of texts, taking them as strategies adopted in the construction of academic identity. The results suggest that, in unpublished texts, the voice tends to be less intense and categorical than in published texts, being less emphatic in its placements, while in effectively published texts there is the presence of a more assertive voice that demonstrates a greater degree of confidence in their statements, investing in arguments that claim an academic identity of their own. Thus, the two groups analyzed presented more similarities than differences, differing only in some aspects that reflect the final purposes of their work, expressing a voice that characterizes the authors, and showing that the students are capable of producing academic texts, but, at the same time, they are still building their identities.

Keywords: Authorial voice. Identity construction. Scientific article. Undergraduate students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura do artigo científico – IMRD.....	60
Figura 2 – Modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual quantitativo de recursos discursivos de posicionamento em introduções e primeiro tópico de artigos não publicados.....	94
Gráfico 2 – Percentual quantitativo de recursos discursivos de posicionamento em introduções e primeiro tópico de artigos publicados.....	95
Gráfico 3 – Percentual quantitativo de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos não publicados	103
Gráfico 4 – Percentual quantitativo de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos publicados	105
Gráfico 5 – Percentual quantitativo de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos não publicados.....	111
Gráfico 6 – Percentual quantitativo de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos publicados.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Total de ocorrências de recursos discursivos em introduções e primeiro tópico de artigos não publicados por estudantes	94
Quadro 2 – Total de ocorrências de recursos discursivos em introduções e primeiro tópico de artigos publicados por estudantes	96
Quadro 3 – Total de ocorrências de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos não publicados por estudantes	103
Quadro 4 – Total de ocorrências de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos publicados por estudantes	105
Quadro 5 – Total de ocorrências de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos de estudantes não publicados	112
Quadro 6 – Total de ocorrências de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos de estudantes publicados	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Descrição do cenário.....	14
Objetivos e questões norteadoras.....	17
Relevância da pesquisa	18
A escolha do gênero artigo científico e da área disciplinar.....	20
A organização retórica do texto da dissertação.....	20
1 IDENTIDADE NA ESCRITA ACADÊMICA	23
1.1 Identidade como um fenômeno plural e interativo	23
1.2 Identidade e discurso	26
1.3 Identidade e comunidade	28
1.4 Identidade e escrita	30
1.5 Identidade acadêmica no ensino superior	33
1.6 Letramentos acadêmicos	36
2 OS GÊNEROS ACADÊMICOS E O ARTIGO CIENTÍFICO	43
2.1 O que são gêneros textuais?.....	43
2.2 A abordagem teórica do Inglês para Fins Específicos (<i>English for Specific Purposes</i> – ESP).....	46
2.3 Gêneros acadêmicos.....	52
2.4 O artigo científico.....	55
2.4.1 A estrutura do artigo científico	59
2.4.1.1 A introdução do artigo científico	60
2.4.1.2 A seção de revisão de literatura do artigo científico	62
3 MANIFESTAÇÃO DA VOZ AUTORAL EM TEXTOS ACADÊMICOS	65
3.1 Noção de voz	65
3.1.1 Voz do ponto de vista individual, social e dialógico	67
3.2 O estudo da voz em textos acadêmicos.....	70
3.2.1 O posicionamento do autor	75
3.3 Abordagem metodológica do estudo da voz em textos acadêmicos	77
3.3.1 A proposta metodológica integrativa de Castelló <i>et al.</i> (2011)	77
3.3.1.1 Primeira dimensão: recursos discursivos de posição	78
3.3.1.2 Segunda dimensão: a intertextualidade	79

3.3.1.3 Terceira dimensão: movimentos de organização textual.....	80
4 METODOLOGIA	83
4.1 Contextualização da pesquisa.....	83
4.2 O tratamento dos dados	84
4.3 Delimitação do universo	86
4.4 O <i>corpus</i>	87
4.5 Procedimentos de análise	88
4.5.1 Primeira dimensão: recursos discursivos de posição	89
4.5.2 Segunda dimensão: a intertextualidade	90
4.5.3 Terceira dimensão: movimentos de organização textual.....	91
5 ANÁLISE COMPARATIVA TRIDIMENSIONAL DA IDENTIDADE ACADÊMICA POR MEIO DA VOZ AUTORAL DE GRADUANDOS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS	93
5.1 Primeira dimensão: o que os recursos discursivos de posicionamento propostos por Hyland (2005a) revelam	93
5.2 Segunda dimensão: o que o modelo de estudo da intertextualidade proposto por Castelló <i>et al.</i> (2011) revela.....	102
5.3 Terceira dimensão: o que a aplicação do modelo de investigação de movimentos retóricos (<i>moves</i>) de Swales (1990) revela	110
5.4 O que o resultado das análises das três dimensões em artigos científicos publicados e não publicados revela	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	143
ANEXOS	148
ANEXO A – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo não publicado analisados pela primeira dimensão de posicionamento	149
ANEXO B – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo publicado analisados pela primeira dimensão de posicionamento	153
ANEXO C – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo não publicado analisados pela segunda dimensão da intertextualidade	157
ANEXO D – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo publicado analisados pela segunda dimensão da intertextualidade	162

ANEXO E – Introdução do primeiro artigo não publicado analisada pela terceira dimensão dos movimentos retóricos	166
ANEXO F – Introdução do primeiro artigo publicado analisada pela terceira dimensão dos movimentos retóricos.....	168

INTRODUÇÃO

Descrição do cenário

Os diversos estudantes que ingressam no ambiente acadêmico sentem dificuldades com a necessidade de construir uma identidade na universidade. Professores da área de letras e linguística, por exemplo, requerem que seus alunos consigam escrever textos que não sejam apenas a sintetização de informações de forma impessoal e costumam fomentar expectativas altas sobre como o aluno deve se portar ao se deparar com os diversos gêneros científicos que constituem uma grande parte dos eventos de letramento, como a produção de gêneros de prestígio que, por sua vez, variam de acordo com as disciplinas. Assim, é esperado que os universitários se posicionem sobre os temas que escolhem trabalhar, construindo, então, suas próprias vozes dentro de seus textos.

O processo de aprendizado no nível superior exige que o aluno consiga dominar novos conhecimentos sobre interpretação, compreensão textual e organização de saberes, o que, muitas vezes, é dificultado pelo fato de ele não ter conhecimento prévio de como fazer isso, visto que a maioria dos estudantes do ensino médio não tem contato direto com os diversos gêneros que são requeridos nesse ambiente. Segundo Juchum (2014, p. 108) “as recentes pesquisas apontam que os estudantes calouros apresentam sérias dificuldades em produzir gêneros tipicamente da esfera acadêmica”, e Lucena (2020, p. 459), por sua vez, também identifica que “não é raro perceber a angústia em relatos de estudantes sobre a dificuldade que encontram nas práticas de leitura e produção de textos [...], uma vez que [...] em muito diferem daquelas que tiveram acesso em sua vida escolar”. Assim, o estudante universitário deve ter cuidado com a maneira como lida com esses gêneros, uma vez que eles fazem parte de sua identidade e integram todas as práticas e eventos de letramento que fazem parte de sua graduação.

A partir dos Novos Estudos de Letramento (NEL), é possível definir o letramento como “as diversas maneiras de uso da escrita”, enquanto, por sua vez, os letramentos acadêmicos são as variadas maneiras do uso da escrita dentro da academia, ou seja, no ambiente acadêmico (ARAÚJO, 2016, p. 36). Para Ivanič (1998), a escrita acadêmica é uma forma de letramento, visto que é constituída por meio das diversas

práticas e eventos típicos do ambiente universitário. Assim, o estudante não entra nesse ambiente e já assimila imediatamente como deve produzir seus trabalhos acadêmicos, mas sim precisa receber um direcionamento com algumas instruções e orientações de seus professores, uma vez que, caso isso não ocorra, é ainda mais difícil que ele consiga se adaptar ao que lhe é exigido na sua escrita acadêmica. No caso do curso de Letras, um dos gêneros de maior visibilidade e status na área é o artigo científico, visto que é essencial para a qualificação de projetos/cursos/programas de pós-graduação, especialmente na área de Linguística e Literatura, e sua assimilação e apropriação pelos graduandos tende a ser difícil e confusa, devido ao fato de muitos nunca terem entrado em contato com esse gênero.

Contudo, “o papel que alguns docentes universitários assumem é o de simplesmente exigir que este ou aquele aluno adapte-se à condição letrada que aquele ambiente exige, para que as dificuldades que possam ser identificadas sejam de inteira responsabilidade do aluno” (SILVA JÚNIOR, SILVA; 2017, p. 134). Isso implica certo abandono do aluno por parte do professor, que, em muitos casos, não tem tempo ou disposição para inserir o aluno nesse novo tipo de letramento e apresentá-lo às convenções e normas até então desconhecidas por ele. Deixado sozinho, o estudante precisa, em muitos casos, aprender por si só como conseguir produzir textos de acordo com os determinados gêneros impostos pela academia, buscando informações e pedindo ajuda para outros estudantes mais experientes, por exemplo.

Dessa forma, é possível entender que “não é simples para os estudantes se apropriarem de novas práticas de leitura e escrita tão somente pelo fato de terem sido promovidos a esses níveis de ensino”, uma vez que “trata-se de práticas complexas que envolvem a orientação do aluno para o desenvolvimento de múltiplas competências, numa complexa inter-relação entre aspectos linguísticos, cognitivos e socioculturais” (BEZERRA, 2012, p. 247). Ou seja, quando é exigido que esse novo universitário produza gêneros requeridos pela sua comunidade acadêmica de acordo com as normas que lhe são impostas, ele geralmente enfrenta muitas dificuldades para apreender como pode de fato se apropriar desses gêneros mais complexos, que envolvem uma nova forma de organização textual, muitas vezes sem receber orientações de seus tutores.

De fato, essa dificuldade, em geral, é refletida na produção de um texto acadêmico que muitas vezes não apresenta uma voz relevante que caracterize o graduando como um autor que manifesta uma identidade que o distingue e, ao mesmo tempo, o encaixa em uma determinada comunidade acadêmica. Entretanto, é importante atentarmos para a diversidade de papéis sociais que o indivíduo exerce ao dialogar com outros. Dessa forma, adotamos a visão de Bezerra (2015, p. 63) que, por sua vez, aborda a noção de identidade como um fenômeno interativo, plural e complexo. De acordo com o autor, as identidades são construídas dentro de discursos e são produzidas em locais específicos a partir de determinadas estratégias e práticas discursivas. Ao adotar o discurso como uma produção de uma identidade, analisa-se como o estudante age utilizando a imagem que constitui a ação de diversos sujeitos sociais. Assim, é na escrita, portanto, que o aluno consegue manifestar seu próprio pensamento por meio do diálogo com as vozes de outros autores com as quais ele precisa discutir para criar um texto que seja útil e pertinente para a construção do conhecimento na academia.

No entanto, há um conflito entre o estudante mostrar uma identidade própria por meio de um posicionamento que o caracterize e o diferencie dos outros autores e, ao mesmo tempo, precisar se encaixar em uma determinada comunidade que o aceite como membro legítimo. Segundo Lea e Street (1998), a abordagem dos letramentos acadêmicos envolve questões de discurso e poder que emergem das práticas acadêmicas de cada instituição, ou seja, existe uma demanda da instituição para que o aluno se aproprie dessas práticas por meio do domínio dos gêneros requeridos nesse ambiente através das disciplinas. Portanto, o estudante deve adequar-se a esse novo ambiente, atentando-se para a construção de sua própria identidade acadêmica, diferenciando-a de sua(s) identidade(s) fora desse local, uma vez que essa identidade exige que ele tenha cuidado ao lidar com os significados sociais que emergem das práticas que, por sua vez, fazem parte do letramento acadêmico.

Nesta pesquisa, propomos investigar comparativamente as formas de manifestação da voz autoral presentes em artigos científicos de diversas instituições publicados na Revista *Ao Pé da Letra*, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e em artigos não publicados que foram produzidos por graduandos para disciplinas do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) ou para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação

Científica (PIBIC), tomando-as como estratégias para a construção de suas identidades na escrita acadêmica.

Objetivos e questões norteadoras

O objetivo desta pesquisa é analisar comparativamente as formas de manifestação da voz autoral em artigos científicos publicados e não publicados que foram produzidos por graduandos em Letras, como estratégias adotadas no processo de construção da identidade na escrita acadêmica. Para tal fim, usamos a proposta metodológica integrativa formulada por Castelló *et al.* (2011, p. 111), tomando-a como o principal sistema de análise para o estudo da manifestação da voz na construção de artigos científicos, e, conseqüentemente, como uma pista para as estratégias adotadas pelos estudantes visando à construção de sua identidade como autores acadêmicos. Para atingir o objetivo geral deste estudo, delineamos os seguintes objetivos específicos:

(1) Mapear as formas de citação no artigo científico como estratégias de construção da identidade no diálogo com outras vozes autorais.

(2) Apontar os movimentos retóricos mais usados na organização textual dos artigos científicos analisados.

(3) Identificar os recursos discursivos que apresentam um posicionamento adotado pelos graduandos, tornando-os mais ou menos visíveis em seus textos.

Esses objetivos específicos, por sua vez, procuram responder às seguintes questões geradoras:

(1) As formas de citação no artigo científico revelam quais estratégias de construção de identidade?

(2) Quais são os movimentos retóricos mais utilizados na organização textual dos artigos científicos escritos por estudantes de graduação?

(3) Quais são os recursos discursivos de posicionamento que os autores mais usam em seus textos?

Entender como a presença do autor é marcada em textos é algo pertinente, uma vez que é a partir disso que é possível perceber como o escritor consegue utilizar os recursos discursivos para criar a sua voz autoral, que, por sua vez, o insere em determinados discursos sociais e culturais que formam sua identidade. Neste trabalho, portanto, a pergunta que conduz esta pesquisa é: como os graduandos constroem suas identidades acadêmicas a partir das diversas formas de manifestação da voz autoral como estratégias adotadas na produção da escrita de artigos científicos publicados e não publicados?

Relevância da pesquisa

A presente dissertação é uma continuação e um aprofundamento do trabalho que desenvolvemos nos anos de 2018 e 2019 no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), quando produzimos um estudo realizado por meio da coleta de informações sobre as percepções dos alunos de graduação do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) acerca do processo de produção de artigos científicos. Esse trabalho anteriormente realizado teve como objetivo analisar as formas de citação em artigos científicos como estratégias adotadas por graduandos em Letras no processo de construção da identidade no ambiente acadêmico. Não houve, nessa pesquisa, uma delimitação específica sobre quais seriam os períodos dos alunos a serem analisados, e, assim, todos os estudantes que foram entrevistados e forneceram material para a construção da base analisada no projeto foram, majoritariamente, de períodos intermediários.

Neste trabalho, propomos examinar detalhadamente essa problemática da construção da identidade no contexto acadêmico de graduandos utilizando as três dimensões de análise propostas no sistema postulado por Castelló *et al.* (2011) para o estudo da construção de textos, que não se detém apenas no estudo da intertextualidade, mas agrega os recursos discursivos propostos por Hyland (2005a) que o escritor usa para posicionar-se no texto, que, por sua vez, se dividem em cinco categorias distintas; e a análise dos aspectos estruturais baseada nas propostas de organização textual elaboradas por Swales (1990, 2004), denominadas de movimentos (*moves*).

A partir disso, investigamos dois grupos mais específicos de estudantes de graduação, compostos por 10 graduandos do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco que não publicaram os artigos coletados para este estudo, e 10 graduandos do curso de Letras de diferentes universidades brasileiras que tiveram suas pesquisas publicadas na Revista Ao Pé da Letra. Essa publicação é semestral e foi criada em 1998 pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com o objetivo de ser um veículo de divulgação de trabalhos acadêmicos escritos por alunos de graduação em Letras de todo o país, podendo publicar trabalhos com mais de uma autoria. No caso dos trabalhos não publicados, os alunos nos informaram que produziram os artigos que coletamos apenas para pontuação em disciplinas que cursaram ou para projetos, não buscando publicá-los. Esses dois grupos foram comparados com o intuito de decifrar como a identidade acadêmica é construída por meio da voz autoral na escrita de artigos científicos.

Estudos anteriores como o de Bessa (2016), que examina diálogos de jovens estudantes de mestrado em artigos científicos, e de Paula (2017), que também aborda o caráter dialógico da identidade acadêmica dentro dos contextos sociais, culturais e históricos, ajudam a revelar como a manifestação da voz autoral ocorre dentro de práticas e eventos acadêmicos. Street (2010), por sua vez, desenvolveu uma tabela com termos para explicar os critérios de avaliação e revisão de artigos acadêmicos, e Santos (2018) apresenta uma proposta pedagógica para a integração do ensino-aprendizagem na escrita acadêmica.

Todos esses trabalhos ajudam a entender como ocorre a formação de identidades acadêmicas, porém esta pesquisa se diferencia por propor uma comparação entre os trabalhos publicados produzidos por alunos de graduação e os trabalhos produzidos por graduandos que não foram publicados por diferentes motivos, como falta de tempo, sendo realizados ao longo de seus cursos, por exigência de disciplinas ou de projetos como o PIBIC, buscando, assim, as diversas formas de manifestação da voz autoral em cada texto analisado.

Com essa análise comparativa almeja-se desvendar as principais diferenças e similaridades no processo de construção da identidade acadêmica em textos escritos por graduandos que, ao longo das práticas e eventos de letramento de suas comunidades, desenvolvem suas vozes e constroem suas identidades acadêmicas, e

em textos escritos por estudantes de graduação que vão além das práticas e eventos de letramento dos seus cursos, publicando seus trabalhos e divulgando as suas pesquisas em revistas, por exemplo; investigando, assim, os diferentes níveis de desenvolvimento da voz autoral e as formas de construção da identidade.

Dessa forma, esta pesquisa possibilitou um melhor entendimento das práticas que constituem a formação de identidades acadêmicas e, assim, proporcionou caminhos para aprimorar e facilitar as vivências acadêmicas dos estudantes que ainda se sentem perdidos no processo de construção de um artigo científico.

A escolha do gênero artigo científico e da área disciplinar

A escolha de coletar artigos científicos justifica-se pelo fato de esse gênero ser um dos mais importantes para a academia, uma vez que é por meio dele que os graduandos conseguem compartilhar suas pesquisas e descobertas mais rapidamente, promovendo a circulação do conhecimento, e, assim, dialogando com outras pessoas das suas comunidades. Além disso, no contexto universitário, esse gênero é um dos mais requeridos para a qualificação de programas e projetos tanto de graduação como de pós-graduação.

O fato de este estudo ser baseado em trabalhos escritos por estudantes da área de Letras veio da necessidade desta autora de compreender como os graduandos conseguem construir e manifestar a sua voz como autores em seus textos acadêmicos. A partir da análise de artigos científicos produzidos por estudantes de graduação do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), da qual a autora também já fez parte, surgiu um questionamento sobre como alunos constroem suas identidades acadêmicas dentro desse novo contexto social, uma vez que a maioria dos estudantes é composta de pessoas recém-saídas do ensino médio, que, por sua vez, não são academicamente letradas.

A organização retórica do texto da dissertação

O corpo desta dissertação está organizado em 5 capítulos, excluindo a introdução e as considerações finais. Na seção de introdução, apresentamos o tema, descrevendo o cenário em que o estudo se situa, o objetivo principal, as questões

norteadoras e a relevância do estudo, bem como o motivo da escolha de trabalhar com o gênero artigo científico e com a área de Letras.

No capítulo 1, abordamos a questão da identidade na escrita acadêmica, definindo a noção de identidade que adotamos para este estudo, relacionando-a com as noções de discurso, comunidade e escrita. Também tratamos dos letramentos acadêmicos e, por fim, da identidade acadêmica.

No capítulo 2, apresentamos os gêneros acadêmicos, com foco especial no artigo científico, detendo-nos na abordagem teórica dos gêneros textuais do Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes* – ESP). Incluímos, também, um modelo de estruturação do artigo científico chamado de IMRD, detendo-nos nas seções de introdução, mas também indo além desse esquema ao tratar a revisão de literatura, presente na introdução, como uma seção separada, visto que são pertinentes para este estudo.

No capítulo 3, abordamos a manifestação da voz autoral em textos acadêmicos, definindo a noção de voz que adotamos para esta pesquisa, e relacionando-a com os pontos de vista individual, social e dialógico. Trazemos também uma breve síntese do estudo da voz em textos acadêmicos, explicando a questão do posicionamento do autor em seus textos, bem como apresentamos a abordagem metodológica do estudo da voz nesse contexto, detendo-nos na proposta metodológica integrativa de Castelló *et al.* (2011), que abarca três dimensões compostas pelos estudos dos recursos discursivos que o autor usa para posicionar-se no texto propostos por Hyland (2005a), a intertextualidade nas formas de citação e alusão propostas pelos referidos autores mencionados, e os movimentos (*moves*) utilizados na organização da introdução de artigos propostos por Swales (1990).

No capítulo 4, estabelecemos os procedimentos metodológicos que servem de base para este estudo. Para tanto, contextualizamos a pesquisa e delimitamos seu universo, bem como discutimos o tratamento dos dados e o *corpus* que a compõe, revelando os procedimentos de análise adotados que abarcam a proposta tridimensional metodológica integrativa de Castelló *et al.* (2011), já aprofundada no capítulo anterior.

No capítulo 5, empreendemos as análises do *corpus* que se baseiam nas três dimensões anteriormente citadas da proposta metodológica que adotamos neste trabalho. Assim, aplicamos o modelo de análise de posicionamento de Hyland (2005a), o de intertextualidade de Castelló *et al.* (2011) e o de movimentos (*moves*) retóricos de organização textual de Swales (1990). Em seguida, apresentamos os resultados do tratamento dos dados, comparando as análises das três dimensões aplicadas aos dois grupos estudados, descrevendo o padrão revelado nas análises dos artigos científicos publicados e não publicados e o que isso implica na compreensão da construção de identidade e de manifestação da voz autoral em textos acadêmicos.

Para finalizar este estudo, apresentamos as considerações finais, descrevendo o percurso percorrido, fazendo um resumo do conteúdo desta dissertação, mostrando também os pontos de destaque, implicações e contribuições, e, por fim, dando sugestões para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1

IDENTIDADE NA ESCRITA ACADÊMICA

Este capítulo tem como propósito principal apresentar a noção de identidade que adotamos para este estudo, relacionando-a com os conceitos de discurso, comunidade e escrita. Posteriormente, explicamos o que são os letramentos acadêmicos para, por fim, esclarecermos o que de fato entendemos como identidade acadêmica, buscando elucidar como a escrita do autor é mediada pela interação com o seu leitor e os seus pares acadêmicos, bem como o contexto social que envolve a sua comunidade, nos alinhando, assim, à perspectiva socioconstrutivista. Dessa forma, o autor acadêmico busca projetar uma identidade que engloba um discurso que ao mesmo tempo que o diferencia dos outros discursos socialmente disponíveis, também o encaixa nesse espaço, validando-o como uma boa fonte de conhecimento.

1.1 Identidade como um fenômeno plural e interativo

O que é identidade? Como ela é constituída ao longo do tempo de vida de um indivíduo? Ela é algo individualizado que já nasce com o ser humano ou é construída socialmente? Existe mais de uma identidade? E o que é identidade acadêmica? Pretendemos responder essas e outras indagações neste primeiro capítulo. Para falarmos do conceito de identidade acadêmica, assumiremos os pressupostos de Ivanič (1998) e Hyland (2012a) como principais pontos de norteio para o estudo deste trabalho. Outros autores como Araújo (2016), Paula (2017) e Rahimivand e Kuhl (2014) também fornecem excelentes contribuições para a compreensão de como ocorre a construção de uma identidade dentro do ambiente universitário e das práticas e eventos de letramento específicos desse universo.

Em seu conceito mais simplista, visivelmente atribuído pelo senso comum, a identidade é tomada como algo singular e único que caracteriza um determinado indivíduo, trazendo um senso de autorreconhecimento. Assim, uma pessoa traria dentro de si própria uma forma de existir e se identificar no mundo. Porém essa visão de que somos “indivíduos únicos com uma identidade ‘verdadeira’ estável trancada bem no fundo de nós” é errônea, uma vez que “como experimentamos e gerenciamos nosso senso de quem somos é muito mais complexo”, visto que “também

reconhecemos que nossos comportamentos, afiliações e até mesmo nossas formas de falar mudam através de encontros com pessoas diferentes, muitas vezes criando tensões e conflitos” (HYLAND, 2012a, p. 1)¹. Dessa forma, quando falamos de identidade, também precisamos entender que apesar de ela ser algo que particulariza uma determinada pessoa, individualizando-a, ela não constitui um “eu” único, singular e imutável, uma vez que ela é concebida a partir das interações e trocas sociais entre indivíduos, sendo, portanto, algo socialmente produzido.

No campo da sociologia, Hall (2000, p. 109-110) também defende que identidades são produzidas por meio do discurso, e, portanto, elas estão inseridas nos jogos de poder característicos de determinados locais historicamente e institucionalmente particulares, sendo constituídas no interior de determinadas práticas discursivas através de estratégias e iniciativas tomadas pelo indivíduo nesse contexto, sendo produto das diferenças e exclusões que abarcam esse conceito de identidade, uma vez que ela é formada justamente por essas diferenças que funcionam, ao longo da história do indivíduo, como uma identificação e apego com aquilo que lhe falta. Há, portanto, uma relação com o outro que, por sua vez, só existe devido ao fato de essa identidade social ser constituída por esses jogos de poder.

Dessa forma, quando falamos que somos “cristãos”, por exemplo, estamos automaticamente excluindo todas as outras religiões, como o budismo, o hinduísmo e o islamismo, da nossa identidade, ou seja, estamos dizendo que não somos budistas ou hinduístas, havendo, assim, uma relação entre as diferenças e a identidade que constitui os sujeitos sociais. Assim, essas diferenças estão intrinsecamente ligadas à noção de identidade.

Ivanič (1998, p. 10), por sua vez, chama nossa atenção para o fato de que a construção da identidade de um indivíduo é “um complexo de posicionamentos entrelaçados”, e, conseqüentemente, isso envolve o uso de vários recursos socialmente disponíveis. Ou seja, devemos desconsiderar essa ideia de que a identidade é homogênea, visto que ela é algo plural, complexo e interativo, e, portanto, heterogêneo. Por isso a linguista defende que não devemos falar de identidade no

¹ Todas as traduções de citações de obras em língua estrangeira nesta pesquisa são de responsabilidade da autora.

singular, mas sim de identidades no plural, uma vez que isso “captura a ideia de pessoas se identificando simultaneamente com uma variedade de grupos sociais” (1998, p. 11). Portanto, nessa perspectiva, como define Araújo (2016, p. 18), toma-se a identidade como algo que é construído a partir das interações humanas, das relações que fazem parte da convivência social, que, por sua vez, são carregadas de discursos, não sendo, portanto, algo permanente ou imutável, uma vez que o discurso de um indivíduo é constituído por meio dos discursos que permeiam o seu meio social. É a partir do contato e convívio com o outro que o indivíduo cria sua própria identidade, que, por sua vez, é constituída de várias identidades oriundas da identificação nos outros, influenciando e sendo influenciado por eles. Essa perspectiva de que a identidade é múltipla e socialmente construída é denominada de socioconstrutivista, e a adotamos para os propósitos deste estudo.

Por seu caráter múltiplo, essas identidades também podem ser contraditórias ou inter-relacionadas dependendo de diferentes momentos, e constituem o senso de identidade de um determinado indivíduo, com todos os seus dilemas (IVANIČ, 1998, p. 11). Assim, não existe uma identidade única, mas sim identidades heterogêneas, visto que variam de acordo com o contexto e, portanto, dependem dos diferentes papéis sociais que as caracterizam. Ou seja, não há uma neutralidade, uma vez que a escrita incorpora, mesmo que de forma não explícita, interesses e ideologias, além das relações e práticas de poder de sua comunidade. Dessa forma, a construção de uma identidade é fruto das negociações com os valores e crenças advindos da bagagem cultural do indivíduo.

Para este trabalho, também adotamos o mesmo posicionamento de Ivanič (1998, p. 11) de tratar o fenômeno da identidade no singular, mesmo ela sendo algo plural e complexo, para abarcar as diversas identidades que constituem um determinado ser humano, visto que a teórica nos traz um questionamento que consideramos também pertinente para este trabalho: se falarmos de identidades no plural, não estaríamos produzindo um conceito errôneo de que o indivíduo é fragmentado? Consideramos mais apropriado, então, usarmos esse termo no singular para evitar maiores equívocos ao decorrer da leitura deste trabalho.

Assim sendo, existem diversas formas de enxergar o fenômeno da identidade de variados pontos de vista teóricos, visto que nas ciências sociais alguns teóricos

têm uma visão de que a identidade seria uma forma de unificar a experiência humana, tornando possível seguir com a vida, enquanto, para outros, a identidade seria algo frágil que varia de acordo com as mudanças que ocorrem naturalmente no mundo capitalista e globalizado em que vivemos, sendo, assim, algo segmentado; entretanto, há uma concordância de que não existe apenas uma identidade, mas sim várias identidades que são reconhecidas pelas pessoas, que se identificam (HYLAND, 2012a, p. 1). Assim, uma mesma pessoa é constituída por diversas identidades que, por sua vez, podem ser conflitantes; por exemplo, ao mesmo tempo que um determinado indivíduo se identifica como um empresário, ele também pode se identificar como pai, filho, homem, brasileiro, conservador, cristão, cidadão de classe média alta, entre outros.

1.2 Identidade e discurso

Para entendermos como uma identidade é construída socialmente precisamos primeiro atentar para o conceito de discurso, afinal é por meio dele que é possível ocorrer a formação de uma identidade. A perspectiva socioconstrutivista “trata a identidade como um processo construído pelos discursos e modos de comportamento que compõem as interações” (ARAÚJO, 2016, p. 20), e isso implica que, nessa visão, a produção de identidade, tanto política, como sexual ou emocional, é constituída pela ligação entre as crenças do indivíduo e as possibilidades particulares socialmente disponíveis em seu meio, não sendo, portanto, apenas proveniente da psique do indivíduo (IVANIČ, 1998, p. 12). Dessa forma, dentro dessa visão, não existe uma identidade inerente ao ser humano; ele não nasce com uma determinada identidade pura e psicologicamente constituída, ou seja, produzida pela sua própria mente a partir de seus anseios e valores pessoais, sem envolvimento de terceiros externos, mas sim é fruto dos diversos discursos presentes no contexto social ao longo de sua vida, identificando-se com determinadas formas de ser e existir em seu ambiente.

Assim, entende-se que a noção de identidade aqui discutida está relacionada diretamente com o caráter interacional da linguagem, uma vez que é por meio do social que os indivíduos produzem e reproduzem os discursos existentes em seu contexto, seja familiar, profissional, entre outros.

Para Ivanič (1998, p. 18) “discursos são o local em que a identidade se manifesta”, e Araújo (2016, p. 27), por sua vez, defende que “os indivíduos se posicionam e se reposicionam em suas relações sociais através do discurso e, conseqüentemente, pela linguagem”. Isso quer dizer que é por meio do discurso que o ser humano consegue adotar posições que, por sua vez, constituem sua identidade, podendo mudá-las a qualquer momento, uma vez que as diversas identidades que compõem um determinado indivíduo são socialmente construídas e, por isso, podem ser modificadas ao longo de sua vida de acordo com as diversas mudanças que podem ocorrer em suas comunidades e em suas relações e interações sociais. Dessa forma, o papel do discurso na produção de uma identidade é fundamental, visto que ele é o meio pelo qual o indivíduo mostra a sua identidade, posicionando-se e reposicionando-se ao longo de sua vivência.

Fairclough (2008, p. 91), por sua vez, define o discurso como uma forma de ação em que os indivíduos conseguem agir sobre os outros e o mundo, sendo também uma forma de representação em que o sujeito é moldado e restringido, no sentido amplo, pela sua estrutura social em todas as suas dimensões e níveis, contribuindo para o estabelecimento de todas as dimensões que diretamente ou indiretamente a compõem, com todas as suas normas e convenções, bem como as relações, identidades e instituições que estão implícitas nessa estrutura. Assim, nessa visão, o discurso é constituído por meio da linguagem, que, por sua vez, é proveniente do coletivo, do âmbito social, não sendo, portanto, algo individualizado, mas sim moldado pelas estruturas sociais de um indivíduo, bem como pelas relações de poder e ideologias existentes no contexto social, com seus conhecimentos e crenças. Assim, o discurso é uma prática de representação dos significados instáveis e históricos universalmente compartilhados socialmente, formando, portanto, identidades e relações sociais.

No contexto da escrita acadêmica, que é o foco deste estudo, os interesses, valores, crenças e práticas de determinados grupos moldam as características particulares do discurso, ou seja, o autor, por meio de sua escrita, faz escolhas de palavras, estruturas e formas de falar específicas que o posiciona de acordo com os seus interesses, crenças e valores, entre outros aspectos que fazem parte da sua vivência, revelando o seu alinhamento com essas palavras e estruturas, que, por sua vez, apresentam uma afirmação de identidade do escritor (IVANIČ, 1998, p. 42). Ao

adotarmos determinadas formas de nos posicionarmos ou de nos expressarmos como indivíduos dentro do contexto da escrita no ambiente universitário, nós não estamos fazendo apenas escolhas arbitrárias ou aleatórias, mas sim buscamos nos encaixar em um certo grupo ou comunidade social que nos ofereça segurança, um senso de pertencimento, nos identificando com as convicções e normas dele. Assim, o escritor sempre leva em consideração as normas e convenções que regem o seu meio social.

1.3 Identidade e comunidade

É importante atentarmos para o fato de que a identidade é um fenômeno social, sendo uma estrutura que unifica processos de criação de significado enquanto o indivíduo participa das comunidades sociais aos quais pertence (HYLAND, 2012a, p. 147). Isso significa que é a partir das relações entre os indivíduos que ocorre a formação de comunidades, que, por sua vez, geram identidades tanto grupais como individuais, uma vez que cada um de nós desempenha variados papéis que nos fazem encaixar em certos grupos sociais.

O conceito de comunidade, portanto, demonstra que os indivíduos fazem uso da linguagem para se comunicarem com os membros de seus grupos sociais, e isso envolve aspectos que são extremamente importantes para a interpretação e produção de discursos tanto falados quanto escritos, uma vez que levam em consideração as crenças, convenções e categorizações que compõem esses grupos, sendo necessário que os seus membros saibam lidar com variadas formas de conhecimento que incluem elementos como os seus interlocutores, a cultura, as convenções, os textos socialmente disponíveis; em outras palavras, o conhecimento de mundo que, por sua vez, demonstra escolhas que o indivíduo faz e que impactam diretamente na sua identidade (HYLAND, 2012a, p. 11). Dessa forma, quando nos comunicamos com os outros estamos buscando fazer trocas de conhecimento com os outros membros de uma determinada comunidade, sendo que cada uma das pessoas que a integram carrega em si suas identidades e visões de mundo, com suas próprias crenças, ideologias e normas. Isso quer dizer que é a partir da interação dentro da comunidade que ocorre a formação de uma identidade.

Portanto, dentro dessa visão, a identidade e a autoria ocorrem por meio de uma interação social, não podendo ser concebidas fora da comunidade da qual o indivíduo

faz parte, e, dessa forma, são povoadas por outras identidades e discursos que emergem dessa situação interacional, podendo ser modificadas de acordo com o meio social, cultural, histórico em que o indivíduo está inserido (PAULA, 2017, p. 87). Assim, quando estamos inseridos em uma determinada comunidade, adotamos discursos que emergem do âmbito social, dos intercâmbios e trocas provenientes das relações que permeiam o convívio em sociedade, avaliando e alinhando nossos discursos com os outros discursos disponíveis e que são propagados ou rejeitados ao longo da história e do tempo.

A identidade, então, é o resultado das relações entre o eu e a comunidade, o que Hyland (2012a, p. 123) chama de proximidade, e, também das relações entre o eu e a mensagem, que ele chama de posicionamento. Dessa forma, existe todo um repertório comunitário em que os indivíduos se apropriam, se assimilam e se adequam de acordo com suas próprias necessidades e preferências pessoais. Do ponto de vista da escrita acadêmica, essa visão prega que a filiação que uma pessoa faz com uma determinada disciplina, bem como a sua identidade, são constituídas por meio de uma tensão entre o seu senso de individualidade e o seu senso de pertencimento e acomodação a uma comunidade, ou seja, ao mesmo tempo em que ela quer se encaixar em um grupo, ela também quer ser reconhecida como indivíduo, se destacando dos outros, e isso, por sua vez, é possível por meio dessas relações de proximidade e posicionamento.

Nessa perspectiva, a proximidade, então, une o indivíduo ao coletivo por meio das práticas sociais e discursivas da disciplina e das relações de poder resultantes delas, enquanto o posicionamento significa uma reação e uma tomada de posição, uma postura adotada para tratar de uma determinada visão particular e pessoal que difere dos outros membros da sua comunidade, neste caso, da sua comunidade acadêmica (HYLAND, 2012a, p. 123). Isso implica que há uma preocupação do indivíduo em ser aceito pelos seus semelhantes, mas, ao mesmo tempo, também há uma vontade de se destacar dos demais, de dar uma nova contribuição para sua comunidade, de não só ouvir, mas de também ser ouvido e compreendido.

Logo, as comunidades “são [...] imagens extremamente poderosas das quais os indivíduos se baseiam retoricamente e estrategicamente, abrangendo noções de inclusão e exclusão e carregando uma dimensão normativa de 'como as coisas

deveriam ser” (HYLAND, 2012a, p. 11). Isso porque é a partir da inserção como membros de comunidades que os indivíduos fazem escolhas que refletem seus diferentes posicionamentos diante das várias crenças e normas de seus grupos sociais, assim como essas comunidades trazem uma sensação de segurança para eles, uma vez que encontram outras pessoas com opiniões, crenças e valores semelhantes, podendo discuti-los uns com os outros, criando novas visões e ideias. Essa interação, portanto, gera uma identidade que situa o indivíduo como um membro legítimo e valioso para a comunidade de que participa.

1.4 Identidade e escrita

Para Ivanič (1998, p.32), escrever é um “ato de identidade” que faz com que as pessoas adotem determinadas possibilidades socioculturais de existir no mundo e, assim, reproduzem ou contestam valores e crenças, rechaçando ou acolhendo interesses que constituem as práticas existentes nos discursos dominantes. Dessa forma, no contexto universitário, os alunos de cursos de graduação, que são objeto deste estudo, descobrem que seus discursos e práticas acadêmicas sustentam identidades distintas da sua vida não acadêmica, ou seja, a identidade é concebida através de práticas de letramento que fazem com que o estudante crie a sua própria identidade nesse ambiente. Trataremos melhor sobre o conceito de letramentos nas próximas páginas.

A autora, então, defende que o escritor necessariamente leva em conta questionamentos sobre quem é seu leitor e quais conhecimentos ele presumidamente já dispõe em seu arcabouço mental, fazendo com que o autor precise apenas aludi-los ou mencioná-los brevemente em seu texto, sem precisar introduzi-los. Além disso, também é fundamental pensar na reação do leitor ao seu texto, buscando construir uma relação cordial com o seu leitor, bem como buscando trazer uma identidade autoral que ofereça segurança e credibilidade, para tanto, muitas vezes tendo de usar outros autores mais prestigiados em seu meio para dar veracidade para suas argumentações. Assim, ao escrever um determinado texto, o autor automaticamente leva em consideração o seu pretense leitor e quais argumentos e ferramentas de persuasão ele pode usar para conquistá-lo, tendo em vista a sua aceitação como uma fonte crível.

A partir da perspectiva do estudo sobre a escrita no contexto acadêmico de Rahimivand e Kuhi (2014, p. 1492), que afirmam que é no texto que ocorre a construção, a negociação e a criação do conhecimento e das identidades do escritor por meio das interações sociais que ocorrem em sua comunidade acadêmica, é possível concluir que os textos, tanto falados quanto escritos, são, portanto, uma reprodução de outros textos com que um determinado sujeito teve contato ao longo de sua vida. Espera-se, então, que os autores produzam conhecimento, façam reivindicações e revelem crenças de uma forma que seja reconhecida pela sua comunidade. Assim, é possível concluir que os textos devem reverberar a identidade do escritor por meio da sua voz autoral, mas, ao mesmo tempo, ele não pode se afastar das convenções e normas que regem sua comunidade acadêmica.

Portanto, “quem somos afeta a forma como escrevemos, o que quer que estejamos escrevendo, seja uma carta para um amigo ou uma dissertação” (IVANIČ, 1998, p. 181-182). Isso implica que tudo o que escrevemos é afetado pelos diversos papéis sociais que adotamos como membros de determinadas comunidades discursivas, ou seja, nossas visões, ideologias, valores, nossas cargas de vida influenciam quem somos e se impregnam nas nossas produções textuais. Logo quando falamos de produção textual, precisamos atentar para o modo como nossos textos são produtos marcados pelas nossas experiências pessoais vividas, com todas as suas relações conflitantes de poder e suas convenções sociais. Porém, no contexto da escrita acadêmica, isso pode ser desvalorizado dependendo da área ou da disciplina que o estudante cursa. Por exemplo, nem tudo o que escrevemos no contexto universitário é fruto de um genuíno interesse do autor, visto que às vezes ele precisa seguir o que um professor solicita.

De acordo com Hyland (2012a, p. 148)

A escrita captura a dinâmica de quem somos. Isso porque expressa nossa consciência de nossa individualidade dentro das possibilidades de construção de uma identidade disponibilizadas pelas convenções discursivas e significados de uma comunidade social. O ato de escrever representa a negociação do que foi com interpretações do aqui e agora, combinando nossa experiência interpessoal e atuação organizada legitimada por meio de discursos autorizados. Esses discursos são restrições poderosas sobre o tipo de pessoa que podemos ser em qualquer contexto, mas não determinam o que somos: a experiência de uma identidade única transborda as categorias semióticas que esses discursos nos oferecem. [...] não

habitamos simplesmente papéis predefinidos ou aceitamos o pacote que nos é oferecido. O posicionamento é o espaço que criamos para nós mesmos dentro do contexto das convenções disciplinares aceitas. (HYLAND, 2012a, p. 148).

Dessa forma, a escrita é produto das negociações que o autor de um determinado texto faz ao adotar certos posicionamentos que, por sua vez, reverberam a sua identidade como escritor. Quando escrevemos, não estamos apenas aderindo aos discursos presentes no contexto/espaço que habitamos, estamos também fazendo escolhas de acordo com as normas que regem as nossas comunidades, visto que ao mesmo tempo em que não podemos nos afastar completamente delas, podemos, porém, nos colocar e nos marcar em nossos escritos, mostrando, assim, as nossas visões sobre determinados assuntos. Assim, quando construímos uma identidade, estamos, ao mesmo tempo, ajustando as convenções e regras que regem as nossas comunidades sociais e criando um certo ponto de vista que nos caracteriza como indivíduos.

A constituição de quem nós somos, o que forma nossas identidades são “as posições de sujeito e relações sociais que são estabelecidas para nós como consequência de nossa classe social, etnia, gênero, constituição física, habilidades e deficiências, e a forma como estas são construídas no âmbito social e contexto cultural em que vivemos” (IVANIČ, 1998, p. 182). Ou seja, nossas identidades são formadas pelos nossos posicionamentos e vínculos que, por sua vez, são constituídos socialmente. Por exemplo, a identidade de uma mulher evangélica de classe média baixa integrante de uma determinada igreja neopentecostal é moldada socialmente de acordo com os valores, crenças e normas de sua comunidade, a partir da tomada de posições que a inclui no mesmo contexto social dos outros integrantes que compartilham com ela essas mesmas particularidades que a caracteriza diante de seus semelhantes e que compõem sua vida e suas experiências pessoais. Assim, quando ela se apresenta como evangélica ao conhecer uma nova pessoa, esse outro indivíduo já identifica determinados valores e crenças que geralmente fazem parte do que caracteriza pessoas da mesma comunidade em que ela se encaixa.

Sendo assim, podemos tomar a escrita como “a representação do ‘eu’, o modo como o indivíduo se retrata para os outros, inscrevendo versões particulares de si, apresentando uma versão da realidade por meio de discursos disponíveis para

estabelecer diálogo com o mundo”, e isso significa, portanto, que “escrever é construir o saber, comunicá-lo por meio dos discursos disponíveis, apropriando-se dele e estabelecendo uma relação dialógica com a comunidade e o mundo” (PAULA, 2017, p. 91). O ato de escrever, então, é caracterizado pela forma como o autor busca criar uma identidade que o diferencie dos outros por meio da adoção de discursos já existentes em seu meio, muitas vezes já bastante difundidos por seus pares, mostrando a sua própria versão, a sua forma de enxergar determinadas realidades e de se posicionar diante delas. Isso implica um diálogo entre o autor e a sua comunidade, mostrando uma visão de mundo particular.

1.5 Identidade acadêmica no ensino superior

Quando falamos de identidade no contexto do ensino superior, precisamos entender a escrita acadêmica como uma representação do “eu” (HYLAND, 2002), como já falamos anteriormente. Sendo assim, os graduandos e pós-graduandos devem construir e projetar uma identidade própria como escritores que seja refletida em autoridade e credibilidade em suas áreas, e, para isso, precisam transmitir confiança e comprometimento em seus trabalhos. A partir da visão da escrita acadêmica como uma representação do autor, pode-se afirmar que as escolhas discursivas fazem com que o indivíduo se encaixe em uma determinada comunidade através do compartilhamento de valores e crenças específicos desse grupo social, envolvendo-se ao se situar uma determinada fala por meio da antecipação do que o seu leitor conseguirá compreender do seu texto, precisando, portanto, que ocorra o reconhecimento de que o autor é bem fundamentado e confiável.

Para que isso seja possível, o estudante precisa projetar uma identidade que o identifique como acadêmico de sua área disciplinar, e, para tanto, ele necessariamente deve aderir às práticas dessa disciplina, aprendendo a lidar com os discursos que a permeiam de uma forma que o torne aceito por esse grupo, precisando, assim, lidar com as trocas de informações, as alianças construídas, as disputas de ideias que, por sua vez, envolvem relações de poder, bem como também precisa aprender a trabalhar em conjunto com pessoas de personalidades e temperamentos diferentes, mas que compartilham um propósito em comum; e isso tudo implica que o estudante tem que se adaptar e moldar suas práticas de acordo com o que cada disciplina demanda, sendo que cada uma dessas disciplinas tem a sua

própria caracterização de acordo com suas práticas, convenções e critérios de julgamentos, entre outros aspectos (HYLAND, 2012a, p. 15-16). Assim, entende-se que os escritores universitários são obrigados a atender às expectativas de sua comunidade acadêmica, sempre levando em consideração se os seus pares, como professores e colegas de sala de aula, compreenderão os seus textos; entretanto, ainda assim precisam mostrar um posicionamento que os situem como autores detentores de uma identidade própria para a construção do conhecimento na academia.

Miranda (2019), por sua vez, argumenta que há diversas formas de deixar uma ideia e marca própria na escrita acadêmica baseando-se na experiência do autor, e essas marcas estão inscritas na materialidade do texto e revelam tanto o sujeito como o outro. Dessa forma, a produção da escrita não é apenas uma escolha de recursos para expressar conceitos e posicionamentos ou para dialogar com outros discursos, mas sim uma forma de o autor construir uma nova leitura daquilo que leu, interpretando-o, e não apenas repetindo discursos de autores já consagrados, assumindo, assim, uma postura de sujeito de seu texto. É por meio dessa tomada de ação de apresentar no texto acadêmico uma postura que o caracteriza e diferencia como autor que o estudante consegue mostrar sua identidade na sua escrita, revelando-se no seu texto de uma forma que deixa claro o discurso que defende e as afirmações com as quais se compromete.

Dessa forma, para a construção de uma identidade ser bem-sucedida é preciso principalmente que ela seja reconhecida pelas pessoas com que entra em contato, e isso implica que as diferentes formas de usar linguagem podem muitas vezes encorajar ou desencorajar determinadas identidades, limitando as opções que o estudante pode fazer como autor, uma vez que ao escrever um texto acadêmico o graduando sente a necessidade de se encaixar em um papel que a disciplina exige dele, tornando difícil que ele consiga trazer algo do seu âmbito mais pessoal e individual, visto que a escrita e a identidade se relacionam de uma forma que as tornam inseparáveis, uma vez que não há como desassociar o conteúdo do seu trabalho acadêmico com o seu “eu” que o caracteriza como autor nesse ambiente (HYLAND, 2012a, p. 17). Isso implica que o estudante, tanto de graduação como de pós-graduação, ao escrever um texto típico da academia, necessita trazer em seu texto uma voz que apresenta a sua identidade autoral, mas essa voz, muitas vezes, é

moldada para assumir uma determinada impessoalidade, especialmente se ele quer ser visto como uma autoridade em sua área, não permitindo que o autor consiga trazer elementos que não sejam reconhecidos como válidos por seus pares acadêmicos, uma vez que são monitorados e avaliados, o que torna difícil projetar uma imagem como autor que de fato ele se reconheça e de que realmente goste.

Partindo do princípio de que “a escrita é uma negociação complexa de um senso de identidade e a regulamentação institucional da construção de significado” (HYLAND, 2012a, p. 20), entende-se que os estudantes universitários precisam negociar a sua identidade pessoal, fora da esfera acadêmica, com a sua identidade autoral dentro desse ambiente que constantemente exige a produção e a circulação do conhecimento científico, o que, especialmente no caso de graduandos iniciantes, gera conflito entre a necessidade de adotar normas e convenções que os tornem bem vistos por seus pares e, ao mesmo tempo, de assumir uma identidade que os mostrem como autores que produzem um discurso próprio que os individualizam. Essa tensão entre individualidade e comunidade é uma das mais difíceis de serem solucionadas no âmbito da escrita acadêmica de autores iniciantes.

Dessa forma, o escritor se insere nos discursos socialmente disponíveis em sua comunidade e tenta se tornar membro dela, e, para que isso seja possível, ele necessita criar uma identidade que o caracterize como um membro valioso, sendo o texto escrito uma das únicas formas em que o estudante pode ser avaliado por seu tutor no que diz respeito ao seu modo de escrever como autor acadêmico, e isso, muitas vezes, faz com que o estudante tente passar uma imagem menos pessoal, em que ele tenta não se mostrar muito presente na sua escrita. Entretanto, por mais que tente, nunca conseguirá não se colocar em seu texto, uma vez que ao simplesmente escolher o tema e os discursos com os quais dialogará em seu estudo, ele já se mostra como autor, ao apresentar o seu julgamento por meio das escolhas que faz em seu trabalho escrito (IVANIČ, 1998, p. 101). Assim, não há como produzir um texto em que a identidade do autor não esteja presente, mas sim há a escolha de torná-la mais ou menos explícita, dependendo, então, da imagem que ele anseia passar para o seu leitor, antecipando os julgamentos que ele fará ao ler seu texto, mesmo que de forma inconsciente.

Ainda assim, muitos estudantes iniciantes na prática da escrita e na produção dos gêneros acadêmicos se sentem incapazes de produzir textos que os mostrem como autores seguros e confiantes no que dizem em seus estudos, muitas vezes não sabendo como projetar uma imagem que de fato mostre a sua identidade como autores, uma vez que os leitores têm valores e crenças diferentes das do autor do texto que estão lendo, podendo interpretá-lo de uma maneira diferente da almejada pelo escritor, e, para tanto, ele deve calcular exatamente as possíveis interpretações que podem surgir dos discursos que permeiam sua pesquisa, entendendo que há uma relação assimétrica de poder entre o escritor e o leitor (IVANIČ, 1998, p. 102). Isto posto, entende-se que no âmbito do ensino superior as exigências para a produção dos gêneros acadêmicos são ainda mais difíceis para os estudantes recém-saídos do ensino médio, visto que são constantemente cobrados a produzirem textos mais complexos do que os que normalmente tinham que escrever anteriormente, sendo regularmente avaliados, e isso pode gerar uma autoimagem negativa que certamente será refletida em todas as suas atividades e produções textuais na universidade, e conseqüentemente, na construção da sua identidade acadêmica.

Por isso é importante encorajar o estudante a participar da produção de conhecimento de sua comunidade acadêmica, mas, acima de tudo, enfatizar que as suas experiências e vivências fora da universidade também são válidas na constituição da sua identidade como autor, e, dessa forma, o graduando pode sim trazê-las para seus textos, sempre atentando-se, é claro, para o que o diferencia como autor, negociando, assim, os limites que podem ser cruzados e os que devem ser respeitados.

1.6 Letramentos acadêmicos

Uma questão também relevante para este trabalho é a noção do que são práticas e eventos de letramento. Bragança e Baltar (2016, p. 3) definem letramento, a partir dos Novos Estudos de Letramento (NEL), como “todos os usos sociais da escrita”, sendo um “conjunto de práticas sociais mediadas pela escrita, direta ou indiretamente”. Gee (1998), por sua vez, interpreta o letramento como o controle de usos da linguagem provenientes de discursos secundários, e defende que ele ocorre pela aquisição, não pela aprendizagem, visto que ambas têm propósitos diferentes,

sendo necessário que os indivíduos sejam expostos a modelos em contextos naturais e funcionais que os permitam ter um bom desempenho.

Baseando-se em diversos teóricos da área, Ivanič (1998, p. 65), entretanto, vai além ao dizer que o letramento é composto por uma “constelação de práticas que diferem de um ambiente social para outro”, e defende que a escrita acadêmica é um tipo de letramento. Assim, um sujeito pode ser considerado letrado quando participa de práticas e eventos que requeiram a escrita de forma direta ou indireta.

Partindo da perspectiva dos NEL, que, por sua vez, parte de um enfoque nas práticas sociais e no contexto sociocultural que envolvem essa questão, baseando-se nas teorias de leitura e escrita, Lea e Street (1998, 2006) postulam uma nova abordagem acerca da escrita e do letramento no contexto acadêmico, não se detendo na ideia errônea de que existe um escrita “boa” ou “ruim”, mas sim diversas formas de uso da escrita nesse ambiente, dividindo-a em três modelos/perspectivas: as habilidades de estudo, a socialização acadêmica e os letramentos acadêmicos, que não se excluem mutuamente ou se substituem, podendo, inclusive, incluir em si essas outras abordagens, não sendo, portanto, isoladas.

De uma forma resumida, podemos dizer que o modelo das habilidades de estudo trata a escrita e o letramento como uma habilidade cognitiva dos indivíduos, tendo como foco “consertar” problemas de aprendizagem dos alunos no âmbito da gramática e da ortografia, sendo, então, mais tecnicista e tendo como fontes a psicologia comportamental e programas de treinamento. O modelo da socialização acadêmica, por sua vez, procurou aprimorar o conceito de habilidades de estudo do modelo anteriormente citado, tratando o professor como o principal elemento para a orientação da aprendizagem do aluno, sendo responsável pelo seu sucesso no uso da escrita. Entretanto, essa perspectiva também pode ser problemática por seu caráter homogêneo, que não leva em consideração a heterogeneidade presente na academia. Já o modelo de letramentos acadêmicos tem como foco principal as questões de identidade, produção de sentidos, poder e autoridade que fazem parte da construção do conhecimento no contexto acadêmico (LEA; STREET, 1998, 2006).

Assim, consideramos que todos esses modelos podem ser úteis para pesquisas acerca do processo de aprendizagem da leitura e escrita; entretanto, para

os propósitos deste estudo, julgamos que o modelo de letramentos acadêmicos é o mais adequado por tratar a academia como um lugar repleto de gêneros específicos desse ambiente, em que os alunos necessitam trazer em seus textos uma tomada de posição acerca dos discursos que propagam, revelando, assim, uma identidade autoral.

O modelo de letramentos acadêmicos, ao qual nos alinhamos, diz respeito ao modo como a escrita envolve práticas sociais e questões epistemológicas, visto que, como dizem Lea e Street (2006), ele leva em consideração as demandas de letramentos que são exigidas pelo currículo acadêmico, que incluem uma diversidade de gêneros, disciplinas e de práticas que são típicas da universidade. Ou seja, essa perspectiva vai além das habilidades de estudo e da socialização, trazendo o foco para o papel que as práticas sociais exercem nesse contexto.

Assim, quando falamos de letramento acadêmico, devemos sempre ter em mente que a escrita é uma prática social muito complexa que requer que o aluno recém-saído do ensino médio lide com novas formas de leitura e produção de textos acadêmicos, que, por sua vez, exigem um maior amadurecimento e nível de síntese, bem como o desenvolvimento de uma leitura crítica, ou seja, que o aluno não apenas reproduza de forma automática os discursos provenientes das vozes de autores prestigiados pela academia, mas que reflita e mostre um posicionamento próprio em suas produções textuais.

Dessa forma, compreendemos que a escrita acadêmica se transformou em uma ação de persuasão em que o leitor é envolvido pelo texto por meio da interação entre ele e o autor (CASTELLÓ *et al.*, 2011, p. 106). Quando falamos e escrevemos de acordo com cada situação e cada interlocutor (real ou imaginário), as nossas práticas discursivas sempre estão situadas e nossos discursos reverberam na nossa identidade, nas nossas atividades acadêmicas e no nosso meio pessoal. Assim, é por meio da escrita no contexto acadêmico que os graduandos conseguem de fato produzir conhecimento por meio dos discursos que produzem a partir da atenção que dão aos seus pretendidos leitores, mostrando, portanto, uma identidade que perpassa as esferas pessoal e acadêmica.

Sobre isso, Bezerra (2015, p. 62) entende que “as práticas de letramento conduzem à realização mais ou menos recorrente de eventos de letramento que [...] incluem a produção ou a recepção de gêneros acadêmicos”, ou seja, a escrita acadêmica é uma forma de letramento que ocorre através da inserção do estudante nas práticas e eventos do meio universitário. Portanto, os eventos de letramento são provenientes das práticas, uma vez que são constituídos por meio de situações em que a escrita é a mediadora de uma interação social, e as práticas, por sua vez, são orientadas pelos diferentes papéis sociais que o sujeito desempenha nesses eventos.

Dessa forma, ao adentrar no ambiente universitário, o estudante precisa receber a orientação de professores para auxiliar a compreensão das práticas e eventos de letramento que, até então, ele desconhece, possibilitando que possa obter sucesso em seu curso, e, quando isso não ocorre, o aluno sente dificuldade ao realizar suas produções acadêmicas, uma vez que professores têm uma forma particular de ver quais são os elementos necessários para a produção de um bom texto de acordo com as suas áreas de atuação, e seus alunos devem, portanto, seguir determinadas formas e padrões de modo mais genérico, atendendo-se para elementos como sintaxe, pontuação e formato (*layout*), bem como devem oferecer argumentos com clareza e desenvoltura, sabendo estruturar seus textos da maneira que ele exige (LEA; STREET, 1998).

Sendo assim, ao produzir um texto de qualquer gênero acadêmico, o estudante deve necessariamente seguir determinadas regras e normas exigidas e esperadas pelos seus tutores, e, quando isso não acontece, ocorre uma frustração de expectativas nos professores, que é refletida em suas avaliações com a atribuição de notas baixas. No caso do curso de Letras, que é estudado nesta pesquisa, um dos gêneros de maior visibilidade e *status* na área é o artigo científico, visto que é essencial para a qualificação de projetos/cursos/programas de pós-graduação, especialmente na área de Linguística e Literatura.

Podemos, então, entender que quando o estudante de graduação, por exemplo, começa a produzir seus textos acadêmicos, ele não apenas precisa saber como deve utilizar as normas e convenções exigidas em cada um dos diversos gêneros próprios desse ambiente para ser considerado como letrado academicamente, mas também precisa se engajar na vida universitária como autor de

seus trabalhos, participando ativamente na produção de conhecimento de sua área, bem como interagindo com os outros participantes de sua comunidade e adotando posicionamentos que revelem uma identidade acadêmica própria por meio de sua escrita.

Porém, o que acaba acontecendo no cenário da produção textual dos universitários “é a produção de textos que mais reproduzem do que inovam, que privilegiam a réplica de discursos já conhecidos em vez de estabelecer um verdadeiro diálogo de vozes”, e isso, por sua vez, “revela a dificuldade dos estudantes em lidar com os discursos já existentes e construir uma posição de autoria dentro da comunidade acadêmica” (PAULA, 2017, p. 87). Isto é, ao mesmo tempo em que é solicitado que os estudantes se baseiem nos discursos de autores consagrados e privilegiados em suas áreas para produzirem seus trabalhos acadêmicos, também é requisitado que eles tragam um discurso próprio em seus textos, que não apenas reproduzam o que já é falado pelos seus pares, que saiam do ‘lugar comum’ e tragam um posicionamento, que, por sua vez, emerge da sua própria voz como autor em diálogo direto com as diversas vozes existentes em sua comunidade.

Em vista disso, é notável que essa questão, principalmente para o estudante que sai do ensino médio e ingressa pela primeira vez na universidade, provoca um conflito interno no aluno, que, de uma hora para outra, é obrigado a saber conversar com os diversos discursos e vozes de autoridades de sua comunidade, o que geralmente não ocorre no contexto da produção textual no nível do ensino médio, bem como é impelido a lidar com seu próprio senso de individualidade ao ingressar nas diversas práticas e eventos de letramento do seu novo ambiente.

Assim, “ao entrarem na universidade, os estudantes são requisitados a escreverem diferentes gêneros, com os quais não estão familiarizados em suas práticas de escrita em outros contextos [...] e são mal avaliados por seus professores” (FIAD, 2011, p. 362). Ou seja, quando o aluno enfrenta pela primeira vez a escrita dos gêneros requisitados pela academia, ele geralmente não consegue ser bem-sucedido pelo fato de nunca ter anteriormente produzido trabalhos como artigos, ensaios, fichamentos, entre outros, que são exigidos por seus professores ao longo de suas disciplinas, sendo visto como iletrado academicamente pelos seus superiores.

Dessa forma, muitos tutores não enxergam os diversos outros letramentos que seus alunos já dominam, e, assim, os tomam como estudantes incompetentes para realizar as diversas produções textuais que são solicitadas ao longo do curso, ansiando que eles já tenham conhecimento prévio das convenções e normas de escrita exigidas para cada gênero acadêmico, e, quando isso não ocorre, eles esperam que seus alunos aprendam por conta própria, sem maiores explicações ou ajuda.

É importante salientar também que no âmbito do ensino superior “certas formas de ser são privilegiadas por serem apoiadas por grupos mais poderosos dentro da instituição, mas não são monolíticas”, visto que “já existem modos alternativos de ser, e as possibilidades estabelecidas para a identidade estão sendo resistidas e contestadas” (IVANIČ, 1998, p. 13). Isso significa que há uma pressão externa para que os estudantes universitários adotem determinados discursos e posicionamentos de autores prestigiados e reconhecidos em suas comunidades acadêmicas; visto que um aluno, por exemplo, pode se sentir compelido a adotar um determinado discurso de um autor que ele considera muito importante em sua área de pesquisa ou pode sentir a necessidade de agradar seus professores por meio da adoção dos discursos e pontos de vista defendidos por eles para obter boas notas e avaliações, sentindo-se, assim, respeitado e estimado. Porém, também há espaço para que o estudante conteste os discursos dominantes que permeiam a sua comunidade, rejeitando uns e afiliando-se a outros, diferenciando-se dos outros ao criar a sua identidade.

Isto posto, entende-se que é por meio do conhecimento do estudante sobre como lidar com os diversos gêneros acadêmicos que fazem parte de suas práticas de letramento, da sua apropriação e domínio sobre eles, que ele consegue efetivamente se comunicar com pares de sua comunidade, interagindo com as outras vozes que emergem dos discursos provenientes do seu meio, adotando posturas e posicionamentos que refletem uma identidade acadêmica própria. Portanto, quando falamos sobre identidade acadêmica, precisamos sempre levar em consideração que o autor deve produzir perspectivas e visões novas que o caracterize como escritor, e que, por sua vez, sejam reconhecidas como legítimas e bem fundamentadas pelos pares da sua comunidade acadêmica, se encaixando em um grupo social específico.

Dessa forma, diante de tudo o que foi discutido neste capítulo, entendemos que é por meio do seu contexto social específico que o escritor consegue produzir seus textos acadêmicos, visto que a sua interação com os outros é refletida em sua escrita através de escolhas linguísticas e discursivas, entre outros aspectos que podem ser observados. Por exemplo, quando o autor está escrevendo, ele tem em vista um leitor, uma pessoa para o qual ele dirige seu trabalho, buscando apresentar uma identidade que ofereça confiança e segurança, e, para conseguir atingir esse objetivo, ele utiliza os discursos socialmente disponíveis e reconhecidos por sua comunidade para legitimar o seu próprio discurso, um novo discurso que, então, passa a ser aceito como válido pelo seu leitor. A identidade é, portanto, constituída pelo social, isto é, pela interação não só entre o leitor e escritor, mas também pela sua interação com a sua comunidade acadêmica, em que o autor se utiliza dos discursos socialmente disponíveis em seu meio para trazer um posicionamento próprio que reflete a imagem que quer passar como autor, revelando, assim, a sua identidade acadêmica ao projetar um “eu” que o caracteriza como um bom escritor.

CAPÍTULO 2

OS GÊNEROS ACADÊMICOS E O ARTIGO CIENTÍFICO

Além das questões vistas no capítulo anterior, como o conceito de identidade e escrita acadêmica, bem como a abordagem da voz autoral e posicionamento, que veremos posteriormente, também é importante para esta pesquisa que expliquemos de uma forma mais precisa o conceito de gêneros acadêmicos, uma vez que a compreensão desse fenômeno é essencial para entendermos como os graduandos lidam e trabalham com esses tipos de gêneros, que, por sua vez, são repletos de normas e minúcias que fazem parte dos letramentos acadêmicos dos estudantes universitários.

Assim, neste capítulo, nos propomos a explicar a noção de gênero que adotamos para nosso estudo, fazendo uma breve síntese dos estudos sobre essa questão, focando, especificamente, no Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes* - ESP), que consideramos relevante sobretudo para as pesquisas focadas na análise dos gêneros acadêmicos de estudantes de graduação e pós-graduação. A partir disso, nos aprofundaremos nos gêneros acadêmicos e especificamente no artigo científico, que serve de base para a realização das análises que propomos nesta pesquisa, nos atentando para as seções de introdução e revisão de literatura.

2.1 O que são gêneros textuais?

Falar sobre gêneros nunca é uma tarefa fácil levando em conta que esse tema tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento com diferentes significados e olhares acerca dessa questão. No campo da linguística, o estudo dos gêneros textuais ainda hoje é extensamente debatido e revisitado por autores especialistas nesse assunto, uma vez que há tantos volumosos trabalhos teóricos sobre a questão dos gêneros e de suas análises que “nenhuma obra de extensão razoável poderia pretender abrangê-los em sua totalidade. Mesmo quando se trata de um domínio específico de aplicação, a situação não é diferente” (BEZERRA, 2006, p. 45). Dessa forma, escolhemos para este trabalho nos concentrar em, primeiramente, explicar e elucidar a visão

que adotamos sobre o que são os gêneros textuais, para posteriormente nos determos em uma abordagem de estudo dessa temática específica.

O gênero textual é um produto das relações humanas que são mediadas pela comunicação verbal, e, por isso, faz parte da vida cultural e social dos indivíduos; ou seja, toda comunicação verbal só é possível por meio de um texto que, por sua vez, ocorre por meio de algum gênero (MARCUSCHI, 2002, 2008). Os gêneros são, portanto, formas de expressão e de formação de identidades nos quais indivíduos exercem papéis sociais, organizando as comunidades que participam e estabelecendo relações que promovem a interação e o gerenciamento das suas atividades, sendo, assim, formas textuais que trazem posicionamentos tanto coletivos quanto individuais (ARAÚJO, 2016, p. 40). Ou seja, os gêneros são originados a partir das interações entre indivíduos dentro de suas comunidades.

Por exemplo, no nosso próprio cotidiano corriqueiro, estamos cercados por gêneros e os utilizamos com frequência, porque somos necessariamente obrigados a termos interações sociais com nossos pares, seja no contexto do trabalho, nas relações familiares, nas amizades, nos relacionamentos amorosos, etc.; em todos esses contextos interagimos com diversas pessoas ao longo do tempo, e isso requer a ocorrência de uma comunicação efetiva que só é possível por meio da linguagem.

Neste estudo, então, adotamos o posicionamento de Marcuschi (2002, p. 23), que define gêneros como “realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas” que “constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas”, sendo que “sua nomeação abrange um conjunto praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função”. Ou seja, os gêneros possibilitam que os indivíduos não só consigam se comunicar uns com os outros, mas também se encaixem em suas comunidades ao conseguirem realizar e cumprir seus papéis e ocupações/responsabilidades por meio do domínio da escrita, produzindo um texto claro e compreensível para seus pares.

Assim, em todas as esferas das atividades humanas há o uso da linguagem por meio dos enunciados, que são, por sua vez, um agrupamento de ideias contextualmente situadas no momento em que são ditas (TOCAIA, 2019). Isso implica que os gêneros não são algo fixo e imutável, muito pelo contrário, na verdade eles são extremamente dinâmicos, uma vez que são fenômenos socioculturais que surgem das necessidades de comunicação humana em suas atividades cotidianas. Portanto, não há como se falar de comunicação humana sem relacioná-la com os gêneros, visto que não é possível separá-los.

Dessa forma, “o estudo dos gêneros tem entrado decisivamente na ordem do dia, ao deixar de se referir apenas aos gêneros da literatura ou da retórica e ao se estender para os domínios mais diversificados da atividade humana” (BEZERRA, 2006, p. 47), e isso implica que ao longo das mudanças sociais que vão naturalmente ocorrendo ao longo do tempo, gêneros mais antigos vão desaparecendo ou são transformados em novos gêneros que se encaixam no contexto histórico e sociocultural mais atual. Por exemplo, por muito tempo a correspondência por cartas era a única forma possível de passar uma mensagem escrita para alguém que mora longe, mas hoje em dia quase ninguém mais utiliza esse gênero devido ao surgimento do *e-mail*, que dispensa o uso do papel e da caneta e é instantâneo.

Gêneros, então, implicam em uma multiplicidade de ações produzidas por diferentes e variados indivíduos, visto que sempre há neles várias pessoas agindo de forma regular e recorrente, e são constituídos por meio de padrões que se apresentam em uma dinâmica de ações retóricas individuais dentro dos contextos de situação, cultura e gênero que os envolvem e caracterizam (DEVITT, 2004). A partir disso, entende-se que eles são compostos por meio de estruturas sociais que possibilitam a realização de interações mediadas pelos diversos contextos anteriormente mencionados e que viabilizam a propagação de ideologias presentes em determinados grupos, por exemplo; sendo, portanto, interligados socialmente.

Ainda sobre a questão do gênero textual, consideramos importante atentar para o fato de que a base do seu funcionamento é firmada em relações de poder hierárquicas, uma vez que essas relações dizem respeito aos papéis

que os membros de uma determinada comunidade desempenham quando assumem valores e princípios que estão presentes nessa comunidade, dialogando com os demais integrantes, exercendo uma influência e, ao mesmo tempo, influenciando-os, o que se reflete na reprodução de ideologias que circulam nesse contexto social por meio da escrita desses membros (ARAÚJO, 2016, p. 43). Ou seja, não existe uma forma de gênero textual que esteja livre das questões ideológicas e das relações de poder que permeiam a sociedade, uma vez que todos nós precisamos nos encaixar nos papéis que nos são atribuídos ao fazermos parte de uma comunidade, e isso gera uma interação entre os participantes que, por sua vez, ocasiona uma conversa e uma troca entre eles, que acabam por influenciar uns aos outros de forma natural.

Assim, concordamos com Araújo (2016, p. 40-41) quando a autora diz que “através dos gêneros os indivíduos ocupam seu lugar no mundo e através de uma consciência letrada, agem com seus textos de maneira equilibrada e inteligível, de modo a exercer suas funções satisfatoriamente”. Mas o que exatamente significa isso de o indivíduo exercer suas funções satisfatoriamente? É quando o sujeito consegue efetivamente exercer seus papéis sociais por meio das convenções que são socioculturalmente, ideologicamente e historicamente situadas por suas comunidades discursivas. Ou seja, ao usar um determinado gênero textual, o indivíduo necessariamente precisa utilizar convenções na sua escrita, de acordo com cada papel social que caracteriza suas identidades sociais, que, por sua vez, os definem como indivíduo. Veremos melhor essa questão no tópico 2.3 sobre os gêneros acadêmicos, que são um tipo particular de gêneros textuais que servem como base para esta pesquisa.

2.2 A abordagem teórica do Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes* – ESP)

No estudo teórico dos gêneros textuais, há variadas e diferentes abordagens sobre gêneros que são denominadas como “escolas de gêneros”, que, por sua vez, são fundamentadas em diferentes tradições e que surgiram em diferentes áreas de estudo no decorrer do tempo. Essas abordagens são conhecidas por quatro escolas principais nomeadas de Escola de Genebra, com o seu Interacionismo Discursivo (ISD); Escola Norte-Americana, com os seus

Estudos Retóricos de Gênero (ERG); Escola de Sydney, com a sua Linguística Sistêmico-Funcional (LSF); e também de Escola Britânica, com o seu Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes – ESP*), que trataremos mais detalhadamente neste estudo.

Segundo Bawarshi e Reiff (2013, p. 17), a abordagem de gêneros da Escola Norte-Americana surgiu da teoria retórica e da sociologia para o ensino de estudantes universitários falantes nativos de inglês, enquanto a Escola de Sidney se dedica ao currículo nacional de estudantes do ensino fundamental e médio, e a Escola Britânica, por sua vez, despontou como uma reação ao ensino de gêneros visando estudantes de pós-graduação que não são falantes nativos de inglês. Entretanto, consideramos importante ressaltar, antes de nos aprofundarmos em uma abordagem teórica específica, que todas essas quatro escolas são intrinsecamente ligadas pelo “compromisso com a ideia de que gêneros refletem e coordenam modos sociais de conhecer e agir no mundo” e “fornecem maneiras valiosas de investigar como os textos funcionam em diversos contextos [...] e como ensinar os estudantes a agir significativamente em vários contextos” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 17). Ou seja, essas diversas abordagens proporcionam diferentes olhares sobre o mesmo fenômeno do estudo e o ensino dos gêneros.

Para o propósito deste trabalho, nos concentraremos em abordar os estudos do Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes – ESP*) devido ao fato de essa abordagem ter como foco principal os gêneros no contexto acadêmico e de pesquisa, o que, por sua vez, é pertinente para este estudo, visto que ele se concentra na investigação da identidade acadêmica em artigos científicos.

Como já falado anteriormente, o ESP tem como propósito o estudo da língua inglesa para falantes não nativos no contexto acadêmico e profissional, ligando as tradições linguística e retórica. Os principais nomes dessa abordagem são os teóricos Swales (1990) e Bhatia (1993), sendo o primeiro pioneiro na abordagem dos gêneros acadêmicos, criando um modelo de análise com foco nas introduções de artigos de pesquisa, chamado CARS (*Create a Research Space – Crie um Espaço de Pesquisa*). Esse modelo, inclusive, será mais

explorado no Cap. 3, que tem como tema a manifestação da voz autoral em textos acadêmicos, uma vez que a análise proposta neste estudo se baseia na abordagem metodológica integrativa de estudo da voz acadêmica de Castelló *et al.* (2011), que, por sua vez, integra três dimensões de análise, sendo uma delas os movimentos de organização textual (*moves*) propostos pelo autor.

Bhatia (1993), por sua vez, propôs um conjunto de sete passos para a análise de gêneros que não necessariamente precisam seguir uma ordem ou até mesmo serem todos seguidos, a depender do objetivo e do foco do estudo, bem como do conhecimento prévio acerca do gênero analisado, dividindo-o em sete procedimentos organizados da seguinte forma:

1. Colocar o gênero textual estudado em seu contexto situacional (1993, p. 22);

2. Realizar uma revisão da literatura existente acerca do gênero em questão (1993, p. 22);

3. Refinar a análise situacional/contextual (1993, p. 23);

4. Selecionar o *corpus* (1993, p. 23);

5. Estudar o contexto institucional do gênero (1993, p. 24);

6. Decidir qual nível de análise linguística é mais pertinente para investigar o problema do estudo em questão, podendo se concentrar em mais de um dos seguintes níveis de análise: as características léxico-gramaticais, os padrões textuais, e a interpretação estrutural do gênero textual, que inclusive inclui os movimentos estruturais propostos por Swales (1990) em seu modelo *CARS* já mencionado (1993, p. 25-26);

7. Buscar um informante especialista na análise do gênero estudado para confirmar seus achados (1993, p. 34).

De um modo geral, entende-se que essa metodologia de análise de gêneros proposta por Bhatia (1993) é seguida pela maioria das abordagens de gênero em ESP, variando apenas de intensidade, partindo do contexto para a

análise do texto, aplicando os três níveis de análise linguística já mencionados no passo 6, ou seja, os elementos léxico-gramaticais, os padrões de linguagem e de estrutura (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 68). Isso implica que a análise de um gênero de acordo com o ESP parte do contexto para as estruturas de organização do texto.

Consideramos também importante ressaltar que foi com a publicação da obra *Genre Analysis: English in Academic Settings*, em 1990, que Swales atrelou o conceito de gênero ao evento comunicativo, trazendo um novo olhar para a análise de gêneros para fins específicos, bem como para fins acadêmicos, de pesquisa e profissionais. Para tanto, o autor “utiliza igualmente a concepção de gênero como ação sociorretórica, enfatizando seu propósito comunicativo e sua inserção em uma comunidade discursiva”, atentando-se para “os problemas sociais envolvidos na tentativa de inserção de antigos e novos pesquisadores em um determinado espaço acadêmico” (BEZERRA, 2006, p. 5). Isso significa que foi a partir desse trabalho que o foco nos estudos de gênero voltou-se para a questão da imersão que o indivíduo faz ao integrar uma comunidade discursiva, tornando-se parte dela.

Também foi por meio dessa obra que houve o questionamento, especialmente no campo da atuação acadêmica, de quais são as implicações que isso traz no contexto social do indivíduo. Isso pode ser observado no ambiente do ensino superior quando o graduando ingressa na universidade e enfrenta dificuldades na adaptação a esse novo contexto social e para tornar-se academicamente letrado, possibilitando, assim, a participação efetiva em sua comunidade e a circulação do conhecimento por meio das trocas e interações que realiza com seus pares, buscando, portanto, uma aceitação da parte deles.

Nessa obra, Swales (1990) propôs e desenvolveu uma teoria de metodologia completa para a análise de gêneros de pesquisa e ensino de ESP (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 61), caracterizando o gênero da seguinte forma:

1. “O gênero é uma classe de eventos comunicativos” (1990, p. 45);

2. “O principal critério que transforma uma coleção de eventos comunicativos em um gênero é algum conjunto compartilhado de propósitos comunicativos” (1990, p. 46);

3. “Exemplos ou instâncias de gêneros variam em sua prototipicidade” (1990, p.49);

4. “A lógica por trás de um gênero estabelece restrições sobre as contribuições permitidas em termos de seu conteúdo, posicionamento e forma” (1990, p. 52);

5. “A nomenclatura da comunidade discursiva para gêneros é uma fonte importante de *insights*” (1990, p. 54).

Esses pontos levantados e adotados pelo teórico revelam uma concepção de gênero em que ele é realizado por meio dos eventos comunicativos que, por sua vez, partilham propósitos comunicativos que podem ser integrados uns aos outros, fazendo parte de uma determinada comunidade discursiva. Ou seja, para Swales (1990), o propósito comunicativo é o fator principal para a constituição dos eventos que compõem o gênero, uma vez que “o gênero é a realização, nas situações cotidianas, profissionais e acadêmicas, dos objetivos do evento comunicativo” (BIASI-RODRIGUES; HEMAIS; ARAÚJO, 2009, p. 21). Entretanto, é importante salientar que essa definição é um pouco problemática, visto que às vezes os propósitos de um determinado gênero podem ser difíceis de serem identificados de forma mais explícita devido ao fato de serem múltiplos.

A partir disso, Askehave & Swales (2001) reavaliaram essa definição e propuseram tratar esses propósitos como “uma questão de propósitos em camadas de forma complexa, em vez de uma lista de propósitos”, visto que “embora os membros da comunidade discursiva tenham grande conhecimento dos gêneros, podem não concordar quanto ao propósito de determinado gênero” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 118). Assim, os gêneros são constituídos de um “conjunto de propósitos comunicativos” que não são necessariamente claros e proeminentes nos textos, mas sim um “critério privilegiado” (ASKEHAVE; SWALES, 2001, p. 210). Isso se deve ao fato de que

esses propósitos tornam possível a realização de uma análise de gênero, sendo, portanto, extremamente importantes para a investigação dos gêneros textuais.

Retomando o tópico 5 dos critérios de categorização de gêneros desenvolvidos por Swales (1990), também consideramos importante ressaltar que

Comunidades discursivas são redes sociorretóricas que se formam para trabalhar em prol de conjuntos de objetivos comuns. Uma das características que estabelecem os membros dessas comunidades discursivas é a familiaridade com os gêneros particulares que são usados no avanço comunicativo desses conjuntos de objetivos. Em consequência, os gêneros são propriedades das comunidades discursivas; ou seja, os gêneros pertencem às comunidades discursivas, não a indivíduos, outros tipos de agrupamento ou a comunidades discursivas mais amplas. Os próprios gêneros são classes de eventos comunicativos que tipicamente possuem características de estabilidade, reconhecimento de nome e assim por diante. (SWALES, 1990, p. 9).

Isso implica que as comunicações que ocorrem nessas comunidades respeitam as convenções e expectativas que as regem, diferenciando-se por fatores como localização, origem e os tipos de atividades principais para o seu funcionamento, podendo os seus membros participarem de mais de uma comunidade discursiva. Dessa forma, “os gêneros não só ajudam os membros da comunidade discursiva a alcançar e promover seus objetivos, mas também ajudam os novos membros a adquirir e iniciar-se nos objetivos partilhados daquela comunidade” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 65).

Entretanto, é importante considerar que essa ideia de “posse” dos gêneros pelas comunidades discursivas é errônea, visto que há inúmeros gêneros disponíveis e, por isso, essas comunidades jamais conseguirão abarcar todos eles. Dessa forma, entende-se que o conceito de comunidade discursiva é baseado na seleção evolutiva de gêneros que, por sua vez, promovem os seus agrupamentos de objetivos, que geralmente são específicos, conforme esses gêneros vão sendo realizados, passando por sucessivos aprimoramentos e aperfeiçoamentos, buscando o estabelecimento dos seus mecanismos participativos, dificilmente podendo ser compreendidos como propriedades de uma determinada comunidade discursiva (SWALES, 2016, p. 15). Portanto, esse

conjunto de objetivos comuns proporciona que os propósitos comunicativos compartilhados sejam realizados pelos membros dessas comunidades discursivas por meio dos gêneros.

Assim, consideramos relevante desvincular essa noção de que as comunidades discursivas “possuem” os gêneros, para evitarmos uma concepção de que essas comunidades têm um processo evolutivo semelhante, uma vez que há várias diferenças que as constituem e diferenciam uma das outras.

No contexto do ambiente universitário, essa noção de comunidades discursivas em que os gêneros se encontram em seu interior é pertinente para a compreensão de que os propósitos sociorretóricos são manipulados por elas (BEZERRA, 2006), uma vez que podem ser vistas como grupos gerados pelo compartilhamento de propósitos, necessidades e interesses dos seus membros, que, por sua vez, as mantêm estáveis. Ou seja, os participantes de uma comunidade discursiva utilizam convenções particulares da comunidade a qual pertencem, marcando, assim, uma afiliação a esse grupo. Nesse contexto, há relações de poder entre membros mais antigos e novatos, uma vez que os últimos precisam se familiarizar com as normas e regras da sua nova comunidade. Muitas vezes, o estudante novato se sente impelido a adotar posicionamentos de autores reconhecidos e prestigiados em sua área, bem como de seus tutores, por se tratar de pessoas que admira.

2.3 Gêneros acadêmicos

Como já discutimos anteriormente, a comunicação humana só é possível por meio dos gêneros, uma vez que eles permeiam as interações sociais humanas. No meio acadêmico isso não é diferente, em vista da diversidade de gêneros que compõem as práticas e eventos de letramento que fazem parte desse contexto social. Um graduando recém-chegado à universidade se depara com uma infinidade de gêneros que são requeridos em disciplinas por seus professores e em simpósios e eventos típicos desse ambiente. Araújo e Bezerra (2013, p. 17) entendem que esses gêneros acadêmicos “são construídos mais ou menos padronizados (com aspectos estruturais e conteúdos específicos) disponíveis ao estudante para uma participação competente nessa esfera de

atuação”. Dessa forma, para poder efetivamente participar de sua comunidade, ele precisa desenvolver uma competência ao lidar, muitas vezes pela primeira vez, com os gêneros exigidos pela academia.

Assim, o graduando precisa dominar esses gêneros para de fato conseguir produzir uma boa pesquisa, visto que, como também afirmam Araújo e Bezerra (2013, p. 18):

o domínio dos gêneros acadêmicos - não só em suas propriedades formais e prescritivas, mas no conhecimento das funções, das relações de poder que envolvem a produção e publicação, do significado, do contexto que os envolve - é fundamental para a inserção do estudante nas práticas típicas do espaço acadêmico, bem como nos modos de pensar e de agir característicos do ambiente. (ARAÚJO; BEZERRA, 2013, p. 18).

Essa inserção do estudante nesse espaço exige que ele aprenda a lidar com outras vozes e discursos presentes em sua comunidade, desenvolvendo habilidades de leitura e compreensão textual, bem como de escrita, principalmente quando está produzindo algum texto para alguma disciplina. Entretanto, para que isso consiga ser feito, é preciso que o graduando receba ajuda de professores ou orientadores, visto que os gêneros acadêmicos são novos para ele e precisam ser assimilados por ele, tornando possível a compreensão das normas e convenções que ele necessita usar em seus textos acadêmicos.

Motta-Roth e Hendges (2010) apontam que o primeiro passo que o estudante precisa tomar para realizar uma produção textual acadêmica é pesquisar quais são os gêneros mais usados na sua área e quais são as suas configurações. Dessa forma, um caminho para a assimilação desses gêneros para os graduandos é fazer uma pequena pesquisa sobre as normas e convenções dos gêneros mais recorrentes em sua área, tentando, primeiramente, compreender essas regras, observando como outros autores prestigiados e reconhecidos pela academia se utilizam de técnicas de argumentação e estratégias de captar a simpatia e atenção dos seus pretensos leitores. Fazer esse tipo de observação preliminar pode encurtar um pouco mais esse trajeto tortuoso e complexo que é se tornar academicamente letrado.

Mas como acontece esse tipo de apropriação dos gêneros acadêmicos? De imediato, podemos dizer que essa tarefa não é nada fácil, especialmente sem ajuda, uma vez que, ao longo do curso, o estudante recebe a demanda de produzir diferentes gêneros, e isso implica que ele precisa participar da produção e circulação de conhecimento da sua área. Dessa forma, o estudante procura se moldar de acordo com as exigências das oportunidades de amadurecimento que surgem na sua área acadêmica, adotando um determinado modelo mental que abarca expectativas, planejamentos e objetivos de acordo com as possibilidades de seu meio, adotando comportamentos educados e pensamentos específicos que estabelecem, por meio da interação na escrita, as práticas de letramento que, por sua vez, manifestam a sua identidade nesse contexto (ARAÚJO, 2016, p. 41-42). Portanto, a identidade do graduando é construída quando ele passa a se engajar nas práticas de letramento e nos eventos acadêmicos de sua área, participando ativamente da construção de conhecimento e da sua troca, planejando seus trabalhos de acordo com os objetivos almejados, sempre observando as convenções necessárias, aproveitando as oportunidades que vão surgindo ao longo de sua trajetória acadêmica.

Os gêneros mais requisitados para estudantes de graduação são, normalmente, fichamentos, resumos, resenhas, artigos científicos, ensaios, trabalhos de conclusão de curso (TCC), monografia, entre outros; e esses gêneros variam de importância a depender de cada área disciplinar. Dionísio e Fischer (2010, p. 295) propõem uma tipificação de textos no contexto universitário que abrange dois grupos, sendo o primeiro chamado de “gêneros científicos”, visto que abarca a produção de gêneros voltados para a leitura, e o segundo de “ferramentas pedagógicas”, por dar conta dos gêneros produzidos para os propósitos da sala de aula, ou seja, esses gêneros são produzidos com finalidades e propósitos comunicativos bastante distintos. No caso das ciências humanas, especialmente no curso de Letras, no qual este estudo se baseia, um dos gêneros mais requisitados é o artigo científico, visto que ele possibilita a publicação em anais de eventos/congressos e em periódicos, por exemplo, e, por isso, escolhemos focar em tratar esse gênero neste trabalho, uma vez que ele é bastante solicitado por professores universitários, servindo para a construção de pesquisas mais imersivas e complexas.

Conforme salientam Motta-Roth e Hendges (2010), existe uma política de financiamento de pesquisas, tanto para bolsas de iniciação científica quanto para bolsas de projetos de pesquisa e pós-graduação, que exigem um constante volume de publicações de estudos por parte dos membros da academia, e isso faz com que a qualidade da produção intelectual seja vista pela produtividade medida pelo volume de publicações, mesmo ainda havendo uma preocupação com a qualidade dos trabalhos. Há, portanto, esforços da comunidade acadêmica para que haja um constante fluxo de textos, principalmente do gênero artigo científico, produzidos por alunos, professores e pesquisadores, publicados em revistas e periódicos, bem como em livros acadêmicos. Esses textos devem ser, de preferência, bem escritos e estruturados, para que sejam avaliados e facilmente aceitos pelas instâncias reguladoras, que, normalmente, são compostas de especialistas de cada área.

2.4 O artigo científico

A produção de um artigo científico exige um nível de conhecimento teórico mais aprofundado da parte dos graduandos, bem como exige uma maior compreensão textual, tanto para a leitura como para a produção de textos. Por se tratar de um gênero tipicamente acadêmico, dificilmente estudantes do ensino médio têm contato com ele em suas salas de aula, uma vez que esse ensino tem como foco principal prepará-los para o vestibular, ou seja, para, no máximo, produzir textos dissertativos-argumentativos, que são geralmente pedidos como redação. Assim, quando o graduando ingressa no ambiente universitário ele enfrenta dificuldades para compreender as convenções e normas que regem a produção acadêmica, tendo de aprender como deve usá-las. Esse processo de aquisição de letramento acadêmico na maioria das vezes não é fácil ou rápido, mas, uma vez que esse objetivo é atingido, o estudante de graduação consegue transitar melhor por sua comunidade acadêmica, produzindo conhecimento e interagindo com seus pares, promovendo, então, a circulação e movimentação das pesquisas e trabalhos desenvolvidos pela sua universidade.

Dessa forma, “o artigo configura-se como um dos gêneros mais importantes da academia por movimentar, com grande velocidade, a atividade de pesquisa e publicação”, e isso implica que esse gênero “movimenta a própria

universidade, exercendo também a função de inserir os membros nas respectivas comunidades científicas” (ARAÚJO, 2016, p. 44). Ou seja, é por meio da publicação de trabalhos acadêmicos, como o artigo científico, em especial, que é possível realizar o compartilhamento de conhecimentos de uma forma mais rápida, mesmo que, em geral, haja toda uma preparação, planejamento, revisão e avaliação por especialistas da área para que ele seja publicado.

Isto posto, partindo da concepção de Swales (1990, p. 58) de que o gênero é proveniente de “uma classe de eventos comunicativos cujos membros partilham um conjunto de propósitos comunicativos”, podemos compreender que esses propósitos constituem o gênero, dando-lhe uma razão implícita que o estrutura por meio da influência e restrição que exerce nos critérios adotados para a escolha do conteúdo, forma e estilo. Ou seja, há diferentes funcionalidades em cada gênero que dependem dos seus propósitos que, por sua vez, compõem a construção social que o autor almeja realizar ao produzir um determinado gênero, de acordo com os seus interesses e objetivos, entre outros aspectos relevantes. Dessa forma, cada gênero acadêmico tem um propósito específico; por exemplo, um ensaio, um fichamento, uma monografia e um artigo científico tem objetivos específicos, desempenhando funções diferentes como texto. Esses gêneros têm características que os distinguem uns dos outros, sendo produzidos para um determinado propósito e público-alvo, com uma organização estrutural que os caracterizam.

Assim, o artigo científico é um texto com o objetivo definido de publicar, em periódicos especializados e em anais de eventos, os resultados obtidos em uma pesquisa sobre algum tema específico que gere questionamentos para a comunidade acadêmica, com o intuito de propiciar a comunicação entre professores, pesquisadores e profissionais, bem como entre estudantes, em geral de graduação ou pós-graduação (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Normalmente, os artigos na área de Letras variam entre 5 a 10 mil palavras ou entre 15 a 30 páginas, o que consideramos como textos relativamente longos; ainda assim, há revistas de outras áreas que podem trabalhar com uma quantidade menor de palavras e letras, havendo, portanto, uma considerável flexibilidade.

Além de produzir o artigo, quando o autor o finaliza, ele precisa enviá-lo para um periódico. Entretanto essa tarefa não é nada fácil, uma vez que ele necessita, primeiramente, pesquisar quais são os periódicos e revistas mais reconhecidos de sua área, e, posteriormente, escolher um entre eles para enviar seu estudo. Segundo Pereira (2011), essa escolha deve levar em conta diversos fatores que trazem implicações para o seu trabalho, e, a partir disso, o trabalho é revisado por um editor que verifica se ele é publicável de acordo com as normas da revista ou periódico. Um dos critérios para a aceitação ou recusa de artigos científicos é a averiguação de que ele traz alguma contribuição inédita para o meio acadêmico, ou seja, de que ele tem importância e relevância para a sua área de pesquisa.

Dessa forma, o trabalho passa por uma espécie de triagem em que se verifica, primeiramente, se ele é apropriado para publicação, sendo colocado como uma potencial publicação. Posteriormente, ele passa por uma forma de avaliação chamada de avaliação por pares, em que é utilizado um sistema de revisão de textos em que cada artigo passa por uma nova avaliação por especialistas que julgam quais trabalhos não seguem as exigências do periódico e quais são apropriados para publicação, seguindo critérios que classificam a qualidade da pesquisa, e, principalmente, avaliam se o artigo está de acordo com a linha editorial do periódico, e, quando ele é aceito, passa a ser considerado bem escrito e desenvolvido, merecendo, assim, ser divulgado pela revista.

Para respaldar e embasar o artigo científico é também importante que as referências utilizadas em sua fundamentação teórica sejam bem escolhidas, obedecendo alguns critérios que confirmam a sua qualidade. Motta-Roth e Hendges (2010), defendem que essa qualidade é medida por três fatores: o impacto, baseado na relevância medida pelo cálculo do número de citações que um determinado período recebeu nos dois anos anteriores em comparação com número de artigos que foram publicados; o Qualis-CAPES, que é um sistema brasileiro de avaliação de periódicos desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e a indexação, que ocorre quando o sistema internacional de catalogação de periódicos confere-lhe um número/índice. O sistema Qualis, inclusive, no contexto brasileiro, já busca captar e expressar também os fatores de impacto e indexação, usando critérios

para a classificação, visto que os periódicos de maior impacto e mais bem avaliados são os periódicos com Qualis A1 e A2, na nomenclatura atual, seguidos pelos B1, B2, B3, B4 e B5, respectivamente.

Com o avanço da tecnologia e a popularização da internet, os periódicos atuais são submetidos de forma *online*, nem que seja apenas por e-mail, facilitando a comunicação e trazendo mais rapidez para o processo de submeter um artigo, muitas vezes não trazendo custos monetários para os autores. De acordo com Pereira (2011), se a pesquisa é financiada com o dinheiro público, ela deve ser publicada de forma gratuita, para que toda a sociedade possa ter acesso ao conhecimento pesquisado, sendo, portanto, uma maneira de recompensar o dinheiro que lhe foi investido. Essa democratização do acesso é conhecida como *open access*, e é uma característica do sistema de pós-graduação e pesquisa brasileiro. Entretanto, algumas revistas, especialmente de outros países, como os Estados Unidos, restringem o acesso para assinantes por algum período, necessitando a realização de um registro ou pagamento *online*, o que limita o alcance de algumas pesquisas para estudiosos de outros países ou que não têm muitos recursos financeiros, por exemplo.

No âmbito da escrita acadêmica, podemos dividir o artigo científico em três tipos: o artigo experimental, o artigo de revisão de literatura e o artigo empírico, a partir da classificação sugerida por Swales (2004). Dessa forma, essa classificação pode ser diferente dependendo da fonte consultada, visto que ela reflete peculiaridades das áreas que se baseia. Segundo Motta-Roth e Hendges (2010), o artigo experimental é um relato de um experimento realizado para verificar hipóteses pensadas pelo(s) seu(s) pesquisador(es), enquanto o artigo de revisão é um relato de uma pesquisa baseada em uma investigação teórica sobre determinado tema em toda a literatura disponível em um determinado período. O artigo empírico, por sua vez, relata uma observação direta de algum fenômeno pesquisado por meio da experiência.

Todos têm como objetivo principal apresentar uma discussão sobre uma determinada questão que inquiete a comunidade científica de alguma área, trazendo resultados que sugerem alguma interpretação possível pelo(s) seu(s) pesquisador(es). Contudo, isso não significa que há padrões fixos nos diferentes

tipos de artigos, uma vez que cada um desses tipos varia de acordo com o local em que são produzidos, englobando todas as convenções das disciplinas e das áreas de conhecimento, entre outros aspectos a serem considerados (ARAÚJO, 2016, p. 46). Dessa forma, existem variadas formas de se elaborar um artigo a depender das suas possibilidades de produção e do tipo que se encaixa.

Assim, independente de qual seja o tipo de pesquisa, o artigo científico tem como propósito proporcionar a investigação de um fenômeno ou tema por uma nova perspectiva que provoque discussões teóricas que promovam possíveis interpretações para o estudo.

2.4.1 A estrutura do artigo científico

De um modo geral, entende-se que a estrutura de um artigo científico é dividida em quatro seções: introdução, método/metodologia, resultados e discussão, sendo que cada uma é caracterizada por suas particularidades. Swales (1990) chama essa divisão de IMRD, e considera que ela é especialmente importante para a formatação de um artigo, uma vez que há uma expectativa da parte do leitor sobre a estruturação de um trabalho científico, visto que existe uma sequência e um raciocínio implícito na organização e progressão de assuntos no texto. Essa estrutura, entretanto, pode ser restritiva para algumas áreas, não se aplicando a todas, especialmente no caso de artigos da área de Letras, visto que tendem a ir além desse limite imposto por essa organização textual. Mas, de um modo geral, considera-se que ela é uma boa forma de organizar artigos com o propósito de serem publicados em periódicos e revistas científicas. Essa questão pode ser melhor visualizada na figura 1.

Figura 1- Estrutura do artigo científico - IMRD



Fonte: Motta-Roth e Hendges (2010, p. 69)

Para os propósitos deste estudo, nos deteremos um pouco mais na introdução e na seção de revisão de literatura, que, quando separada da introdução, não seguindo propriamente a estrutura IMRD, geralmente vem após ela e antes do método, sendo que no caso dos artigos da área de Letras e Linguística isso quase sempre ocorre.

2.4.1.1 A introdução do artigo científico

A seção que introduz o artigo científico para o leitor é responsável por informá-lo sobre o tema da pesquisa, o seu objetivo e o motivo pelo qual o estudo é necessário, justificando a importância e relevância que ele traz para a sua área de estudo. Acima de tudo, almeja-se, na introdução, seduzir o leitor e fazê-lo

sentir vontade de continuar a leitura. Ou seja, o autor precisa necessariamente se utilizar de estratégias para chamar a atenção de seu leitor, fazendo-o envolver-se com o texto.

A partir disso, Motta-Roth e Hendges (2010) defendem que para que o autor desenvolva o tema de seu trabalho, ele também precisa contextualizar o problema do seu estudo na sua área de conhecimento. Para tal propósito, as autoras, baseando-se nos passos (*steps*) do movimento 1 do modelo CARS (*Create a Research Space* – Crie um Espaço de Pesquisa), que será visto no próximo capítulo, entendem que o escritor acadêmico deve revisar itens de pesquisa prévia e fazer generalizações sobre a temática estudada em seu texto, e isso é geralmente feito quando o autor apresenta lacunas em trabalhos anteriores ao seu, mostrando como o seu tema é complexo e complicado. Dessa forma, entende-se que a introdução “prepara o leitor para receber o restante do trabalho, para o que virá pela frente no artigo” (ARAÚJO, 2016, p. 48). Por isso ela é tão importante para o estudo, uma vez que é uma das seções mais difíceis de serem aprendidas pelos graduandos, visto que muitas vezes eles não sabem como formular perguntas e hipóteses para suas pesquisas, o que resulta em trabalhos acadêmicos confusos.

É na introdução, portanto, que o autor de textos acadêmicos precisa tomar as principais decisões sobre a sua pesquisa, escolhendo o tema e o seu objeto de estudo, bem como selecionando quais autores servirão como base para a sua argumentação teórica, entre outras questões que surgem no início da produção textual científica. O próprio modelo CARS já citado anteriormente é um modelo de estudo para introduções em artigos científicos, e ele, inclusive, deu origem a muitos outros trabalhos sobre essa seção, que se baseiam nos estudos de Swales (1990). Neste trabalho o utilizaremos como uma das formas de análise para o estudo da voz autoral em artigos científicos, para entender melhor as expectativas da comunidade acadêmica sobre as estratégias a serem usadas na seção.

Dessa forma, as introduções, que baseiam esse modelo, são provenientes de uma necessidade por parte do autor de situar sua pesquisa e de mostrar como ocupa esse nicho no qual tenta se encaixar, reestabelecendo

a importância do seu próprio campo de pesquisa para a sua comunidade discursiva, dependendo de fatores como o tamanho e relevância do seu nicho e da reputação que deseja mostrar como escritor para calcular a quantidade necessária de trabalho retórico na criação desse espaço, mostrando como o ocupará e defenderá (SWALES, 1990, p. 140-142). No contexto do ensino superior, especialmente na graduação, os estudantes enfrentam dificuldades para estruturar essa seção, e esse modelo pode, portanto, servir como uma maneira de auxiliar a organização da estrutura de suas introduções na produção de artigos científicos.

2.4.1.2 A seção de revisão de literatura do artigo científico

A revisão de literatura também é uma das seções mais difíceis para os graduandos, visto que ela exige que o autor tenha domínio no emprego das normas de citação e referência da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e, caso seja publicado, das normas do periódico almejado. Alunos recém-saídos do ensino médio, em geral, nunca foram introduzidos a essas regras e sentem um estranhamento natural ao terem que utilizá-las em seus trabalhos acadêmicos. Muitas vezes, o graduando necessitará recorrer a livros técnicos, ou a professores e pessoas mais experientes no campo da produção textual acadêmica. Isso implica que sem esse auxílio dificilmente o estudante conseguirá se tornar academicamente letrado.

Motta-Roth e Hendges (2010) apontam que, na revisão de literatura de um artigo científico, o autor necessita saber como dar crédito ao que outros autores já criaram, não cometendo o famoso plágio, tão temido pelos estudantes de graduação, uma vez que isso demonstra que ele tem consciência de que sua pesquisa é fundamentada em estudos anteriores ao seu, que são importantes para sua área. Por isso, as autoras defendem que é importante que o escritor saiba situar o seu estudo em uma grande área para que marque os estudos mais importantes que sustentam o seu trabalho. Saber quais estudos devem ser mencionados e quais são dispensáveis para o seu trabalho é tarefa do escritor acadêmico, que deve ter em mente qual é objetivo e o tema de seu estudo, não se perdendo na infinidade de artigos, ensaios, e textos acadêmicos em geral que estão facilmente disponíveis na internet. É preciso, portanto, que haja um

trabalho de leitura e avaliação por parte dos graduandos para que eles reflitam e escolham sabiamente a base para o seu estudo.

Isto posto, compreende-se que a revisão de literatura é uma seção que resiste a uma esquematização do conteúdo, tal é a variedade das possibilidades de organização do material, isso porque durante a sua escrita o autor pode fazer diversas escolhas sobre quais trabalhos deve incluir ou excluir (SWALES, 2004). Assim, o autor do artigo científico pode fazer um determinado recorte de estudos prévios que de fato se relacionam com a sua pesquisa, mostrando uma maturidade autoral ao conseguir se inserir no conhecimento compartilhado nos estudos de sua área de pesquisa. Para tanto, ele deve mostrar uma voz autoral e um posicionamento intelectual em seu texto, bem como indicar em que área do conhecimento o seu trabalho se situa por meio de pesquisas prévias, revelando, assim, o conhecimento que tem sobre o que já foi pesquisado acerca do tema estudado, mas também mostrando que há espaço para a realização de novas pesquisas (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 90). Essa voz autoral, por sua vez, é constituída por meio do exercício da escrita no contexto acadêmico, e será discutida no capítulo seguinte.

Dessa forma, diante de tudo o que foi visto neste capítulo, pode-se apreender que os gêneros são resultantes das interações sociais promovidas pelas comunicações humanas nas relações estabelecidas entre indivíduos, sendo, portanto, além de um fenômeno cultural, um fato social e histórico, uma vez que, ao longo do tempo, gêneros desaparecem ou são reinventados por conta das demandas da sociedade e, principalmente, pelos avanços tecnológicos. Dessa forma, todo texto é realizado por meio de um gênero em uma comunicação verbal.

Os estudos teóricos sobre os gêneros textuais são de grande importância para a compreensão das diferentes formas de se trabalhar com os textos em variados contextos, além de também servirem como uma ferramenta de ensino para estudantes de um modo geral. Para este estudo em especial, o Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes* – ESP) é uma poderosa abordagem para os estudos dos gêneros acadêmicos, visto que une o conceito

de gênero ao evento comunicativo, partilhando propósitos comunicativos que situam o gênero em uma determinada comunidade discursiva.

No ambiente acadêmico, a questão do trato com os gêneros se torna ainda mais problemática para novos estudantes, uma vez que há uma infinidade de gêneros que são solicitados por seus professores ao longo de suas disciplinas curriculares. Cada um desses gêneros tem propósitos específicos, com regras padronizadas que vão desde a sua estrutura até o seu conteúdo, sendo necessário que o estudante desenvolva uma competência para lidar com esses gêneros, tornando-se academicamente letrado. O artigo científico, que serve como base para a análise proposta neste estudo, é um dos principais gêneros acadêmicos, visto que ele promove a circulação e a troca de conhecimento entre membros de comunidades científicas, e isso faz com que ele seja muito valorizado pela academia, sendo necessário que o estudante consiga dominá-lo.

CAPÍTULO 3

MANIFESTAÇÃO DA VOZ AUTORAL EM TEXTOS ACADÊMICOS

Este capítulo tem como propósito principal apresentar o conceito de voz que adotamos neste trabalho em vista dos diversos significados que lhe podem ser atribuídos, buscando a compreensão desse fenômeno a partir das dimensões que o abrangem. Primeiramente, abordaremos a noção de voz, depois a discutiremos dos pontos de vista individual, social e dialógico; após isso, nos deteremos no estudo da voz autoral em textos acadêmicos e no posicionamento do autor; e, posteriormente, falaremos sobre uma abordagem metodológica do estudo da voz em textos acadêmicos constituída pela proposta metodológica integrativa de Castelló *et al.* (2011), que, por sua vez, engloba 3 dimensões: os recursos discursivos de posição propostos por Hyland (2005a), o modelo de estudo da intertextualidade proposto por Castelló *et al.* (2011), e, por fim, os movimentos retóricos (*moves*) de organização textual de Swales (1990), que são a base para a análise do *corpus* proposta nesta pesquisa.

3.1 Noção de voz

Definir o que é voz não é uma tarefa fácil, especialmente no campo dos estudos linguísticos, considerando a grande divergência de posicionamentos de pesquisadores renomados que se dedicam ao trato dessa questão, uma vez que alguns defendem a sua adoção nos estudos da escrita acadêmica e outros a recriminam. Tardy (2012, p. 34), por exemplo, percebe que “uma das questões mais espinhosas com a noção de voz é a ampla gama de significados atribuídos a ela. As interpretações metafóricas são múltiplas e sujeitas a argumentos sobre até que ponto a metáfora pode ser estendida com precisão”. Isso significa que quando falamos sobre o conceito de voz há diversas maneiras de se olhar para esse fenômeno, o que resulta na dificuldade de defini-lo unicamente de uma determinada forma específica, visto que para definir o que é voz é preciso ter em mente sua ambiguidade e sua polissemia, o que gera, assim, discórdia entre os estudiosos desse tema.

Dessa forma, há discrepâncias entre professores que acreditam no potencial do conceito de voz para o aprimoramento da escrita e os que não acham essa abordagem interessante, visto que esses últimos “a consideram desnecessária, se não uma distração, especialmente no contexto da redação acadêmica e profissional. Uma das razões mais óbvias para essa discrepância é a concepção variada de voz” (MATSUDA; JEFFERY, 2012, p. 151). Ou seja, quando buscamos definir o que é voz, precisamos ter em mente esse seu caráter multifacetado.

Bowden (2003, p. 285-286) compreende que a voz é uma metáfora muito poderosa que torna possível a compreensão de conceitos abstratos que são quase impossíveis de serem falados de outra forma, como o amor, o tempo, etc.; entretanto, essas mesmas metáforas podem também direcionar a determinados caminhos conceituais, rigorosamente limitando as percepções que os indivíduos podem apreender desses fenômenos. Ou seja, por se tratar de um conceito abstrato, pode haver confusões no seu entendimento, uma vez que pode ter tantos significados diferentes para tantas pessoas que é difícil defini-lo de uma forma clara.

Neste estudo, adotamos a perspectiva de Ivanič (1998, p. 183) de que as vozes são repertórios discursivos que escritores usam no exercício da escrita e são resultantes das suas experiências pessoais ao interagirem com outros textos e pessoas reais; e a concepção de Prior (2001, p. 55) que defende uma visão sincrônica do conceito de voz em que ela é pessoal e social, porque ele vê o discurso como algo fundamentalmente histórico, situado e indexado. Assim, o autor, ciente do peso de suas afirmações, ajusta seu discurso para mostrar uma voz que se alinhe ao discurso de sua comunidade acadêmica.

Para tentarmos esclarecer as formas de interpretar o conceito de voz disponíveis atualmente, adotamos para este estudo as três dimensões amplas de interpretação de voz propostas por Tardy (2012, p. 34), que, por sua vez, são divididas em aspectos individuais, aspectos sociais e a noção de voz como dialógica.

3.1.1 Voz do ponto de vista individual, social e dialógico

O ponto de vista que enxerga a voz como algo individual trata essa metáfora de uma forma pessoal e única que define um determinado indivíduo, ou seja, uma pessoa tem uma única voz que a caracteriza e diferencia de todas as outras vozes de outras pessoas, sendo vista de forma singular. No texto, essa voz é uma espécie de impressão do autor em sua escrita que o marca como seu; por exemplo, quando professores leem uma redação que solicitaram para seus alunos, muitas vezes eles conseguem apreender qual estudante escreveu cada trabalho por já conhecer a forma como ele escreve e se posiciona em seus escritos.

Entretanto, consideramos importante diferenciar essa habilidade de escrever bem por meio da projeção da uma voz própria, ou seja, essa capacidade do autor de emergir em seu texto, da noção de estilo, uma vez que essa competência pode ser resultado de um talento para essa forma de escrita, enquanto o estilo já é algo que pode ser ensinado e aprendido, sendo moldado de acordo com determinados propósitos, contribuindo para a efetividade de sua escrita (BOWDEN, 2003, p. 297). Assim, é pertinente que deixemos claro que não estamos tratando aqui de estilo, mas sim de como o autor consegue se tornar visível em seus textos.

Dessa forma, é muito comum encontrarmos essa percepção no âmbito literário da produção acadêmica, mesmo havendo uma certa polêmica com relação a essa questão, uma vez que esse conceito de uma voz única e original entra em conflito com uma visão dialógica e sócio-histórica. Essa voz, então, é entendida como uma forma de “identidade única e irrepetível, especialmente saliente em contextos acadêmicos” (SANTOS; SILVA, 2018, p. 399). Isto é, o autor de um texto acadêmico teria, nessa perspectiva, uma única identidade que o individualizaria como autor, não levando em conta outros aspectos que o constituem como indivíduo.

Em vista disso, podemos entender, então, que

a voz individualizada é frequentemente descrita como a marca única e reconhecível de um escritor, associada à autenticidade, ressonância, autoridade e presença autoral dentro de um texto. Pode relacionar-se a noções de estilo e postura e é

frequentemente considerada como realizada por meio de características linguísticas particulares. De forma mais geral, os aspectos individuais da voz contribuem para uma concepção mais ampla da autorrepresentação de um escritor dentro de um texto [...]. No entanto, como os estudos sobre voz (e identidade de forma mais ampla) também demonstram, a autorrepresentação é construída tanto individual quanto socialmente - levando-nos às dimensões sociais. (TARDY, 2012, p. 37).

O ponto de vista que vê a voz como algo social está no extremo oposto dessa visão individualista da voz, uma vez que leva em consideração o aspecto dos grupos sociais aos quais um determinado indivíduo pertence, bem como as disciplinas que cursa, ou seja, o seu contexto social, mas não apenas o contexto social do autor, mas também do seu potencial leitor, levando em conta o que Tardy (2012, p. 38) denomina “dimensões sociais da voz”. A identidade do autor do texto, então, é múltipla, assim como sua voz, isto é, não há uma única voz individualizada, mas sim uma voz que provém do âmbito social carregada com seus valores, crenças, ideologias, enfim, toda a sua bagagem sócio-histórica e cultural que ele naturalmente e inconscientemente transporta para o seu texto no momento em que o escreve.

Tardy (2012, p. 38) também defende que “a importância do contexto social na construção da voz é igualmente acentuada nas discussões sobre como os escritores se posicionam em relação aos textos em que se baseiam”. Por exemplo, quando um autor escreve sua dissertação de mestrado, ele leva em consideração as expectativas de seu orientador e o que é esperado que ele alcance em sua escrita por seus avaliadores, e, assim, se porta de acordo com as normas e regras específicas desse gênero, bem como assume determinados posicionamentos típicos de sua comunidade científica, buscando ser aceito como um membro legítimo por seus pares acadêmicos. Esses posicionamentos, por sua vez, não refletem necessariamente a identidade do indivíduo fora do ambiente universitário, mas sim sua identidade acadêmica, e sua voz, portanto, varia de acordo com o cenário e a circunstância em que se encontra.

Dessa forma, quando os autores fazem escolhas que os alinham a determinados autores prestigiados pela academia ou mesmo escolhem não adotar determinadas visões e conceitos de outros autores, eles produzem um

discurso que os leva a apresentar uma voz que aparece em seus textos; essa voz é o que chamaremos aqui de voz autoral, a voz do autor como membro de uma comunidade acadêmica específica e situada em um contexto sócio-histórico que o envolve. Portanto, tomar o conceito de voz em uma perspectiva social implica em uma forma de autorrepresentação do autor, que revela a sua presença em seu texto, e essa presença é constituída através do meio social no qual seu estudo é realizado (TARDY, 2012, p. 39). Isso implica que a escrita do autor de textos acadêmicos sempre revelará, explicitamente ou implicitamente, ideologias, crenças e discursos que circulam na sua comunidade.

Assim, podemos entender que há diversas vozes dentro de um determinado texto escrito, visto que o autor de uma pesquisa acadêmica, por exemplo, deve trazer e conversar com as vozes de outros atores reconhecidos e renomados em sua área, ou seja, o seu texto reverbera não só a sua voz, mas as vozes de vários autores aos quais ele se alinha conscientemente ou inconscientemente. É por esse motivo que Tardy (2012, p. 39) evoca o conceito de heteroglossia proposto por Bakhtin (1981) para explicar essa noção de que a linguagem é fruto dos propósitos não só do autor do texto, mas também dos propósitos das outras pessoas que estão envolvidas nele, ou seja, há uma multiplicidade de vozes que a cercam, não sendo, portanto, algo individual ou neutro de interferências exteriores.

Pensando nisso, a autora defende que ela “nos ajuda a entender como a voz de um texto pode ser mais bem pensada como uma mistura de vozes - embora as maneiras pelas quais as vozes são colocadas em conversação possam ser atribuídas a escolhas feitas por um autor individual” (TARDY, 2012, p. 39). Isso implica, então, que em um só texto há diversas e múltiplas vozes que conversam entre si, em que o autor faz variadas combinações.

O ponto de vista que enxerga a voz como dialógica, por sua vez, não leva em conta apenas aspectos individuais ou sociais, mas sim os dois. Tardy (2012, p. 39-40) defende que nessa perspectiva a voz é controlada tanto pelo escritor quanto pelo seu contexto social. Ou seja, é por meio da interação dialógica entre o autor e a(s) sua(s) comunidade(s) que essa voz pode ser mais individual ou mais social a depender de para quem direciona o seu texto (SANTOS; SILVA,

2018, p. 400). Dessa forma, a voz de um determinado indivíduo não é apenas o produto da sua individualidade ou do seu contexto social, mas sim é uma mistura desses dois aspectos, e, portanto, o autor de um determinado texto precisa aprender a controlar quando precisa usar uma voz que o mostre um pouco mais como indivíduo, mas, ao mesmo tempo, também necessita utilizar uma voz que o insira em um contexto social.

Assim, não são apenas as dimensões individuais e sociais que fazem parte da voz, visto que devemos levar também em consideração a interação entre autor e leitor, que, por sua vez, ocorre em um espaço e tempo que a situa. Tardy (2012, p. 40) defende que a voz dialógica é constituída pelas impressões do leitor que identificam a voz do autor do texto em um determinado meio social. Isso implica que é o leitor quem decodifica a voz que está impressa nas marcas que o autor deixa em sua escrita, e isso, por sua vez, torna possível que ele o identifique entre outras vozes de outros autores.

Mas o que isso significa? Isso quer dizer que o autor, ao escrever seu trabalho, projeta um potencial leitor de sua produção escrita, e ele tenta, portanto, alcançá-lo por meio de estratégias discursivas que o façam compreender sua voz autoral. Entretanto, quando o autor erra na sua previsão sobre o leitor, ele destoa da interpretação da voz que o leitor faz dele, e isso faz com que ocorra um desajuste de expectativas, em que “as identidades pretendidas de um escritor se desalinham com as identidades ou impressões atribuídas pelos leitores” (TARDY, 2012, p. 40). Esse desalinhamento ocasiona uma desconexão entre o autor e o leitor, fazendo com que sua produção textual não alcance o seu objetivo principal que é se comunicar efetivamente com seu leitor.

3.2 O estudo da voz em textos acadêmicos

Diante de tudo o que foi visto até agora, surge o questionamento sobre a importância do trato com a noção de voz no âmbito da escrita acadêmica e na sala de aula. Se esse conceito gera tantos debates entre os estudiosos da academia, por que devemos levá-lo em consideração ao lidarmos com a produção da escrita de graduandos? Para isso, justificamos que, apesar da

controvérsia que envolve esse assunto, mais do que nunca, essa questão da noção de voz continua muito presente na produção de textos acadêmicos, uma vez que a voz autoral só pode ser apreendida pela maneira como o escritor efetivamente consegue manifestá-la em seu texto ao pensar em como seu leitor poderá entendê-la (SILVER, 2012, p. 202-203). É, portanto, a partir da voz que as identidades estão em constante construção, sendo reconfiguráveis a todo momento.

Entretanto, por mais que haja esforços para desmistificar essa visão de voz como uma marca individualizada e inimitável que caracteriza e difere um autor do outro, de uma maneira livre das interações sociais e das ideologias e crenças que fazem parte da sua constituição, ainda persiste, tanto nas mentes de graduandos quanto nas de alguns de seus professores, a ideia de que existe uma voz que transmite ao seu leitor a sua “verdadeira” identidade e que o pesquisador necessariamente precisa projetá-la em seus textos; ou seja, há uma correspondência indesejável entre a noção de que há uma voz individual que apresenta a identidade como algo singular que é centrado no indivíduo à parte do social, e essa correspondência causa conflitos na compreensão de como uma identidade é formada no ambiente acadêmico.

Sobre isso, porém, há um consenso entre teóricos, professores e livros didáticos de que os escritores têm várias vozes usadas de acordo com os diferentes públicos e ocasiões particulares, não tendo, portanto, apenas uma voz única que seria considerada real; dessa forma, entendemos que não há uma única voz estável que caracteriza um determinado indivíduo, mas sim um repertório de vozes sociais construídas de acordo com seu contexto, sua circunstância e sua audiência; todavia, essa voz deve ser estável, mostrando-se coerente e unificada por meio dessa instância retórica (BOWDEN, 2003, p. 293). Isso significa que o autor de um determinado texto deve buscar manifestar em seu trabalho uma voz que o apresente de forma coerente e compreensível, permitindo que seu leitor o compreenda sem grandes dificuldades ou confusões semânticas, proporcionando uma comunicação efetivamente satisfatória.

Podemos justificar essa necessidade de apresentar uma voz autoral nos trabalhos acadêmicos pelo argumento de que “quando os leitores ouvem uma

voz em um texto, geralmente ficam mais atraídos para lê-lo - e essa voz audível geralmente torna as palavras mais fáceis de entender” (ELBOW, 2007, p. 7). Mas o que isso quer dizer? Quando o leitor está lendo um determinado texto, ele forma em sua mente uma imagem de uma voz do autor que está falando e conversando com ele, propondo uma troca de conhecimento. Elbow (2007, p. 7) defende essa voz como uma linguagem que os leitores de um determinado texto apreendem ao lê-lo, tendo a impressão de ouvi-la. Essa escrita, cujas palavras apresentam uma voz mais visivelmente perceptível, então, seria mais clara para os leitores do que aquela que não busca dialogar com seu leitor, isto é, daquela que não tenta mostrar uma voz clara e reconhecível para seu receptor.

Dessa forma, quando, ao lermos um texto, percebemos que uma determinada voz é oscilante e insegura, ou que uma voz é confusa ou assertiva, estamos querendo dizer que, dependendo da forma como o autor se coloca em seu texto, criamos uma imagem sonora de sua voz, percebendo-a como mais ou menos forte, mais insegura ou segura, mais confusa ou menos confusa, e isso implica que automaticamente fazemos essas ligações cognitivas com o que acreditamos ser a voz autoral do texto que estamos lendo, imediatamente traçando uma concepção sobre quem é o autor e qual é a sua personalidade acadêmica.

Por exemplo, em um texto acadêmico, como o artigo científico, quando percebemos que um autor se posiciona de forma mais emotiva do que argumentativa, não trazendo contrapontos aos seus questionamentos e não dialogando com outras vozes autorais, entendemos que esse autor provavelmente deve ser novo na produção desse gênero e ainda não o domina. De forma semelhante, quando notamos que o autor de um ensaio, por exemplo, não se posiciona de forma mais marcada em seu trabalho, apenas citando e parafraseando outros autores, enxergamos como um escritor que ainda não se apropriou desse gênero, isto é, um autor que ainda apresenta dificuldades para estabelecer uma conversa com outros autores sem deixar de se mostrar em seu trabalho.

Assim, adotamos neste estudo essa proposição de que ao escrevermos, estamos produzindo uma voz que não apenas reproduz outros discursos e outras

vozes, mas que também leva em consideração o nosso destinatário, o nosso receptor, isto é, nosso pretense leitor. Dessa forma, não reproduzimos apenas os nossos pensamentos e ideias de uma forma despretensiosa, mas sim almejamos estabelecer uma conexão direta com nosso leitor por meio de nossas escolhas de palavras, da organização textual e retórica, buscando, assim, cumprir as expectativas que antecipamos que o leitor terá ao longo da leitura. Ou seja, “os argumentos que fazemos, as posições que tomamos e as formas de nos conectarmos e nos encaixarmos com os outros, todos contribuem para a apresentação de nós mesmos e assim influenciam como os outros nos respondem” (HYLAND, 2012b, p. 135). Para tanto, trazemos informações que avaliamos como importantes para a compreensão textual do leitor, explicamos determinados termos que podemos considerar muito técnicos ou abstratos para nosso público-alvo, bem como buscamos prever suas reações e suas necessidades de leitura, escolhendo palavras que possam transmitir exatamente o significado que pretendemos trazer.

A partir disso, Elbow (2007, p. 7) defende que “com a prática, as pessoas podem aprender a escrever prosa que ‘tem uma voz’ ou ‘soa como uma pessoa’ e, curiosamente, quando o fazem, suas palavras são mais eficazes para transmitir significado”. Essa visão entende que a linguagem que escolhemos utilizar em nossa escrita permite uma conexão maior ou menor com nosso pretense leitor, visto que na fala é mais fácil estabelecer essa ligação por meio de elementos sonoros como a entonação e o ritmo, ou seja, devemos tentar tornar nossa escrita e, conseqüentemente, nossa voz, mais real, quase como se nosso leitor pudesse ouvi-la mentalmente. Para isso, ele propõe que estejamos sempre atentos ao uso de nossa voz em nossos escritos, pensando sempre em escolhas que a tornem apropriada para o nosso público, podendo analisá-la por meio da leitura em voz alta, da análise de textos de outros autores, buscando sempre identificar o que a torna mais visível e efetivamente comunicativa, apreendendo as ferramentas que tornam o leitor mais disposto a ouvi-la.

Sobre essa última questão, “é particularmente importante aprender a ouvir a voz ou as vozes que os leitores não ouvirão conscientemente, mas isso pode muito bem afetar sua reação” (ELBOW, 2007, p. 8). Isso implica que devemos prestar uma atenção especial para como nossa voz pode ser percebida por

nosso leitor. Por exemplo, ao usarmos determinadas construções de argumentos ou escolhas de palavras, qual imagem estamos projetando para nosso pretendo leitor? Estamos parecendo arrogantes, tímidos, fracos, enfim, o que estamos comunicando para ele? E que imagem nós queremos passar? Certamente esperamos passar credibilidade e segurança em nossos posicionamentos. Mas para atingirmos esse objetivo, como podemos fazê-lo? Essas são questões que o escritor precisa ter sempre em mente, especialmente na área acadêmica, uma vez que ele estabelece um diálogo direto com sua comunidade e, conseqüentemente, com as diversas vozes que existem em seu meio.

Dessa forma, podemos entender que

nossa voz falada é uma das principais características que nos identifica e nos distingue dos outros. Frequentemente, considera-se que a voz tem presença, a presença do locutor. É nessa presença que os ouvintes podem sentir (ou não) autenticidade, genuinidade e paixão. Para muitas pessoas, segue-se então que, para que a escrita tenha presença, ela também deve ter voz. Escrever com presença é uma escrita poderosa; isso ressoa com o leitor. (BOWDEN, 2003, p. 292).

Mas o que significa escrever com presença? O que isso implica na construção textual de nossos estudos acadêmicos? “Escrever com uma presença” é marcar na produção da voz quem é o autor e como ele lida com as outras vozes com que trava conexões, como ele se posiciona ao longo do seu texto, quais recursos utiliza para organizá-lo, quais associações faz com outros autores, quais autores intencionalmente escolhe não se associar, quais tipos de argumentos enxerga como suficientemente eficazes para convencer seu leitor de que domina o que está defendendo ou discutindo em seu texto; ou seja, todos os meios pelos quais manipula sua voz em sua escrita para se revelar na sua voz autoral. Assim “a voz [...] sempre implica uma posição, por mais claramente marcada que esta seja” (FLØTTUM, 2012, p. 218).

Dessa forma, a escrita acadêmica é desenvolvida por meio das práticas que constituem os eventos da comunidade em que o indivíduo está inserido, envolvendo, assim, a construção de uma voz que revela uma identidade que o configura como autor acadêmico, mostrando os seus posicionamentos e as suas próprias escolhas que, ao mesmo tempo, o particulariza e também o aproxima de outros autores do seu meio social. No âmbito acadêmico, principalmente,

estamos sendo constante avaliados por pessoas que consideramos *experts* na escrita acadêmica, como orientadores de projetos e professores, recebendo regularmente *feedbacks* sobre nossas produções textuais, no que precisamos melhorar para sermos considerados efetivamente bons autores em nossa área de pesquisa. Estamos, portanto, sempre tentando nos encaixar em um molde que nos torne bem avaliados pela nossa comunidade acadêmica, e isso, por sua vez, nos impele a tentarmos nos encaixar em uma “caixinha” por assim dizer, em um nicho de nossa área, sendo aceito por nossos pares.

3.2.1 O posicionamento do autor

Para compreendermos melhor o que significa ter uma voz autoral na escrita acadêmica, precisamos, principalmente, entender o conceito de posicionamento. O que significa dizer que um autor se posiciona efetivamente em seu texto? Entendemos como posicionamento a postura que o autor assume em relação às escolhas do que ele diz em seu texto, expressando, assim, certezas, dúvidas e probabilidades, podendo ser mais assertivo, mais peremptório, ou seja, revelando até que ponto se compromete com o que diz; e isso ocorre por meio da interação discursiva que faz parte da escrita acadêmica, uma vez que quando ele escolhe tomar um posicionamento em vez de outros possíveis, está colocando sua voz como autor em evidência.

Hyland (2002) compreende que o escritor de textos acadêmicos deve marcar a sua posição através de proposições que a tornem visível na sua escrita em meio ao seu contexto e de acordo com os objetivos de comunicação almejados pelo texto, visto que seus trabalhos são uma representação do seu “eu” escritor, e, para isso, ele precisa selecionar suas palavras para persuadir seus leitores. Isso implica que ao escrever um estudo acadêmico, o autor é obrigado a conversar com as outras vozes que o permeiam, mas que, ao mesmo tempo, ele precisa estabelecer uma conexão com seu leitor, revelando-se por meio do nível de controle de personalidade que almeja apresentar em seu trabalho, buscando, assim, a legitimação de seu posicionamento, que deve ser avaliado por seu leitor como válido, trazendo, portanto, uma voz que não é só uma repetição de outras vozes ou discursos comuns na academia, mas sim que

seja fruto de uma profunda reflexão do autor, que, por sua vez, é naturalmente transportada em seu texto.

Sobre isso, Hyland (2012b, p. 137) defende que

Adotar uma voz acadêmica apropriada para antecipar as expectativas e respostas dos leitores ao que eles escrevem pode ser muito difícil para escritores que não estão acostumados a ver a escrita como interativa ou a imaginar os interesses e requisitos de um público em potencial. Mais do que isso, [...] assumir uma voz acadêmica pode não apenas parecer estranho, mas alienígena. O "eu" que está inscrito no discurso acadêmico é estranho para recém-chegados e novatos que muitas vezes sentem um conflito na identidade que estão retratando usando convenções prescritas disciplinarmente. (HYLAND, 2012b, p. 137)

Dessa forma, o estudante recém-chegado ao ambiente universitário geralmente enfrenta dificuldades para encontrar uma identidade acadêmica que considere consistente com sua identidade fora desse local, muitas vezes sentindo-se como uma espécie de impostor, uma vez que com a necessidade de seguir as regras e normas dos gêneros requeridos nesse ambiente, ele se sente perdido ao tentar projetar uma voz que o defina como autor de seu texto, que o encaixe e ao mesmo tempo o diferencie das outras vozes de outros autores com as quais precisa estabelecer um diálogo. Além dessa questão, o graduando também precisa encontrar uma forma de se posicionar em seu texto que converse diretamente com seu pretense leitor, ou seja, ele não pode simplesmente escrever de qualquer forma, mas sim sempre tendo em mente que ele está buscando suprir as expectativas e reações que o seu receptor potencialmente pode ter ao lê-lo.

Ao tentar estabelecer essa relação de confiança com seu leitor, o escritor ainda precisa oferecer uma boa representação de quem ele é como autor e de como é o seu trabalho, buscando, assim, criar uma identidade, e, conseqüentemente, uma voz autoral que o encaixe em sua comunidade acadêmica. No caso do estudante universitário, em particular, “as formas de escrita e fala que cresceram em torno das disciplinas são fundadas nos participantes suprimindo suas distintas identidades sociais e culturais para fundamentar argumentos disciplinares e assuntos, tomando posições ‘disciplinares validadas’ em vez de pessoais” (HYLAND, 2012b, p. 149). Ou seja,

o aluno sente uma pressão para deixar de lado a bagagem que traz de fora da universidade e se concentrar em produzir uma voz que não é simplesmente pessoal, mas sim que pode ser validada por seus pares e pelas disciplinas que cursa, por meio da adoção de determinadas convenções que as regem.

Entretanto, defendemos que apesar dessa pressão que é feita para que o estudante siga determinados posicionamentos, valores, ideologias, bem como a linguagem de autores mais prestigiados e renomados da academia, ou mesmo de seus tutores, ainda assim é possível que o aluno possa construir uma identidade com mais liberdade, mesmo buscando se encaixar como membro de sua comunidade acadêmica, uma vez que ele consegue manifestar uma identidade e uma voz autoral que o personaliza de uma forma que ele se torna reconhecível entre as outras vozes e discursos alheios por meio das negociações que ele faz com os valores e crenças pessoais e os da sua área.

3.3 Abordagem metodológica do estudo da voz em textos acadêmicos

Neste estudo, propomos examinar o *corpus* coletado a partir de uma proposta metodológica que integra três dimensões de análise que envolvem o posicionamento do autor, a intertextualidade existente em seu texto e os movimentos retóricos que ele utiliza ao estruturá-lo. Para tal propósito, nos baseamos na proposta de Castelló *et al.* (2011), que, por sua vez, também se baseia em Hyland (2005a) e Swales (1990), para propor o estudo da voz acadêmica, buscando apresentar um modelo de análise textual que possa auxiliar na compreensão da produção da escrita nesse ambiente.

3.3.1 A proposta metodológica integrativa de Castelló *et al.* (2011)

Neste trabalho, apoiamo-nos na proposta metodológica integrativa de Castelló *et al.* (2011), que aborda a manifestação da voz nos textos utilizando um sistema de análise para ser usado no estudo da construção de textos escritos e acabados. Essa proposta tem três dimensões de análise que são a base deste trabalho, em que cada uma delas se atenta a determinados aspectos que os autores consideram relevantes para a noção de voz, sendo a primeira sobre os recursos discursivos que o autor usa para posicionar-se no texto, a segunda

acerca da intertextualidade nas formas de citação e alusão, e a terceira a respeito dos movimentos (*moves*) utilizados na organização de textos.

3.3.1.1 Primeira dimensão: recursos discursivos de posição

A primeira dimensão propõe a análise dos recursos discursivos que o escritor usa para se projetar mais (ou menos) explicitamente no texto, baseando-se em categorias propostas por Hyland (2005a), que, por sua vez, relacionam-se com a posição que o autor adota ao escrever seus textos, sendo o modo como ele se posiciona como autor detentor de uma voz que o caracteriza. Essas categorias, por sua vez, são baseadas no modelo de análise da dimensão interacional de metadiscorso proposto por Hyland (2005a), que aborda a manifestação da voz nos textos utilizando categorias que mostram os recursos interacionais com os quais os autores expõem seus pontos de vista, adotando posições socialmente determinadas em relação aos outros que os envolvem na relação entre o leitor e o escritor por meio do texto e do discurso.

Dessa forma, essa segunda dimensão de análise se preocupa com a forma como os escritores usam os recursos discursivos para se posicionarem em seus textos, revelando, assim, uma tomada de posição como autores. Esses recursos são divididos em cinco categorias: expressões de evasão de compromisso ou *hedges*, potenciadores/enfatizadores ou *boosters*, marcadores de atitude, autorreferências, e marcadores de implicação/envolvimento. Todos esses recursos têm como propósito principal envolver os leitores, permitindo-os participar do discurso, revelando, assim, o controle que o autor exerce sobre o quanto de sua personalidade ele almeja mostrar em seu texto, não só trazendo o seu leitor para o discurso, mas também auxiliando-o na interpretação de sua produção textual, antecipando suas reações e seus questionamentos sobre o texto (HYLAND, 2005a, p. 52).

Assim, conforme Silva (2017, p. 44), ao realizar uma produção textual o autor precisa planejar estrategicamente o seu texto, organizando-o de uma forma que permita que o leitor entenda as “pistas” que ele propositalmente deixa na sua escrita, proporcionando que o leitor possa interagir com o escritor por meio da compreensão textual almejada. Ainda assim, o leitor pode rejeitar um

determinado posicionamento do autor ou reinterpretá-lo de acordo com os dados apresentados no estudo, e, por isso, o autor, através do metadiscorso, usa esses recursos como uma forma de persuadi-lo (HYLAND, 2005a, p. 54). Ou seja, é por meio do uso desses recursos discursivos que o autor pode engajar-se no seu texto, mostrando seu posicionamento, e a partir da análise desses recursos é possível identificar a presença do autor e como ela se revela no seu texto em meio ao seu discurso que, por sua vez, é fruto da interação entre ele e o seu pretense leitor, sempre de acordo com as normas e convenções da sua comunidade.

3.3.1.2 Segunda dimensão: a intertextualidade

A segunda dimensão relaciona-se com a análise da intertextualidade em textos e das evidências de negociação com outras vozes, em que o autor interage com os outros autores que permeiam o seu estudo, integrando leituras (fonte explícita) e variados conhecimentos prévios (fonte menos explícita) que compõem a voz autoral do escritor. Dessa forma, Castelló *et al.* (2011) propõem 6 categorias em que o escritor estabelece um diálogo com outros textos e autores que baseiam a sua argumentação, sendo consideradas como referências explícitas que variam de grau, podendo ser mais explícitas (citação) ou menos explícitas (alusão), uma vez que a intertextualidade não pode ser reduzida apenas à produção de textos efetivamente lidos ou citados. Essas categorias são divididas em citação direta, citação indireta, menção a pessoas, documentos ou enunciados, comentário avaliativo sobre enunciados, textos ou outras vozes invocadas, uso de frases ou termos associados a pessoas, grupos de pessoas ou documentos, e uso da linguagem característica de determinadas formas de comunicar, discutir com outros, ou de tipologias de documentos: gêneros, vocabulário, padrões de expressão.

Entendemos intertextualidade, então, como o produto das relações que um texto tem com os outros textos socialmente disponíveis e que fazem parte do arcabouço teórico que o indivíduo carrega das suas leituras anteriores, podendo ocorrer por meio da citação ou alusão. Araújo (2016) alega que ao escrever artigos científicos, que é o gênero examinado neste estudo, o estudante necessariamente tem que ter a capacidade de trabalhar com os diversos

discursos existentes, visto que precisa ter a ciência da importância dessa heterogeneidade na sua produção textual. A autora compreende que o momento e o modo em que uma citação ocorre em um texto, bem como sua funcionalidade para a corroboração de seus argumentos, mostram o lugar em que o autor se encaixa em uma comunidade ou área acadêmica específica, revelando o seu grau de autoria, uma vez que precisa reformular discursos de outros autores para encaixar no seu próprio.

Bezerra (2015), por sua vez, vê a intertextualidade como uma parte essencial da construção da identidade acadêmica do estudante e de seus letramentos acadêmicos, e defende que o aluno, ao ingressar na universidade (tanto na graduação quanto na pós-graduação), precisa receber a orientação de professores para auxiliar a compreensão das normas que, até então, ele desconhece, possibilitando que possa obter sucesso em seu curso. Essa medida se mostra necessária por decorrência da falta de prática e, conseqüentemente, experiência dos alunos recém-saídos do ambiente escolar, que não costumam produzir esse tipo de texto que é permeado de técnicas de escrita e produção textual, bem como de regras e normas específicas da academia, como as da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Assim, quando falamos que a intertextualidade é algo inerente aos textos, queremos dizer que os textos não surgem de um vácuo ou de um nada saído diretamente de seu aparelho cognitivo, mas sim que ela se faz naturalmente presente em qualquer texto por meio dos enunciados presentes nele. Há, portanto, um diálogo, uma relação com outros textos que o autor usa para argumentar, contra-argumentar, levantar questões e hipóteses, manifestando um posicionamento próprio diante de todas essas outras vozes com as quais estabelece uma conversa.

3.3.1.3 Terceira dimensão: movimentos de organização textual

A terceira e última dimensão relaciona-se com a estruturação dos textos, baseando-se nas propostas de organização de informações contidas especificamente nas introduções de artigos de pesquisa elaboradas por Swales (1990, 2004) em seu modelo denominado de CARS (*Create a research space* –

Crie um espaço de pesquisa), que abarca a análise de movimentos retóricos (*moves*), que, nessa proposta, são unidades maiores compostas por passos (*steps*), que, por sua vez, são subunidades desses movimentos. Originalmente, o modelo era composto por quatro movimentos que, ao longo do progresso dos estudos, foi reduzido para três movimentos compostos por onze passos. De acordo com Castelló *et al.* (2011), esses movimentos deixam explícita a posição do autor através das opções adotadas ao mostrar a progressão temática e a conexão com as suas ideias próprias e outras retiradas da revisão bibliográfica. Além disso, os autores também propõem relacionar esses diferentes movimentos retóricos com as mudanças temáticas, complementando, assim, a análise proposta com todas as unidades temáticas dos textos.

O modelo CARS criado por Swales (1990) é, portanto, uma importante ferramenta de análise de textos, especificamente para a seção da introdução, para a qual foi pensado, visto que, com a concepção de que existem movimentos retóricos em regularidade na seção de introdução de artigos que, por sua vez, são constituídos por vários passos que se dividem em obrigatórios ou não obrigatórios, é possível elucidar as escolhas que os autores realizam na organização de seus textos de acordo com a sua intencionalidade, estruturando suas argumentações, e as relações entre suas ideias e as ideias provenientes dos discurso de outros autores que, por sua vez, são projetadas na sua escrita (CASTELLÓ *et al.*, 2011). Ou seja, eles servem como uma espécie de indicadores dessas escolhas, que não são arbitrárias, mas sim intencionais, uma vez que o escritor ativamente procura organizar o seu texto de acordo com os seus propósitos.

A partir disso, ao longo dos estudos sobre gêneros, foram surgindo reformulações desse modelo que vão além da seção de introdução de artigos de pesquisa, que é o foco do modelo CARS, sendo adaptado a outros gêneros acadêmicos. Ou seja, partindo-se do mesmo princípio metodológico, que é a análise de movimentos (subjacente ao modelo CARS), é possível analisar diferentes gêneros e também as demais seções do artigo de pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que esse modelo em si somente se aplica a introduções de artigos, de modo que é a análise de movimentos que pode ser aplicada de modo geral aos diversos gêneros, não o modelo CARS.

Portanto, ao analisarmos os artigos científicos que coletamos nessa dimensão de análise textual, estamos buscando desvendar e esclarecer quais movimentos retóricos os estudantes geralmente utilizam na estruturação retórica de seus trabalhos acadêmicos, mostrando, assim, suas motivações para as escolhas organizacionais que fazem em seus escritos.

Dessa forma, diante de tudo que vimos até agora, é nítido que a abordagem da noção da voz autoral é importante para os propósitos deste estudo, uma vez que nos permite entender como ocorre a produção dessa voz em meio ao ambiente acadêmico, que não só exige que o estudante domine os gêneros que são requeridos pela academia, mas que também demanda que ele construa e apresente uma voz que, ao mesmo tempo que o encaixe em sua comunidade, também o diferencie dos outros autores de sua área. Assim, o aluno novato na universidade geralmente enfrenta dificuldades para conciliar sua identidade fora desse ambiente com a sua nova identidade que deve ser transportada para seus textos, criando, portanto, uma nova identidade composta por uma voz que o define como autor de suas produções textuais. Ou seja, ao buscar criar uma voz que o represente como autor de seu trabalho, o estudante é obrigado a se posicionar em seu texto, a mostrar um discurso em que ele adota, refuta ou crítica outros conceitos e percepções defendidas por outros autores, inclusive mais renomados e prestigiados pelos membros de sua comunidade acadêmica.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Este capítulo tem como propósito principal apresentar a metodologia adotada neste estudo para a realização das análises propostas. Para tal fim, primeiramente, contextualizaremos esta pesquisa; em seguida, iremos falar do tratamento que tivemos com os dados; após isso, delimitaremos o universo; posteriormente, falaremos da coleta e análise do corpus que compõe esta pesquisa, e, por fim, informaremos os procedimentos adotados para as análises a partir da proposta metodológica integrativa elaborada por Castelló *et al.* (2001), que, por sua vez, é composta pelos recursos discursivos de posição propostos por Hyland (2005a), pela intertextualidade nas formas de citação (mais explícita) e alusão (menos explícita) proposta pelos autores, e, por último, pelos movimentos retóricos (*moves*) propostos por Swales (1990) em seu modelo CARS, que servem de base para este estudo.

4.1 Contextualização da pesquisa

Esta pesquisa baseia-se na análise de artigos produzidos por alunos do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) que não foram publicados e por estudantes do curso de Letras de diferentes universidades brasileiras que tiveram seus estudos publicados na Revista Ao Pé da Letra, que tem como objetivo a divulgação de trabalhos, de cunho teórico e aplicado, realizados por alunos de graduação em Letras de todo o país. A partir do exame comparativo entre esses dois grupos, propomos uma pesquisa de abordagem qualitativa sobre as formas de manifestação da voz autoral em artigos científicos publicados e não publicados, tomando-as como estratégias para a construção da identidade na escrita acadêmica.

Percebemos esses dois grupos formados por esse gênero textual importantes para proporcionar a análise comparativa que realizamos, visto que o artigo científico é um dos gêneros de maior prestígio na área de Letras e Linguística, e por meio dele foi possível revelar as principais diferenças e similaridades entre os graduandos que vão formando suas vozes e identidades acadêmicas ao longo das práticas e eventos de letramento de suas

comunidades, e os graduandos que não se detêm apenas nessas práticas e eventos e vão além disso, publicando e divulgando seus trabalhos.

Dessa forma, consideramos importante descrever o caminho que foi percorrido, uma vez que facilitará a compreensão dos procedimentos que foram adotados para a elaboração da presente pesquisa.

4.2 O tratamento dos dados

A pergunta que conduz esta pesquisa é como os graduandos constroem suas identidades acadêmicas a partir das diversas formas de manifestação da voz autoral como estratégias adotadas na produção da escrita de artigos científicos publicados e não publicados. Com base nessa indagação, surgem, ainda, outras questões a serem examinadas, como: quais são os movimentos retóricos mais utilizados na organização textual dos artigos científicos escritos por estudantes de graduação? As formas de citação no artigo científico revelam quais estratégias de construção de identidade? E quais são os recursos discursivos de posicionamento que os autores mais usam em seus artigos?

Na tentativa de esclarecer essas questões, foi realizado o contato direto com os dados ainda na fase de conclusão do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação. Em uma análise preliminar dos dados, selecionamos um *corpus* composto de 6 artigos científicos, sendo 3 não publicados e escritos por graduandos do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e 3 publicados na revista *Ao Pé da letra*, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), produzidos por graduandos de outras universidades brasileiras. Nesse primeiro contato, tentamos verificar as ocorrências de cada dimensão de análise mais recorrentes nas introduções dos artigos dos dois grupos, comparando-as e buscando elucidar o que essas diferenças demonstram em termos de escrita e identidade acadêmica entre textos de estudantes que não foram publicados e entre os que foram publicados.

Essa investigação inicial sugeriu, em linhas gerais, que na maioria das introduções dos trabalhos analisados, tanto os publicados quanto os não publicados, os estudantes autores dos textos recolhidos se posicionam mais explicitamente em suas pesquisas, por vezes apenas retendo-se em algumas

afirmações, aceitando-as como opiniões ou possibilidades. Os textos produzidos e publicados por graduandos demonstraram que os autores são mais críticos em suas pesquisas, contra-argumentando e avaliando enunciados e vozes de outros autores que trazem em seus estudos, enquanto os textos não publicados evidenciaram que os autores procuram marcar seus posicionamentos de forma clara, investindo em argumentos que reforcem uma identidade acadêmica própria, mostrando, assim, seu grau de envolvimento com o assunto pesquisado, valorizando a sua própria voz autoral, e não dando tanta atenção para o uso de nomes mais prestigiados da academia.

Deste modo, os graduandos que produziram os artigos para disciplinas e projetos como o PIBIC, sem pensar em publicá-los, parecem valorizar sua própria voz autoral, não julgando ser necessária a interação com nomes mais prestigiados da academia, visto que não precisam passar pelo julgamento e pelas exigências de um periódico, exercendo, assim, uma maior liberdade; enquanto os que produziram textos com o objetivo de publicação tendem a trazer nomes conhecidos da sua área de estudo, mas sempre apresentando um contraponto, mostrando, assim, uma tendência mais analítica, demonstrando uma maior responsabilização pelas suas conjecturas acerca do tema de seu estudo.

Depois dessa experiência preliminar, empreendemos uma análise de todo o *corpus* ainda com base nos mesmos modelos já citados, o que nos permitiu validar algumas impressões advindas da análise preliminar, bem como reformular conclusões que não foram corroboradas por essa investigação mais ampla. Na etapa seguinte de análise, voltamos a examinar o *corpus*, agora composto de 20 artigos científicos, sendo 10 trabalhos de graduandos do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) que não foram publicados, e 10 estudos de graduandos do curso de Letras de diferentes universidades brasileiras que foram publicados na Revista Ao Pé da Letra, detendo-nos na seção de introdução e no primeiro tópico.

A partir disso, considerando as regularidades de cada modelo, bem como suas peculiaridades, foi possível apresentar um padrão de estratégias de manifestação da voz autoral em textos acadêmicos proveniente de uma análise

comparativa entre esses dois grupos, buscando, assim, elucidar quais recursos de cada uma das três dimensões de análise propostas por Castelló *et al.* (2011) são mais recorrentes em cada grupo e o que isso revela sobre a construção da identidade autoral dos graduandos que tiveram seus trabalhos analisados.

4.3 Delimitação do universo

Para a composição da parte do *corpus* referente aos artigos não publicados produzidos por estudantes do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), foram considerados os estudantes que estiveram cursando entre o 6º e 8º períodos, visto que é geralmente nesse momento que as disciplinas solicitam a produção de artigos científicos, que, por sua vez, exigem dos estudantes um maior nível de síntese e de amadurecimento de leituras.

Assim, partimos do pressuposto de que os graduandos já teriam desenvolvido a capacidade de leitura crítica de livros e artigos acadêmicos, bem como conseguiriam adotar posicionamentos e discursos próprios em seus trabalhos. Nessa faixa de períodos cursados, não diferenciamos nenhum indivíduo do outro, desconsiderando, assim, diferenças de faixa etária ou de sexo.

Para a composição da parte do *corpus* referente aos artigos produzidos por graduandos de diferentes períodos do curso de Letras de diversas universidades brasileiras que publicaram seus trabalhos na Revista Ao Pé da Letra, criada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foram coletados os artigos provenientes das edições de volume 21.1 e 21.2 de 2019; e também das edições de volume 22.1 e 22.2 de 2020, que foram publicadas em 2021. O atraso para a publicação da primeira edição de 2020 se deve ao adiamento das submissões de trabalhos que aconteceriam no início do primeiro semestre de 2020 e que ficaram para março e abril do mesmo ano.

A escolha desse periódico justifica-se pelo fato de a revista ter como objetivo estimular e valorizar a formação da escrita acadêmica de futuros professores e pesquisadores da área de Letras, divulgando trabalhos de diversos estudantes provenientes de diferentes instituições de ensino superior

do país, bem como proporcionar a troca entre discentes e docentes das graduações dessa área. A reputação da revista é garantida pelo fato de que a sua publicação é de responsabilidade da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e por ter a classificação Qualis B2, considerada relevante para a excelência nacional, especialmente considerando-se que os textos publicados foram produzidos apenas por graduandos.

O segundo critério para a escolha do periódico é o fato de a revista publicar artigos científicos, além de ensaios, resenhas e traduções, apenas de graduandos do curso de Letras, que são objeto de estudo da pesquisa proposta. Por fim, o terceiro critério diz respeito à facilidade para a coleta do *corpus* pelo pesquisador, uma vez que, devido aos tempos sombrios da pandemia da Covid-19, foi difícil ter contato com estudantes de graduação de forma presencial. No caso da coleta dos artigos escritos pelo grupo formado por estudantes da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), essa dificuldade de acesso também foi encontrada e, por isso, retiramos parte dos trabalhos não publicados de um acervo que foi previamente formado durante o nosso trabalho no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que serviu como base para a inspiração desta pesquisa.

4.4 O *corpus*

Para a pesquisa proposta neste estudo, foram selecionados 20 (vinte) artigos científicos produzidos por alunos do curso de licenciatura em Letras, entre os anos de 2018 e 2021, sendo 10 de estudantes cursando entre o 6º e o 8º períodos na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na versão final apresentada a professores de disciplinas ou orientadores de projetos como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) ou Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e os outros 10 de graduandos do curso de Letras de diferentes universidades brasileiras que tiveram suas pesquisas publicadas na Revista Ao Pé da Letra. Não houve restrição quanto às temáticas dos artigos, mas apenas o critério de que fossem produzidos como atividades relacionadas com a formação em Letras.

Os artigos não publicados escritos por graduandos de Letras da UNICAP foram coletados ao longo dos anos de 2018, 2019 e 2020, sendo solicitados aos próprios alunos, e alguns também foram reunidos no início do primeiro semestre de 2021. Parte dos textos não publicados são provenientes do nosso trabalho no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e a outra parte não. Dessa forma, os graduandos que cederam esses artigos não publicados concordaram oralmente com a produção deste estudo, enviando os textos por e-mail, não necessitando da assinatura de nenhum termo como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visto que trabalhamos apenas com os textos cedidos pelos próprios autores, não com os sujeitos, conforme orientações da resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a respeito da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Os artigos publicados, por sua vez, foram baixados e coletados durante 2020 e 2021, no site da Revista Ao Pé da Letra, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), podendo ter mais de uma autoria.

Consideramos importante também ressaltar que este estudo não precisou ser avaliado pelo comitê de ética por se tratar de uma pesquisa menor que está inserida no projeto de pesquisa intitulado “Leitura e escrita acadêmica em diferentes áreas disciplinares: uma abordagem baseada em gêneros discursivos/textuais”, do Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra, aprovado pelo CEP/UNICAP (CAAE: 81143617.5.0000.5206, 23 de março de 2018).

4.5 Procedimentos de análise

A partir da proposta metodológica integrativa de Castelló *et al.* (2011), foi utilizado um sistema de análise da manifestação da voz em textos acadêmicos, apoiando-se em três dimensões que englobam a intertextualidade nas formas de citação e alusão concebida pelos autores, os recursos discursivos usados para posicionamento propostos por Hyland (2005a), e os movimentos retóricos (*moves*) elaborados por Swales (1990), contidos nas estruturas dos textos analisados.

Primeiramente, realizamos a análise da primeira dimensão, mostrando o que os recursos discursivos de posicionamento revelam nos artigos coletados

dos dois grupos. Em seguida, seguimos para a segunda dimensão, analisando o modelo de estudo da intertextualidade em suas variadas formas e aplicando-o na análise dos dois grupos formados pelos textos selecionados. Após isso, realizamos a investigação dos movimentos retóricos que englobam a terceira dimensão e o que eles revelam sobre os trabalhos dos grupos analisados. Por último, comparamos as três dimensões analisadas nos dois grupos formados por trabalhos de graduandos publicados e não publicados, e detalhamos as principais diferenças e similaridades entre eles, revelando como cada um constrói suas vozes e identidades acadêmicas.

4.5.1 Primeira dimensão: recursos discursivos de posição

A primeira dimensão é centrada na análise dos recursos discursivos que o escritor usa para ser mais visível ou não no texto, utilizando categorias propostas por Hyland (2005a), pela simplicidade e amplitude que estas possuem. Relaciona-se com a posição adotada pelos escritores como autores de seu texto, fazendo menção aos recursos discursivos que o escritor utiliza para posicionar-se, sendo que esse posicionamento se divide em cinco categorias que foram observadas na análise dos textos:

- Expressões de evasão de compromisso ou *hedges* (exemplos: possivelmente, possível, talvez), que indicam o valor de cada afirmação dada pelo autor através da análise do grau de exatidão ou confiabilidade que lhe confere, retendo-se a se comprometer totalmente com uma determinada declaração, conferindo-lhe o caráter de uma opinião ou probabilidade;
- Potenciadores/enfatizadores ou *boosters* (exemplos: claramente, obviamente), que permitem que o autor possa explicar suas opções e mostrar a sua segurança e certeza em uma determinada afirmação, marcando o envolvimento que tem com o tópico e com o público;
- Marcadores de atitude (exemplos: concordo, prefiro, preferencialmente, felizmente, infelizmente, lógico, notável), que indicam a relação afetiva que o escritor tem com as proposições que faz em seu texto;

- Autorreferências, que manifestam o quanto há de presença explícita do autor no texto por meio da utilização dos adjetivos possessivos (no caso da língua portuguesa são pronomes possessivos que aparecem antes dos substantivos) e do uso da primeira pessoa;
- Marcadores de implicação/envolvimento (exemplos: considere, observe, poderíamos, parênteses, notas de rodapé), que são recursos que abordam o leitor de forma clara e nítida, buscando chamar a sua atenção ou para trazê-lo para o discurso.

4.5.2 Segunda dimensão: a intertextualidade

A segunda dimensão tem como foco a análise da intertextualidade em textos e das evidências de negociação com outras vozes. Castelló *et al.* (2011) entendem que ela tem diferentes níveis que variam de acordo com a explicitação com a qual um determinado texto evoca outros textos, sendo dividida em duas extremidades que vão da referência mais explícita (citação) à menos explícita (alusão), visto que não é apenas produzida por meio de textos lidos e citados. Foram observados os seguintes aspectos apontados pelos autores (p. 113):

- Citação direta.
- Citação indireta (implica parafrasear e comentar uma determinada citação).
- Menção a pessoas, documentos ou enunciados (exige explicar com as próprias palavras o que uma determinada fonte expressa, sem emitir juízo de valor).
- Comentário avaliativo sobre enunciados, textos ou outras vozes invocadas.
- Uso de frases ou termos associados a pessoas, grupos de pessoas ou documentos.
- Uso da linguagem característica de determinadas formas de comunicar, discutir com outros, ou de tipologias de documentos: gêneros, vocabulário, padrões de expressão.

As análises dos textos recolhidos foram baseadas na introdução e no primeiro tópico teórico de cada artigo selecionado, seções percebidas como suficientes para a observação das estratégias e técnicas empregadas pelos autores dos artigos científicos a partir da busca pelas formas de manifestação da voz autoral nos textos.

Para a identificação e segmentação dos artigos, algumas convenções foram usadas. Referenciamos os artigos não publicados pela abreviatura ACNP seguida de algarismos arábicos em sequência crescente (ACNP1, ACNP2...). Os artigos publicados seguiram o mesmo princípio, sendo mencionados como ACP1, ACP2, etc. As identidades dos autores não foram reveladas.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE COMPARATIVA TRIDIMENSIONAL DA IDENTIDADE ACADÊMICA POR MEIO DA VOZ AUTORAL DE GRADUANDOS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

Nesta análise, nos concentraremos no exame da introdução e do primeiro tópico de 10 artigos não publicados produzidos por graduandos de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e de 10 artigos também produzidos por alunos de graduação do mesmo curso, porém provenientes de outras instituições, que foram publicados na Revista Ao Pé da Letra, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Considerando a amostra no todo, optamos por destacar as ocorrências de cada dimensão de análise mais recorrentes nos dois grupos, detendo-nos, assim, na análise mais detalhada das que aparecem com mais frequência, comparando-as e buscando elucidar o que essas diferenças demonstram em termos de escrita e identidade acadêmica entre textos de estudantes que foram produzidos para disciplinas e projetos e os que foram produzidos para publicação.

Os vinte trabalhos aqui citados foram separados em dois grupos compostos por dez artigos científicos cada: os não publicados estão referidos como ACNP1, ACNP2, ACNP3, ACNP4, ACNP5, ACNP6, ACNP7, ACNP8, ACNP9 e ACNP10, e os publicados estão referidos como ACP1, ACP2, ACP3, ACP4, ACP5, ACP6, ACP7, ACP8, ACP9 e ACP10.

5.1 Primeira dimensão: o que os recursos discursivos de posicionamento propostos por Hyland (2005a) revelam

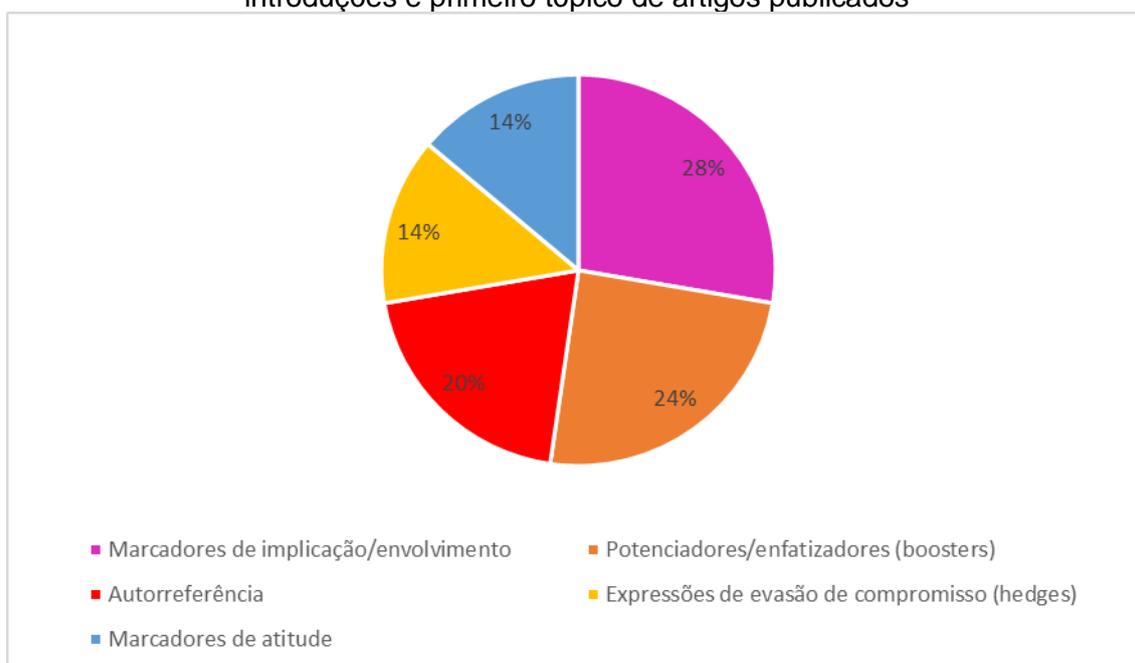
De um modo geral, a partir da contagem de todos os recursos discursivos de posicionamento encontrados nos artigos não publicados, sem especificá-los, é possível notar que há uma predominância de marcadores de implicação/envolvimento, representando 50% dos recursos discursivos de posicionamento encontrados nos textos investigados, acompanhada, em

Expressões de evasão de compromisso ou <i>hedges</i>	X	X	X		X	X	X			
Potenciadores/enfatizadores ou <i>boosters</i>						X	X			X
Marcadores de atitude	X				X					
Autorreferência				X	X		X	X		
Marcadores de implicação/envolvimento		X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaboração própria a partir de Hyland (2005a).

Além disso, também é possível perceber, a partir da contagem de todos os recursos discursivos de posicionamento encontrados nos artigos publicados, sem especificá-los, que há, de um modo geral, um predomínio de marcadores de implicação/envolvimento, representando 28% dos recursos discursivos de posicionamento encontrados nos trabalhos analisados, seguido pelo uso de potenciadores/enfatizadores (*boosters*), que representam 24% das ocorrências achadas, bem como também há o uso de autorreferências, que aparecem em 20% dos textos publicados, como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico 2: Percentual quantitativo de recursos discursivos de posicionamento em introduções e primeiro tópico de artigos publicados



Fonte: Elaboração da autora.

Ao analisarmos mais minuciosamente os artigos científicos produzidos por estudantes de Letras que já foram publicados, podemos notar que há uma predominância do uso de potenciadores/enfatizadores (*boosters*), uma vez que aparecem em 7 dos 10 estudos analisados. Em segundo lugar, temos ocorrências de autorreferências e de marcadores de implicação/envolvimento, que aparecem em 6 dos artigos analisados, tal como pode ser visto no quadro 2.

Quadro 2: Total de ocorrências de recursos discursivos em introduções e primeiro tópico de artigos publicados por estudantes

MODELO DE HYLAND (2005a)	INTRODUÇÕES E PRIMEIRO TÓPICO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS POR ESTUDANTES									
	AC P1	AC P2	AC P3	AC P4	AC P5	AC P6	AC P7	AC P8	AC P9	AC P10
Expressões de evasão de compromisso ou <i>hedges</i>		X	X						X	X
Potenciadores/enfatizadores ou <i>boosters</i>	X	X	X		X	X		X		X
Marcadores de atitude	X	X	X					X		
Autorreferência			X		X	X	X	X		X
Marcadores de implicação/envolvimento	X	X	X			X		X		X

Fonte: Elaboração própria a partir de Hyland (2005a).

Dessa forma, compreende-se que, de uma forma geral, há algumas diferenças significativas entre os dois grupos estudados, visto que os recursos mais utilizados no caso dos artigos não publicados são os marcadores de implicação/envolvimento, enquanto, no caso dos artigos publicados, os potenciadores/enfatizadores (*boosters*) são os recursos mais utilizados, aparecendo em mais trabalhos analisados. Entretanto, é importante observar que os gráficos sugerem que os marcadores de implicação/envolvimento também são bastante usados nos textos publicados, e que grande parte dos recursos mencionados anteriormente ocorrem nos dois grupos. Em especial, o uso de marcadores de implicação/envolvimento sugere que ambos os grupos se

assemelham nesse aspecto, divergindo apenas quanto ao modo em que esse recurso é utilizado, como será visto mais adiante.

Há, contudo, outra diferença relevante entre os dois grupos analisados, uma vez que expressões de evasão de compromisso (*hedges*) foram frequentemente usadas nos artigos não publicados, enquanto os potenciadores/enfatizadores (*boosters*) foram recorrentemente usados nos trabalhos publicados, o que sugere uma tendência oposta entre os dois grupos, que será observada mais adiante.

Partindo da observação de que os marcadores de implicação/envolvimento foram os recursos discursivos de posicionamento mais utilizados pelos autores quando juntamos os dados dos grupos, visto que estão presentes em 15 dos 20 artigos coletados, podemos entender que esses marcadores, cuja ocorrência é predominante nos artigos não publicados e que aparece em segundo lugar nos trabalhos publicados, são modos de abordar o leitor e envolvê-lo no discurso, chamando sua atenção. Castelló *et al.* (2011, p. 112) defendem que esses marcadores ajudam a guiar o leitor e incluí-lo no texto, orientando a sua interpretação por meio de perguntas e referências ao conhecimento que está sendo partilhado, e abrangem o uso do plural para incluir o leitor, as perguntas, os imperativos (como: observe e considere), os predicados que exponham juízos de valor do autor (como: é importante citar/compreender), os comentários entre parênteses, notas de rodapé, entre outros recursos discursivos.

No caso dos artigos não publicados, o uso do plural para incluir o leitor aparece em 8 deles, como pode ser observado no excerto 1, em que foi utilizado o uso do plural como uma forma de integrar o leitor no texto, abordando-o de maneira mais explícita.

Excerto 1: Marcador de implicação/envolvimento que usa o plural para incluir leitores

[ACNP2] Indo mais além, se *formos* analisar a quantidade de personagens femininas não-brancas em hollywood, entre os 500 maiores filmes de todos os tempos apenas 6 apresentam protagonistas não-brancas.

Esse tipo de recurso tem como objetivo “prever as reações dos leitores e antecipar suas objeções, dificuldades de compreensão, entre outras”

(CASTELLÓ *et al.* 2011, p. 112). Isso implica, então, que os autores dos artigos não publicados utilizam esses marcadores para chamar a atenção dos leitores, incluindo-os no texto, ao mesmo tempo em que os direcionam para uma interpretação específica almejada.

Hyland (2005b, p. 182) alega que há a necessidade de uma inclusão do leitor no texto como um participante não apenas passivo, mas sim que está presente na discussão. Dessa forma, o autor precisa permitir que o leitor se sinta parte do texto, fazendo-o ter a percepção de que compartilham ideias e propósitos semelhantes. A partir disso, é possível concluir que os estudantes que tiveram seus trabalhos aqui analisados se posicionam, defendendo um determinado ponto de vista adotado em seus artigos por meio de uma negociação de significados na interação entre o leitor e o autor, e esses posicionamentos, por sua vez, revelam suas identidades acadêmicas.

Já no caso dos artigos publicados, há a predominância do uso de predicados que expressam o julgamento do autor sobre a importância ou necessidade que ele confere ao argumento ou dado que está defendendo em seu texto, visto que esse recurso aparece em 6 dos artigos analisados, como pode ser visto no excerto 2.

Excerto 2: Marcador de implicação/envolvimento que usa o predicado para expor juízo de valor do autor

[ACP8] *É importante* percebermos que, dentro do texto dramático, como se refere o estudioso mencionado acima, é necessária a materialização da encenação e representação dos personagens e, muito além disso, o texto dramático tem por necessidade possuir uma ação entre seus personagens, para que, a partir dela, haja vida.

Esse tipo de recurso revela que os autores dos artigos publicados analisados tendem a marcar explicitamente a importância que conferem a um determinado posicionamento, requerendo a atenção do seu leitor e apontando para o que consideram principal para a compreensão dos argumentos e dados abordados, guiando-o, assim, ao longo do texto. Por exemplo, no caso do excerto 2, quando o estudante defende que “o texto dramático tem por necessidade possuir uma ação entre seus personagens, para que, a partir dela, haja vida”, é nítido que ele quis deixar claro para o leitor de que o texto dramático não existe sem a ação dos personagens em uma determinada interação cênica.

Ou seja, o autor do referido trabalho buscou orientar o olhar do seu leitor para uma determinada interpretação, com intuito de que ele não se confunda ao longo de sua leitura, salientando, assim, um determinado ponto que considera primordial para o entendimento do fenômeno pesquisado e discutido em seu trabalho.

A segunda ocorrência mais vista no caso dos artigos não publicados é o uso de expressões de evasão de compromisso, como no excerto 3.

Excerto 3: Expressão de evasão de compromisso

[ACNP7] Com o passar do tempo, *pode* acontecer de as formas de expressar um mesmo significado sofrerem um desfavorecimento progressivo do aspecto no qual se conhecia antes, passando, assim, para o rol de categoria arcaica, não mais sendo utilizada por boa parte da população.

No fragmento acima a palavra “pode” sugere uma possibilidade, tirando o peso dessa afirmação. De acordo com Hyland (2005b, p.179), fazer uma afirmação exige um cálculo da parte do escritor para que o peso dela ateste o grau de confiança que o autor tem nela, transmitindo ao leitor a precisão de sua declaração. Assim, permite que o leitor possa aceitar ou não essa interpretação e contestar o que foi dito no texto, postergando o compromisso do escritor com a informação dada.

Hyland (2005b, p. 180) ainda declara que o autor de trabalhos acadêmicos deve pensar no grau de compromisso que usará em seus argumentos, baseando-se em seu status epistêmico e no retorno que seus leitores darão ao seu estudo. Ao escolher manter uma ressalva ao comprometer-se completamente com uma afirmação, o autor indica ao leitor uma informação que não é precisa e totalmente reconhecida, geralmente na forma de uma opinião.

Dessa forma, conclui-se que os autores dos artigos não publicados analisados muitas vezes tiveram ressalvas, não se comprometendo totalmente com uma afirmação ou argumentação, transferindo o seu peso para o leitor decidir se a aceita ou não, o que, por sua vez, sugere uma falta de segurança para a reivindicação de uma maior autoria e responsabilização pelos argumentos e ideias que trazem em seus textos. Acreditamos que isso se deve ao fato de ainda serem estudantes de graduação, ou seja, são pesquisadores iniciantes sem muita experiência e domínio da escrita acadêmica, o que, muitas vezes, os

fazem preferir se apoiar em um nome reconhecido pela comunidade em que se situam. Por isso, essas expressões são vistas como indicativas de uma possibilidade ou uma opinião, não de fatos comprovados e inquestionáveis.

Os potenciadores/enfatizadores (*boosters*), que aparecem em 7 dos 10 artigos publicados analisados, sendo predominantes nesse grupo, são recursos que auxiliam o autor a mostrar a sua segurança e o seu grau de envolvimento com o tópico discutido e com o público de seu trabalho. Para Hyland (2005b, p. 180), “representam a resposta de um escritor aos pontos de vista em potencial dos leitores e o reconhecimento de normas disciplinares de argumento apropriado” e “equilibram informações objetivas, avaliação subjetiva e negociação interpessoal, e isso pode ser um fator poderoso para obter aceitação de reivindicações”, bem como “enfatizam que as declarações não apenas comunicam ideias, mas também a atitude do escritor em relação a elas e aos leitores”, como pode ser visto no excerto 4.

Excerto 4: Potenciador/enfatizador (*booster*)

[ACP3] É verdade que a narrativa não constitui um relato ou um documento para estudos historiográficos dos fatos práticos, mas, por mais que isso seja evidente, é *inegável* que se trata de uma importante referência para a compreensão das estruturas sociais da época.

Sendo assim, os autores dos artigos publicados demonstram, com o uso desse recurso, um maior nível de comprometimento, enfatizando e ressaltando uma colocação, e, conseqüentemente, acabam se posicionando de forma mais clara e efetiva, mostrando, assim, seu investimento nas suas argumentações, reforçando sua autoridade no assunto por meio de uma responsabilização maior por suas afirmações, que reflete diretamente na sua identidade acadêmica.

Ademais, é possível perceber nos quadros 1 e 2 anteriormente mostrados que as autorreferências estão também presentes em ambos os grupos, aparecendo em 4 artigos não publicados e em 6 artigos publicados. No caso específico dos artigos publicados, esse recurso aparece com a mesma recorrência que os marcadores de implicação/envolvimento que usam os predicados para expor juízos de valor dos autores. Sobre esse recurso, entendemos que a autorreferência é o grau de presença mais explícita do autor em um texto, uma vez que enfatiza o que ele fez, projetando-o no discurso.

Hyland (2005b) diz que esse recurso é visto através do uso da primeira pessoa e dos adjetivos possessivos. Nesta pesquisa, porém, usamos os pronomes possessivos que aparecem antes dos substantivos, visto que não há a definição de adjetivos possessivos no português brasileiro. A maior parte das autorreferências encontradas tanto nos artigos científicos não publicados quanto nos publicados foram os usos da primeira pessoa do plural, como pode-se ver nos excertos 5 e 6.

Excerto 5: Autorreferência com o uso da primeira pessoa do plural

[ACP5] O contexto, sendo pensado enquanto Condição de Produção, como já *dissemos*, é analisado em dois sentidos distintos: o imediato, que abrange as circunstâncias in loco do momento da enunciação; e o amplo, que considera os aspectos que vão além do agora, resgatando sentidos anteriores relacionados às instituições, símbolos, entre outros, através da ideologia e da história.

Excerto 6: Autorreferências com o uso da primeira pessoa do plural

[ACNP5] *Iremos* abrir uma discussão sobre assujeitamento ideológico, formação discursiva, interdiscursividade e alguns outros conceitos da AD. Para tal fim, *apoiamo-nos* em Orlandi (1999), Michel Pêcheux (1969) e Bakhtin (1997). [...] Por fim, *fornecemos* um modelo de análise sob uma perspectiva discursiva, de acordo com a proposta de Pechêux e dos outros autores mencionados, para debater sobre alguns discursos trazidos pelo programa televisivo escolhido.

Nos dois casos referidos acima verifica-se o uso da primeira pessoa do plural. No excerto 5, que diz respeito ao quinto artigo científico publicado, tem-se o uso de “dissemos”, em que o autor o utiliza para retomar um ponto abordado anteriormente em seu texto para explicá-lo com mais detalhes, enquanto no excerto 6, que diz respeito ao quinto artigo não publicado, tem-se o uso de “iremos”, “apoiamo-nos” e “fornecemos”, em que o estudante detalha como organizou o seu trabalho. Essas escolhas dos autores (de ambos os grupos) de marcarem presença nos textos são conscientes, uma vez que, como diz Hyland (2005b, p. 181), não tem como não existir uma projeção do escritor em seu trabalho, visto que o posicionamento é algo inerente ao texto, o que há é a decisão de deixar isso mais ou menos explícito.

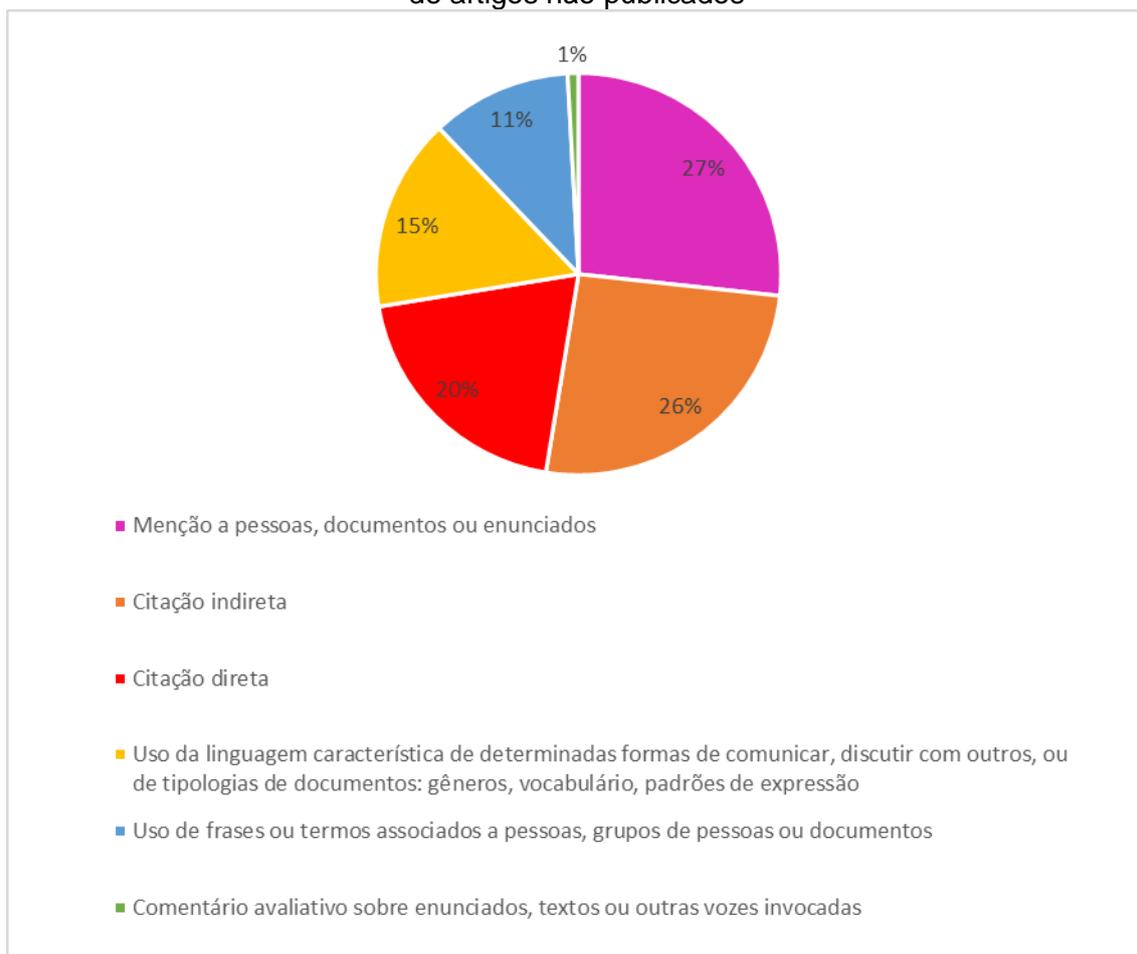
Hyland (2005b, p. 181) ainda argumenta que nas ciências humanas e sociais o uso da primeira pessoa é mais recorrente devido ao desejo de mostrar um olhar pessoal e ganhar crédito por isso; entretanto, é importante observar que o uso da primeira pessoa do plural não é tão marcado como o da primeira pessoa do singular, que tende a ser mais incomum nos textos acadêmicos.

Assim, a autorreferência é o recurso discursivo que marca o escritor no texto da forma mais clara possível, buscando apresentar uma identidade autoral. Dessa forma, entendemos que os autores dos artigos publicados tendem a deixar explícito em seus textos a sua marca como escritores acadêmicos, trazendo uma sensação de autoridade ao contribuírem para o estudo de um determinado campo do conhecimento, fazendo, assim, uma referência pessoal que assinala o que o autor fez em sua pesquisa e o que isso implica para sua comunidade acadêmica.

5.2 Segunda dimensão: o que o modelo de estudo da intertextualidade proposto por Castelló *et al.* (2011) revela

A partir da contagem de ocorrências de intertextualidade encontradas nos artigos não publicados em geral, seja nas formas de alusão ou citação, sem separá-las por cada um dos trabalhos analisados, foi possível constatar a predominância do uso de menção a pessoas, documentos ou enunciados, que aparecem em 27% das ocorrências de intertextualidade observadas nos textos investigados, seguida, em segundo lugar, pelas citações indiretas, que representam 26% das ocorrências, e pelo uso de 20% de citações diretas, como pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 3: Percentual quantitativo de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos não publicados



Fonte: Elaboração da autora.

A partir da análise mais específica do total de ocorrências dos níveis de intertextualidade em cada artigo selecionado para este estudo, sem levar em consideração quantas vezes eles aparecem em cada texto, mas sim apenas se estão ou não presentes em cada trabalho, é possível apontar que todos os 10 (dez) textos não publicados coletados apresentam, ao menos uma vez, menções a pessoas, documentos ou enunciados, seguidas, em segundo lugar, de citações diretas e indiretas, que aparecem em 9 dos 10 artigos não publicados. O uso de frases ou termos associados a pessoas, grupos de pessoas ou documentos, por sua vez, aparece em apenas 1 dos artigos analisados, vide o quadro 3.

Quadro 3: Total de ocorrências de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos não publicados por estudantes

MODELO DE CASTELLÓ ET AL. (2011)	INTRODUÇÕES E PRIMEIRO TÓPICO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS NÃO PUBLICADOS POR ESTUDANTES
---	---

Intertextualidade	ACN P1	ACN P2	ACN P3	ACN P4	ACN P5	ACN P6	ACN P7	ACN P8	ACN P9	ACNP 10
Citação direta	X	X		X	X	X	X	X	X	X
Citação indireta	X	X	X		X	X	X	X	X	X
Menção a pessoas, documentos ou enunciados	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Comentário avaliativo sobre enunciados, textos ou outras vozes invocadas	X	X	X			X	X	X	X	
Uso de frases ou termos associados a pessoas, grupos de pessoas ou documentos	X									
Uso da linguagem característica de determinadas formas de comunicar, discutir com outros, ou de tipologias de documentos: gêneros, vocabulário, padrões de expressão		X		X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaboração própria a partir de Castelló *et al.* (2011).

No caso dos artigos publicados, sem especificações, a contagem de todas as ocorrências de intertextualidade que encontramos é de 32% de citações indiretas, seguidas pelo uso de citações diretas em 26% dos trabalhos analisados, e de menções a pessoas, documentos ou enunciados que aparecem em 18%, como pode ser visto no gráfico 4.

Gráfico 4: Percentual quantitativo de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos publicados



Fonte: Elaboração da autora.

Analisando mais detalhadamente cada texto publicado, percebemos que todos os 10 artigos apresentam citações indiretas em que o(s) graduando(s) utiliza(m) o nome de autores como apoio para sua(s) argumentação(ões), destacando-os. Em segundo lugar, temos o uso de menções a pessoas, documentos e enunciados, que aparecem em 9 dos artigos selecionados, e, em terceiro, o uso de citações diretas e também de linguagem característica de determinadas formas de comunicar, discutir com outros, ou de tipologias de documentos, como gêneros, vocabulário e padrões de expressão; que aparecem em 8 dos artigos analisados, como pode ser visto no quadro 4.

Quadro 4: Total de ocorrências de intertextualidade em introduções e primeiro tópico de artigos publicados por estudantes

MODELO DE CASTELLÓ ET AL. (2011)	INTRODUÇÕES E PRIMEIRO TÓPICO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS POR ESTUDANTES
---	---

Intertextualidade	AC P1	AC P2	ACP 3	ACP 4	AC P5	AC P6	AC P7	AC P8	ACP 9	ACP 10
Citação direta	X	X	X	X	X	X		X	X	
Citação indireta	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Menção a pessoas, documentos ou enunciados	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Comentário avaliativo sobre enunciados, textos ou outras vozes invocadas	X	X	X	X		X				X
Uso de frases ou termos associados a pessoas, grupos de pessoas ou documentos		X				X	X			X
Uso da linguagem característica de determinadas formas de comunicar, discutir com outros, ou de tipologias de documentos: gêneros, vocabulário, padrões de expressão	X		X	X		X	X	X	X	X

Fonte: Elaboração própria a partir de Castelló *et al.* (2011).

A citação indireta (paráfrase), cuja ocorrência é recorrente nos dois grupos, aparecendo em todos os 10 artigos publicados e também em 9 dos artigos não publicados que compõem o *corpus* desta pesquisa, é uma forma menos explícita de citação em que o autor do texto exercita com mais profundidade o seu aparato cognitivo, uma vez que ele tem que tomar uma posição a partir do discurso de outro autor geralmente mais reconhecido e prestigiado, assumindo, assim, uma nova interpretação de um discurso já visto. Araújo (2016, p. 79) defende que “esse modo de citar confere ao escritor um

status mais privilegiado frente à comunidade científica, pois mostra que ele já tem mais intimidade com o conteúdo citado, bem como mais conhecimento da postura teórica do autor citado”. Entretanto, consideramos importante salientar que muitas vezes a citação direta também pode ser vista como algo complexo, visto que o autor traz uma argumentação ao precisar fazer um comentário depois da citação, o que pode ser visto como algo difícil de ser feito por graduandos iniciantes na escrita acadêmica.

No caso dos artigos publicados, o uso de citações indiretas em que o(s) graduando(s) utiliza(m) o nome de autores como apoio para sua(s) argumentação(ões), destacando-os, é a forma de intertextualidade mais utilizada pelos estudantes de graduação, aparecendo em todos os 10 artigos que compõem o *corpus* deste estudo. Nela, mesmo que o autor reproduza o que já foi dito por outro autor em outras palavras, ele ainda assim busca dar destaque a autores mais reconhecidos e prestigiados para legitimar suas argumentações.

No caso dos artigos não publicados, 8 dos 10 textos também usam esse mesmo tipo de citação indireta, e apenas 3 utilizam citações indiretas que não fazem uso do nome de autores no enunciado citante, só aparecendo no final, entre parênteses, sendo que dentre esses 3 apenas 1 artigo usa exclusivamente esse tipo de citação. Isso implica que ao escolher essa forma de citação indireta, os graduandos demonstram que sentem a necessidade de usar a figura de uma autoridade de sua área para comprovar seu argumento, mas, ainda assim, ela também os possibilita reformular o discurso citado de acordo com os propósitos que têm em mente quando escrevem suas pesquisas, adaptando-os para o seu recorte específico (ARAÚJO, 2016, p. 85). Assim, o graduando consegue filtrar o sentido das palavras de outro autor, fazendo com que elas sirvam para a finalidade intencionada em seu texto, como pode ser observado no excerto 7.

Excerto 7: Citação indireta em que o estudante destaca o nome de um autor como apoio para sua argumentação

[ACP10] Carvalho (2008) postula que o traço feminino é mais especificado e restrito que o masculino. Além disso, o autor evidencia a questão de que um nome masculino não possui a presença do traço feminino. Concluimos, portanto, que a existência do traço feminino em um determinado vocábulo seja efetivamente marcada.

Assim, é possível concluir que os artigos dos estudantes de graduação, em especial os publicados, têm um caráter especialmente autoral, em que eles

demonstram ter uma maior habilidade de lidar com os discursos citados em seus trabalhos, com o uso recorrente de citações indiretas; entretanto, ainda assim, os graduandos também sentem a necessidade de dar destaque para os autores parafraseados, buscando, portanto, que seus argumentos sejam respaldados por autoridades reconhecidas em suas comunidades, e, conseqüentemente, sejam mais facilmente aceitos por seus leitores. Dessa forma, pode haver uma certa insegurança da parte deles por serem considerados autores iniciantes na escrita acadêmica, especialmente de artigos científicos, uma vez que são estudantes de graduação, muitos, inclusive, saídos do ensino médio há pouco tempo.

A menção a pessoas, documentos e enunciados, por sua vez, foi a forma de intertextualidade mais empregada em artigos científicos não publicados, aparecendo em todos os 10; enquanto no caso dos artigos publicados, essa forma de intertextualidade aparece em 9 dos 10 artigos selecionados, ou seja, é uma das mais usadas tanto pelo primeiro como pelo segundo grupo. Sobre esse tipo de citação, há uma certa polêmica, uma vez que ela deve “explicar com as próprias palavras o que uma determinada fonte expressa, sem emitir juízo de valor” (CASTELLÓ *et al.*, 2011, p. 113). Ora, partindo do princípio de que toda a citação é proveniente de outro discurso externo, não há como existir um discurso “neutro”, visto que “o próprio ato de citar, a escolha de quem, de qual trabalho e de que parte citar já indica um posicionamento e, portanto, um juízo de valor” (BEZERRA, 2015, p. 72).

Portanto, essa noção de neutralidade é dificilmente verificável nas menções analisadas. Por isso, adotamos o mesmo posicionamento de Bezerra (2015, p. 71-72), em que o autor inclui a categoria de listas enumerativas de autores que o estudante invoca a partir da sua fundamentação teórica, mesmo faltando a parte de “explicar com as próprias palavras o que uma determinada fonte expressa, sem emitir juízo de valor”, uma vez que Motta-Roth e Hendges (2010, p. 79) consideram que “ao citar no início do texto, o autor consegue dar mais confiabilidade aos seus leitores”, como mostramos no excerto 8.

Excerto 8: Menção “neutra” como lista enumerativa da base teórica

[ACP1] O texto está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento, é apresentada a fundamentação teórica desta análise, que é ancorada em Bagno (2002),

Chomsky e Lasnik, (1993), Engelbert (2012), Faraco (2002), Gnerre (1991), Marcuschi e Dionísio (2005), Morais (2009), Roberto (2016) e Silva (2003), logo em seguida, é apresentada a análise da obra Quarto de Despejo: o diário de uma favelada.

No excerto 9 também é possível se aproximar mais dessa definição, mas, ainda assim, é impossível sustentar essa concepção de um discurso “neutro”.

Excerto 9: Menção “neutra” usando as “próprias palavras”

[ACNP7] De acordo com os PCN (Parâmetros curriculares nacionais), o ensino passou a ser voltado para as práticas sociais, contemplando oralidade e escrita, por exemplo, sob a ótica das variedades que a língua possui, não atrelando o ensino tão somente à língua culta.

Assim, podemos inferir que esse tipo de menção, apesar de ser extremamente problemática, é amplamente usada pelos autores como uma forma de referenciar determinados documentos, pessoas, e outros, de forma rápida, sem muito aprofundamento e comprometimento. Portanto, ao analisar como o autor interpreta e usa os textos a que se refere é possível reconhecer os mecanismos que ele utiliza para se relacionar com os outros atores.

A terceira forma de citação mais vista nos artigos publicados é a citação direta, uma vez que aparece em 8 dos artigos analisados. Dentre esses 8 trabalhos, a forma de citação direta que mais aparece é a curta de até 3 linhas, em que o nome do autor não recebe destaque, só aparecendo no final, entre parênteses, uma vez que está presente em 6 dos 10 artigos publicados. Além disso, essa forma de citação também é bastante usada nos artigos não publicados, aparecendo em 9 dos trabalhos coletados, sendo, portanto, uma citação muito usada em ambos os grupos. Ao analisar os textos, percebemos que 7 dos 10 artigos não publicados apresentam o uso de citações diretas curtas, com até 3 linhas; sendo que em 6 desses trabalhos essas citações também não dão destaque ao nome do autor citado, só aparecendo no final, entre parênteses, como é possível observar no excerto 10.

Excerto 10: Citação direta de até 3 linhas em que o nome do autor não recebe destaque

[ACP9] À vista disso, vê-se a relação direta do discurso com os aspectos sociais, considerando que este favorece “[...] a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades, e instituições que lhe são subjacentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

No excerto acima, o graduando que produziu o artigo usou a reprodução fiel das palavras do autor citado para complementar seu argumento, fortalecendo, assim, a sua veracidade, comprovando-a por meio de um apelo a um nome de um autor reconhecido e prestigiado pela sua comunidade acadêmica, mesmo escolhendo não o colocar em destaque. Isso implica que ao mesmo tempo em que os estudantes que produziram os artigos científicos, tanto publicados quanto não publicados, procuram deixar o foco de suas citações diretas no seu conteúdo, ainda assim, eles também sentem que precisam comprovar suas argumentações com o uso de um nome reconhecido, mesmo não o destacando.

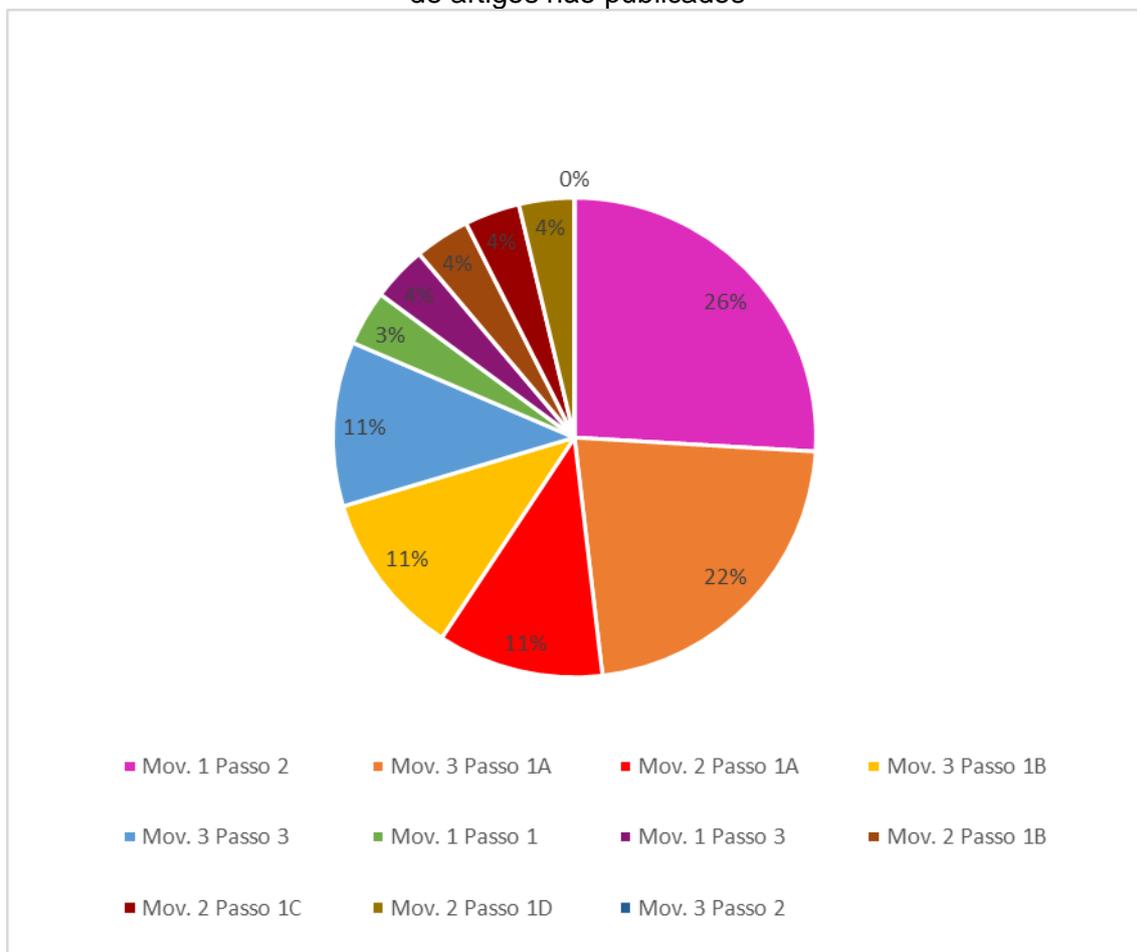
Dessa forma, o uso desse tipo de citação demonstra uma certa necessidade dos graduandos, especialmente os não publicados, de reivindicar mais autoria em seus textos, mas, ao mesmo tempo, eles ainda sentem que precisam usar nomes reconhecidos, mesmo que de forma discreta, para que o seu pretense leitor não possa escolher não dar legitimidade ao que apenas um estudante de graduação está dizendo, considerando-o muito inexperiente e novo. No caso das citações diretas, é importante ressaltar que elas, em geral, detêm um maior poder de convencimento e persuasão do que as indiretas, uma vez que representam as palavras exatas que um determinado autor usou em seu estudo, respaldando-se, portanto, em um nome já conhecido de uma determinada área do conhecimento pesquisado. Entretanto, o uso recorrente dessa forma de citação que não dá destaque ao autor citado também revela que os graduandos que tiveram seus trabalhos analisados, mesmo quando fazem citações diretas, ainda assim valorizam o aspecto autoral, não dando ênfase em nomes de autores mais aclamados e prestigiados pela academia.

5.3 Terceira dimensão: o que a aplicação do modelo de investigação de movimentos retóricos (*moves*) de Swales (1990) revela

No tocante à análise das introduções dos artigos científicos não publicados produzidos por estudantes de graduação, a contagem de todos os passos de movimentos retóricos (*moves*) que encontramos, sem especificações, é, de um modo geral, de 26% de ocorrências do passo 2: fazendo generalizações sobre o tópico, do movimento 1 (estabelecendo um território),

seguidas pelo uso do passo 1A: delineando os objetivos, do movimento 3 (ocupando o nicho), em 22%, sendo, portanto, os que predominam nas introduções dos trabalhos não publicados analisados, como pode ser observado no gráfico 5.

Gráfico 5: Percentual quantitativo de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos não publicados



Fonte: Elaboração da autora.

Ao analisarmos mais especificamente as ocorrências de movimentos retóricos e passos que mais aparecem nos artigos não publicados, é nítido que há uma predominância do passo 1A: delineando os objetivos, do movimento 3 (ocupando o nicho), visto que ele é o único que aparece em 5 dos 10 artigos coletados, seguido do passo 2: fazendo generalização(ões) sobre o tópico, do movimento 1 (estabelecendo um território), do passo 1A: contra-argumentando, do movimento 2 (estabelecendo um nicho), e do passo 1B: apresentando a presente pesquisa, do movimento 3 (ocupando o nicho), que aparecem em 3 dos 10 artigos não publicados analisados, como pode ser visto no quadro 5.

Quadro 5: Total de ocorrências de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos de estudantes não publicados

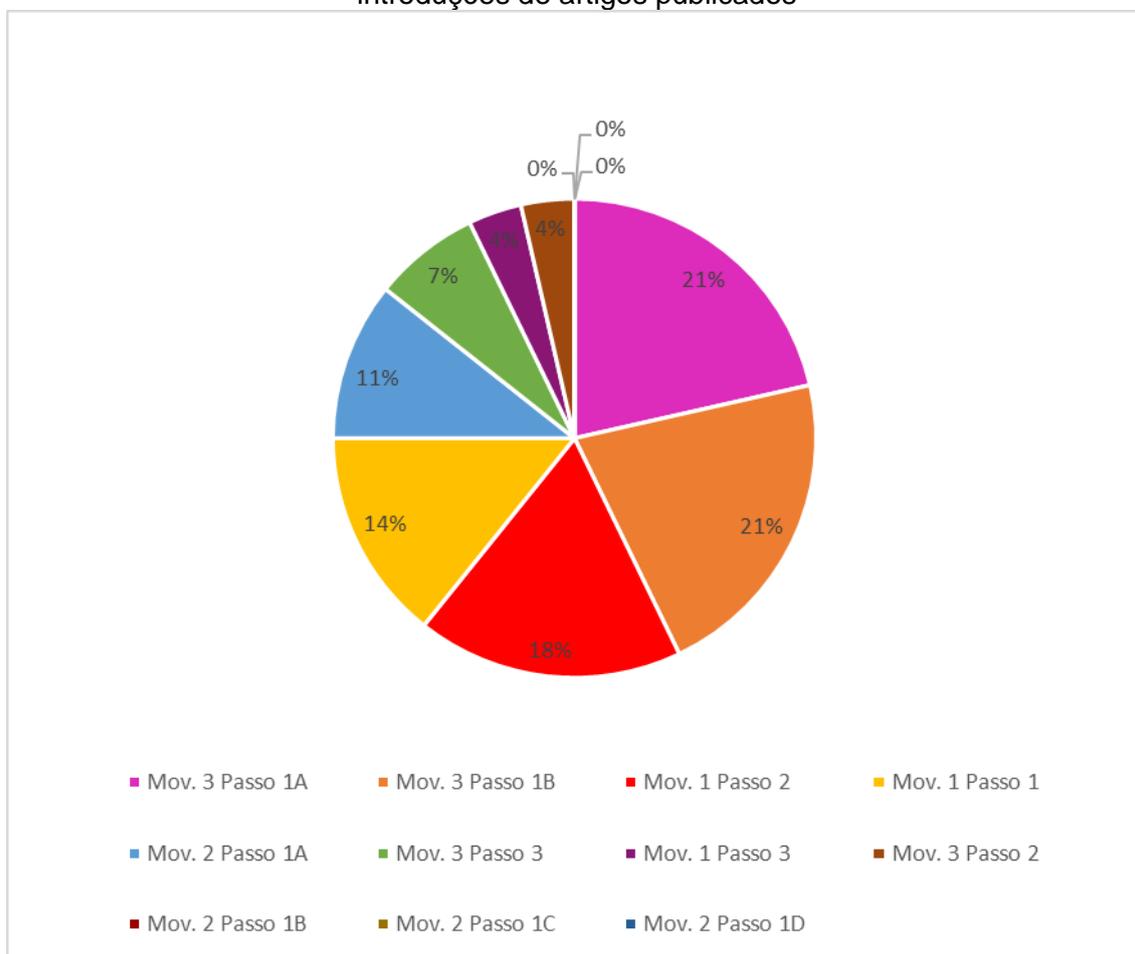
MODELO CARS (SWALES, 1990)	INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS NÃO PUBLICADOS POR ESTUDANTES									
	AC NP1	AC NP2	AC NP3	AC NP4	AC NP5	AC NP6	AC NP7	AC NP8	AC NP9	AC NP10
MOVIMENTO 1: ESTABELECEM DO UM TERRITÓRIO										
P1: Alegando centralidade		X	X							
P2: Fazendo generalização(ões) sobre o tópico	X				X		X			
P3: Revisando pesquisas prévias (literatura)										
MOVIMENTO 2: ESTABELECEM DO UM NICHU										
P1A: Contra-argumentando	X	X					X			
P1B: Indicando uma lacuna		X								
P1C: Provocando questionamento										X
P1D: Continuando uma tradição		X								
MOVIMENTO 3: OCUPANDO O NICHU										
P1A: Delineando os objetivos		X		X	X		X	X		
P1B: Apresentando a presente pesquisa						X		X	X	
P2: Apresentando os principais achados										
P3: Indicando a estrutura do artigo								X	X	

Fonte: Elaboração própria a partir de Swales (1990).

No caso das introduções dos artigos científicos publicados produzidos por graduandos, percebemos que a contagem de todos os passos de movimentos retóricos (*moves*) que encontramos é de 21% de ocorrências do passo 1A: delineando os objetivos, do movimento 3 (ocupando o nicho), e do passo 1B: apresentando a presente pesquisa, do movimento 3 (ocupando o nicho), seguidas pelo passo 2: fazendo generalizações sobre o tópico, do movimento 1

(estabelecendo um território), que está presente em 18% das ocorrências encontradas nas introduções dos trabalhos publicados analisados, como pode ser observado no gráfico 6.

Gráfico 6: Percentual quantitativo de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos publicados



Fonte: Elaboração da autora.

Analisando mais detalhadamente cada introdução dos artigos publicados, é nítido que também há a predominância do passo 1A: delineando os objetivos, do movimento 3 (ocupando o nicho), que aparece em 6 artigos, seguido, em segundo lugar, do passo 1B: apresentando a presente pesquisa, do movimento 3 (ocupando o nicho), que aparece em 5 dos 10 artigos coletados, e, em terceiro, pelo uso do passo 2: fazendo generalização(ões) sobre o tópico, do movimento 1 (estabelecendo um território), que aparece em 4 dos artigos publicados, vide o quadro 6.

Quadro 6: Total de ocorrências de movimentos retóricos e passos em introduções de artigos de estudantes publicados

MODELO CARS (SWALES, 1990)	INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS POR ESTUDANTES									
	AC P1	AC P2	AC P3	AC P4	AC P5	AC P6	AC P7	AC P8	AC P9	AC P10
MOVIMENTO 1: ESTABELECEM DO UM TERRITÓRIO										
P1: Alegando centralidade		X		X				X		
P2: Fazendo generalização(ões) sobre o tópico		X	X		X					X
P3: Revisando pesquisas prévias (literatura)							X			
MOVIMENTO 2: ESTABELECEM DO UM NICHU										
P1A: Contra-argumentando		X	X						X	
P1B: Indicando uma lacuna										
P1C: Provocando questionamento										
P1D: Continuando uma tradição										
MOVIMENTO 3: OCUPANDO O NICHU										
P1A: Delineando os objetivos	X		X	X			X	X	X	
P1B: Apresentando a presente pesquisa			X		X	X	X			X
P2: Apresentando os principais achados				X						
P3: Indicando a estrutura do artigo	X			X						

Fonte: Elaboração própria a partir de Swales (1990).

Assim, é possível perceber que os passos mais utilizados pelos autores dos dois grupos, de um modo geral, são o delineamento dos objetivos, a(s) generalização(ões) sobre o tópico, e a apresentação da presente pesquisa, uma vez que aparecem em ambos os grupos, mudando apenas da quantidade de artigos em que estão presentes. Tanto nos artigos não publicados quanto nos publicados, o passo 1A: delineando objetivos, do movimento 3 (ocupando o

nicho) é o mais recorrente, visto que aparece em 5 artigos não publicados e em 6 publicados. Swales (1990, p. 159) define esse passo como quando “o autor ou autores indicam seu propósito ou finalidades principais”. Sendo assim, o(s) autor(es) anuncia(m) o(s) seu(s) objetivo(s) principal(is) com sua pesquisa, como pode ser visto no excerto 11.

Excerto 11: Passo 1A (delineando os objetivos), do Movimento 3 (ocupando o nicho)

[ACNP8] Assim, o presente artigo *objetiva* analisar os processos de natureza fonológica mais recorrentes no texto da autora.

Sobre essa estratégia, Gibbon (2012, p. 221) compreende que é “um tipo de declaração de esperança, no sentido de responder ao movimento 2 mostrando que a nova pesquisa pode ocupar o espaço reclamado”. Assim, os autores tentam encaixar suas pesquisas em um espaço que possa ser ocupado em função de uma lacuna ainda não preenchida. Dessa forma, pode-se compreender que os graduandos que produziram tanto os artigos não publicados quanto os publicados, procuram deixar bem delineado qual é o intuito de seu estudo, a sua meta, ou seja, o que de fato é o seu foco com ele, para que o leitor saiba o que deve ter em mente enquanto avança na leitura da pesquisa realizada. A partir do uso desse passo, os graduandos demonstram, portanto, que valorizam a clareza do que se pretende alcançar com seu estudo, tentando, através da comprovação ou refutação de suas hipóteses, ocupar um determinado lugar com sua pesquisa.

No caso dos artigos publicados, o passo 1B: apresentando a presente pesquisa, do movimento 3 (ocupando o nicho) é o segundo mais recorrente, visto que aparece em 5 dos 10 artigos selecionados para este estudo, enquanto, no caso dos artigos não publicados, esse movimento também aparece em segundo lugar, juntamente com o passo 2: fazendo generalização(ões) sobre o tópico, do movimento 1 (estabelecendo um território), e com o passo 1A: contra-argumentando, do movimento 2 (estabelecendo um nicho), com ocorrências em 3 dos 10 artigos desse grupo.

Sobre essa estratégia retórica, Swales (1990, p. 159) entende que ela, juntamente com o passo 1A, é um elemento obrigatório do passo 1 do movimento 3 (ocupando o nicho), sendo, portanto, variações de uma mesma ação, em que

no 1A o(s) autor(es) indica(m) seus propósitos principais, enquanto no 1B o(s) autor(es) descreve(m) o que considera(m) ser as principais características de seu estudo. Dessa forma, “em ambos os casos, o passo inicial é uma espécie de declaração promissória, e [...] seu início é tipicamente marcado por (a) a ausência de referências a pesquisas anteriores e (b) o uso de referências dêiticas ao presente texto”, (SWALES, 1990, p. 159). Um exemplo do uso desse passo pode ser visto no excerto 12.

Excerto 12: Passo 1B (apresentando a presente pesquisa), do Movimento 3 (ocupando o nicho)

[ACP10] Com a análise dos discursos apresentados, pretendemos, neste artigo, com respaldo na abordagem Sociolinguística, levantar informações as quais condicionam a produtividade do determinante no feminino, bem como das desinências de gênero acrescidas às palavras masculinas – incluindo pronomes -, nos discursos direcionados aos indivíduos masculinos que permeiam as comunidades LGBTQI+. Além disso, buscaremos apresentar as maneiras de abordagem desse fenômeno na gramática tradicional e as variantes que são condicionadas. É relevante destacar as maneiras de desconstrução que essas comunidades operam dentro de um padrão social presente desde sempre, o qual influenciou diretamente na morfologia das línguas naturais.

Dessa forma, compreendemos que os graduandos que produziram os artigos aqui analisados tendem a explicitar o que foi realizado em sua pesquisa, no que ela se baseia. Isso implica em uma necessidade de organização textual bem estabelecida da parte dos autores, para que o seu leitor saiba exatamente o que está sendo feito pelo autor, não havendo, assim, nenhuma chance de o leitor se confundir ao longo da leitura ou de não ter certeza do que efetivamente leu.

O passo 2: fazendo generalização(ões) sobre o tópico, do movimento 1, é uma estratégia retórica que aparece em segundo lugar nos artigos não publicados, uma vez que está presente em 3 textos desse grupo, e em terceiro lugar nos artigos publicados, aparecendo em 4 trabalhos analisados. Hemais e Biasi-Rodrigues (2005, p.121) definem esse passo como quando o autor “toma uma posição mais neutra e faz declarações generalizadas sobre conhecimento ou prática corrente”. Dias e Bezerra (2013, p.175), por sua vez, explicitam que ele “é necessário para situar o leitor no assunto que será desenvolvido na pesquisa”. Essa definição pode ser exemplificada no excerto 13.

Excerto 13: Passo 2 (fazendo generalização(ões) sobre o tópico), do Movimento 1 (estabelecendo um território)

[ACNP7] A escola *tem uma tendência* de considerar errado tudo aquilo que está fora dos manuais da gramática. Por isso, o professor em sala de aula *tende* a controlar e evitar que seus alunos comentem erros quanto ao uso do português culto.

No trecho anterior, os autores do excerto 13 fazem declarações mais gerais sobre a questão da aprendizagem da norma padrão em sala de aula, que é o seu tema de estudo, apresentando o seu leitor ao assunto discutido em seu texto e buscando guiá-lo e situá-lo na temática, tentando, assim, informar e mostrar a sua relevância. Sobre isso, Dias e Bezerra (2013, p.175) entendem que “com essa estratégia, os autores apresentam conceitos, estatísticas e informações úteis para o engajamento do receptor do texto”. Dessa forma, os autores dos artigos tanto publicados quanto não publicados, ao usarem essa estratégia retórica em terceiro e segundo lugar, respectivamente, guiam seus leitores nas temáticas de seus trabalhos, usando argumentações e informações que possam atraí-los e envolvê-los em seus textos, buscando, assim, uma aceitação da parte do leitor e da comunidade acadêmica que estão inseridos, sendo vistos como produtores de textos bem fundamentados, e impactando diretamente na construção das suas identidades.

Assim, o autor, ao usar determinadas estratégias de apresentação do assunto que desenvolve em sua pesquisa, revela uma voz que o situa em um discurso existente específico de sua comunidade, e isso significa que as suas escolhas são um reflexo direto das suas ideologias e interesses, bem como também são uma representação dos discursos socialmente disponíveis adotados por ele ao estabelecer a sua identidade.

Um dos grandes atrativos do uso de generalizações, especialmente em artigos científicos, é que o autor não precisa necessariamente comprovar o que está afirmando ou negando, uma vez que é entendido que a informação passada é de conhecimento comum. Dessa forma, não é necessário citar autores ou datas de publicações que contenham esses dados (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Pode-se entender, então, que parte dos graduandos de ambos os grupos analisados tende a usar generalizações sobre o assunto que é foco do estudo para situar o leitor rapidamente no que já é amplamente conhecido sobre ele, envolvendo-o no seu discurso de uma forma rápida.

Há, também, um passo que predominou, em segundo lugar, em 3 dos 10 artigos científicos não publicados (na mesma quantidade dos passos 2 do movimento 1 e 1B do movimento 3), que consideramos importante abordar neste estudo: o passo 1A: contra-argumentando, do movimento 2: (estabelecendo um nicho), que geralmente tem o uso de uma conjunção adversativa (como: entretanto e porém) no seu início. Um exemplo dele pode ser visto no excerto 14.

Excerto 14: Passo 1A (contra-argumentando), do Movimento 2: (estabelecendo um nicho)

[ACNP7] Vale salientar, *porém*, que existe um abismo enorme entre a teoria e a prática, pois nem todas as instituições e profissionais da educação são coniventes com a ideia de uma língua portuguesa com tantas formas diferentes de se comunicar, estando o professor ainda preso às teorias do ensino prescritivo.

Nesse passo, que faz parte do movimento 2 (estabelecendo um nicho), o autor não afirma que o discurso que foi citado anteriormente está completamente ruim ou errado, apenas aponta algumas limitações de sua pesquisa (SWALES, 1990, p. 154). Essas limitações devem ser levadas em consideração para possíveis lacunas que possam ser preenchidas em estudos futuros. Isso implica que nos artigos não publicados há uma tendência de os graduandos apresentarem um ponto de vista diferente do que existe na literatura sobre a questão que é abordada em seu estudo, discordando de uma linha para defender outra, ou mesmo se desfazendo de algum posicionamento ou argumento levantado anteriormente, muitas vezes de forma proposital. Por exemplo, o autor reproduz um discurso para posteriormente fazer um contraponto a ele, almejando introduzir sua visão particular sobre ele. Isso demonstra, portanto, que nos três artigos não publicados há uma visão crítica sobre discursos de autores conhecidos e prestigiados, em que os graduandos, mesmo sendo muitas vezes inexperientes, ainda assim buscam trazer um olhar questionador para sua pesquisa.

Por fim, consideramos importante ressaltar que essas tendências encontradas nos textos analisados ocorrem a partir da influência do ambiente, em que os graduandos são, de uma certa forma, “levados” a utilizar determinados movimentos no lugar de outros; ou seja, é pela leitura e pelas

experiências que o autor é orientado a fazer determinadas escolhas que são mais marcadas que outras, revelando a sua identidade acadêmica.

5.4 O que o resultado das análises das três dimensões em artigos científicos publicados e não publicados revela

Diante de tudo o que foi visto, considerando o propósito deste estudo de investigar como a identidade acadêmica é construída por meio da manifestação da voz autoral em artigos científicos produzidos por graduandos que publicaram ou não suas pesquisas, bem como levando em consideração as análises das três dimensões apresentadas neste trabalho, consideramos que a investigação da primeira dimensão que diz respeito aos recursos discursivos mais usados nos textos analisados, utilizando categorias propostas por Hyland (2005a), revela algumas estratégias de posicionamento adotadas pelos estudantes em seus textos, tornando-se mais ou menos visíveis, e isso, por sua vez, auxilia na compreensão de como a voz autoral foi criada nesse processo.

A predominância de marcadores de implicação/envolvimento nos textos não publicados demonstra que a maioria dos estudantes que produziram esses trabalhos analisados abordam seu leitor e tentam envolvê-lo no discurso apresentado em seus textos, guiando-o nas suas interpretações, enquanto a predominância do uso de potenciadores/enfatizadores nos artigos publicados sugere que, além disso, os estudantes que produziram esses estudos apresentam um maior nível de comprometimento em seus posicionamentos, uma vez que enfatizam uma colocação, e, assim, acabam se posicionando de forma mais clara e efetiva, investindo em suas argumentações, reforçando uma autoridade no assunto por meio de uma responsabilização por suas afirmações, projetando a identidade acadêmica.

Dessa forma, percebe-se que os trabalhos de ambos os grupos se assemelham com relação aos marcadores de implicação/envolvimento, uma vez que esse recurso também é um dos que mais aparecem em 6 dos artigos publicados. Contudo, há uma divergência com relação ao seu uso, visto que o uso do plural como uma forma de integrar o leitor no texto, abordando-o de maneira mais explícita, aparece em 8 dos artigos não publicados, enquanto no

caso dos artigos publicados há a predominância do uso de predicados que expressam o julgamento do autor sobre a importância ou necessidade que ele confere ao argumento.

Isso implica que os autores dos artigos não publicados valorizam a inclusão do seu leitor em seus estudos acadêmicos, chamando a sua atenção ao fazê-lo se sentir incluído no texto, ao mesmo tempo em que o direciona para uma interpretação específica almejada. É, portanto, nítido que nos artigos não publicados os autores sentiram a necessidade de permitir que o leitor se sinta parte do texto, fazendo-o ter a percepção de que compartilham ideias e propósitos semelhantes. Ou seja, os graduandos, com o uso desse recurso, transmitem uma voz que perpassa o seu leitor, trazendo-o para mais perto de si, o que, por sua vez, reflete na imagem de uma identidade acadêmica mais marcante.

Entretanto, o uso de expressões de evasão de compromisso (*hedges*), que aparece em segundo lugar nos artigos não publicados, sugere uma diferença entre esse grupo e o dos publicados, uma vez que, nesse tipo de recurso discursivo, o autor prefere não colocar muito peso em uma determinada afirmação, tendo ressalvas quanto a isso. Essa falta de comprometimento total a determinados argumentos demonstra que os graduandos que produziram os artigos não publicados muitas vezes têm receio de se posicionarem totalmente com relação a algo, transferindo, assim, o peso da decisão de aceitar ou não esse argumento ao seu leitor. Essa é a principal diferença encontrada entre os dois grupos analisados, visto que há uma tendência oposta entre esses graduandos no que diz respeito ao grau de comprometimento e responsabilização que eles como autores conferem aos argumentos e afirmações que trazem em suas pesquisas, o que, por sua vez, afeta a sua voz autoral.

Ou seja, no caso dos artigos publicados, com a predominância do uso de potenciadores/enfatizadores (*boosters*), os graduandos desse grupo demonstram que, ao contrário dos que compõem os textos não publicados, valorizam mostrar a sua segurança nas afirmações e argumentações que permeiam o seu trabalho, marcando, assim, o quanto estão envolvidos e

comprometidos, e, fazendo isso, se posicionam de forma mais explícita em seus trabalhos, assumindo uma maior responsabilização com relação ao que escrevem, o que, por sua vez, ajuda a construir sua identidade acadêmica que manifesta uma voz mais assertiva que a presente nos trabalhos não publicados.

Ainda no caso dos artigos publicados, o uso de predicados que expressam o julgamento do autor sobre a importância ou necessidade dos argumentos utilizados em seu texto demonstra que os graduandos que produziram os artigos publicados aqui analisados valorizam a marcação explícita da importância que conferem a um determinado posicionamento, direcionando a atenção do seu leitor para o que consideram principal para a compreensão da pesquisa, guiando-o, assim, ao longo de seus textos. Isso significa que, enquanto os autores dos textos não publicados tendem a incluir o seu leitor em seu texto, fazendo-o se sentir parte da construção do conhecimento compartilhado, envolvendo-o; os autores dos artigos publicados preferem ser mais rígidos quanto ao seu posicionamento, deixando claro o que consideram mais importante para a compreensão e interpretação de seus artigos.

Em ambos os grupos, mas em especial nos artigos não publicados (em que os marcadores de implicação/envolvimento predominam), os graduandos demonstram que têm a habilidade de se posicionar claramente em seus textos por meio de negociações interacionais com seus leitores, marcando, assim, uma voz específica que compõe a identidade acadêmica de cada um, ou seja, se assemelham nesse aspecto autoral.

Por fim, o uso das autorreferências em ambos os grupos também sugere que os graduandos se assemelham a respeito de uma projeção mais explícita em seus escritos, enfatizando o seu caráter autoral e trazendo uma visão pessoal sobre o tema trabalhado, buscando credibilidade em sua comunidade acadêmica com a indicação do que fizeram em suas pesquisas.

Dessa forma, essa dimensão indica a presença de uma voz autoral considerável da parte dos graduandos que produziram os textos aqui analisados, visto que os autores de ambos os grupos utilizam esses recursos para marcar suas posições. Sendo assim, os graduandos manifestaram uma voz que

caracteriza e particulariza cada um deles como autores acadêmicos, o que faz transparecer uma preocupação em estabelecer uma conexão com o seu leitor, invocando uma imagem que reflete na criação de uma identidade própria como autores de textos típicos da academia, como o artigo científico.

O único aspecto mais marcante de divergência é a já mencionada tendência da presença de uma voz mais segura e convicta de suas argumentações nos artigos que foram publicados, enquanto nos artigos produzidos apenas para disciplinas da graduação (ou para projetos como o PIBIC) há a tendência do uso de uma voz menos assertiva e comprometida com algumas afirmações. Acreditamos que isso ocorre devido ao fato de que, em geral, estudantes que tentam publicar já têm um pouco de prática na escrita de textos acadêmicos, como os artigos, que, por sua vez, passam por revisões a partir da análise realizada pela revista/periódico, o que, muitas vezes, implica na exigência por parte dos pareceristas de uma maior projeção da voz desses autores em seus textos, enquanto os graduandos que até então só escrevem para disciplinas ainda estão se inserindo nesse contexto de produção textual, sendo ainda um pouco reticentes a exercer uma maior autoridade em seus textos.

Isto posto, é importante também considerar que o estudante pode não escrever necessariamente visando que seu estudo seja publicado, em um primeiro momento, uma vez que ele pode escrever para disciplinas e depois ter seu texto ajustado para a publicação. Portanto, a diferença principal entre os dois grupos se deve justamente ao processo de revisão que esses artigos publicados passaram, em que os autores primeiramente revisaram seus estudos de acordo com as exigências da publicação almejada, passando pelas análises dos pares, e, por fim, sendo efetivamente publicados. Dessa forma, os artigos publicados são um produto dessas revisões realizadas pelas revistas e, conseqüentemente, pela avaliação dos pares da publicação.

Entretanto, em ambos os grupos, mesmo os graduandos que produziram os artigos não publicados apresentando uma voz menos assertiva do que os que produziram os artigos publicados, ainda assim é nítido que os estudantes têm a habilidade necessária para negociar e interagir com as outras vozes que trazem

em seus estudos, apresentando uma identidade que ainda está sendo construída, mas que já é aparente por meio da posição de sujeito que os graduandos assumem quando trazem uma representação do seu “eu” como autor acadêmico, de acordo com as convenções que regem a sua comunidade.

Quanto à análise da segunda dimensão que estuda as diferentes manifestações de intertextualidade propostas por Castelló *et al.* (2011), a predominância de citações indiretas em que o(s) graduando(s) utiliza(m) o nome de autores como apoio para sua(s) argumentação(ões), destacando-os, nos textos publicados, indica que, ao escolherem não tirar completamente o destaque de nomes de autores reconhecidos em sua área para apoiar sua(s) argumentação(ões), mesmo parafraseando-os, os graduandos demonstram que também sentem a necessidade de usar uma figura de autoridade como uma forma de legitimar os pontos que defendem em seus textos, provavelmente devido ao fato de serem alunos de graduação iniciantes no exercício da escrita acadêmica, sendo, portanto, considerados mais inexperientes na sua comunidade.

Dessa forma, entende-se que, nos trabalhos publicados, os graduandos tendem a reformular os discursos que citam em seu texto de acordo com os seus propósitos, adaptando-os para o seu próprio discurso, o que, por sua vez, caracteriza a voz autoral de cada um deles, refletindo-se em sua identidade, mas, ainda assim, os autores também precisam que seus argumentos sejam respaldados por outros autores, sendo mais facilmente aceitos por seus leitores. Essa visão também pode ser aplicada aos autores dos artigos não publicados, visto que eles também fizeram uso dessa forma de intertextualidade em 8 dos 10 artigos analisados, sendo que em apenas 1 dos textos não são mencionados os nomes dos autores nos enunciados citantes, e, portanto, os dois grupos se assemelham nesse aspecto.

As citações diretas que mais são utilizadas em ambos os grupos são as curtas de até 3 linhas, em que o nome do autor não recebe destaque, só aparecendo no final, entre parênteses, aparecendo em segundo lugar nos artigos não publicados, e em terceiro nos publicados. Essa forma de intertextualidade, por sua vez, sugere que os graduandos que produziram tanto

os textos não publicados quanto os publicados valorizam o aspecto autoral de seu trabalho, revelando uma grande capacidade de posicionamento e interpretação de discursos de outros autores por meio da reformulação de seus enunciados.

Mas, ainda assim, os estudantes, provavelmente por serem iniciantes na escrita acadêmica, sentem que precisam usar um nome reconhecido por sua comunidade, mesmo não deixando-o em destaque, provocando, portanto, um paradoxo entre reclamar uma maior autoria, focando no conteúdo de seu trabalho e não em nomes conhecidos, mas também ainda sentir que precisam do apoio de nomes de peso, mesmo que de um modo mais discreto. Isso sugere que os graduandos apresentam em seus textos acadêmicos uma voz que ainda tem receio de não ser bem recebida e validada por seu leitor, o que afeta a sua identidade como autor.

Ainda que o uso de citações indiretas seja mais acentuado nos textos publicados, a única forma de intertextualidade que apareceu em todos os 10 trabalhos não publicados selecionados é a que faz menções a pessoas, documentos ou enunciados, que, por sua vez, aparece em segundo lugar nos textos publicados. O uso recorrente dessas menções demonstra que apesar dessa categoria ser problemática é também amplamente utilizada pelos autores tanto dos textos não publicados quanto dos publicados, o que aponta uma semelhança entre os dois grupos de textos analisados, visto que ambos trazem uma voz que tende a fazer referências mais rápidas, sem maiores aprofundamentos e considerações, sem muito comprometimento, sendo, portanto, mais prática, o que reflete na identidade acadêmica de cada autor.

Isso implica que os graduandos que produziram artigos pensando em publicá-los e os que os escreveram para disciplinas demonstram ter uma agilidade para fazer referências e explicá-las de uma forma clara, sem precisar recorrer a sua fonte de forma direta por meio de citações mais explícitas, como as diretas ou indiretas. Assim, os textos não publicados sugerem, por meio do uso dessa forma de intertextualidade, que os graduandos que os produziram valorizam a utilização de menções para passar uma determinada informação de um modo mais rápido e simples.

É nítido, então, que tanto os textos publicados quanto os não publicados recorrem com frequência ao uso de citações, o que é típico dos gêneros acadêmicos, em especial o artigo científico, divergindo apenas na quantidade de citações diretas ou indiretas. No caso dos artigos publicados, o uso de citações indiretas predomina em detrimento de todas as outras formas de intertextualidade, enquanto nos artigos não publicados as duas formas de citação vêm em segundo lugar, depois de menções. Em vista disso, entendemos que os dois grupos aqui estudados se assemelham quanto à utilização das mesmas formas de intertextualidade, diferenciando-se apenas na quantidade em que aparecem em cada grupo, não havendo, portanto, divergências nesse aspecto.

O único recurso intertextual diferente que predomina, em terceiro lugar, nos artigos publicados, empatando com as citações diretas, é o uso da linguagem característica de determinadas formas de comunicar, discutir com outros, ou de tipologias de documentos, como gêneros, vocabulário, padrões de expressão. No caso dos trabalhos analisados, ocorreu o uso de linguagem característica/padrão típica do gênero artigo científico. Essa forma de intertextualidade, entretanto, não revela uma grande diferença entre os dois grupos, apenas que nos artigos publicados há uma tendência em se utilizar uma linguagem mais característica desse gênero, visto que esses textos provavelmente passaram por uma avaliação e posterior revisão. Assim, ainda que esse recurso também tenha sido utilizado em 8 dos 10 artigos não publicados analisados (como pode ser visto no quadro 3 anteriormente mostrado), ele não chega a ser tão utilizado como as menções a pessoas, documentos ou enunciados, e as citações diretas e indiretas, que são as 3 recorrências mais encontradas.

Considerando os dados analisados como um todo, constatamos que esse nível de dimensão revelou mais similaridades entre os dois grupos de textos do que diferenças, mostrando apenas pequenas variações a respeito da frequência em que os diferentes níveis de intertextualidade aparecem em cada um dos 10 artigos publicados e não publicados. Portanto, essa dimensão revela que em ambos os grupos os estudantes apresentam uma voz que caracteriza o seu aspecto autoral, evidenciando que tanto os graduandos que produziram artigos

para publicação quanto para disciplinas manifestam, por meio da intertextualidade, um certo nível de segurança nas suas afirmações e uma responsabilização pelos discursos que não só eles produzem por meio de sua escrita, mas também que reproduzem de outras vozes que evocam em seu texto, implicando, assim, na existência de uma identidade acadêmica ainda em construção, mas que já se mostra de forma clara nos artigos analisados neste estudo.

O estudo da terceira dimensão que aborda os movimentos retóricos de Swales (1990) evidencia que o delineamento dos objetivos, que foi o passo mais utilizado tanto nos textos não publicados quanto nos publicados, sugere que os graduandos buscam encaixar a sua pesquisa em um determinado espaço em que existe uma lacuna que ainda não foi preenchida por estudos anteriores, o que, por sua vez, serve de base para a criação de suas hipóteses. Isso significa que ambos os grupos aqui estudados tendem a delinear explicitamente o intuito da sua pesquisa, demonstrando que valorizam a clareza de seus textos. Consequentemente, com o uso desse passo, os autores almejam ocupar um determinado lugar nos estudos acerca do assunto pesquisado, trazendo, assim, uma sensação de pertencimento ao meio de sua comunidade acadêmica, proporcionando um novo conhecimento sobre a questão que é foco de seu estudo. Quando fazem isso, suas vozes emergem de seus discursos, revelando a identidade de autores acadêmicos que produzem pesquisas relevantes para suas áreas.

A recorrência do passo 1B: apresentando a presente pesquisa, do movimento 3 (ocupando o nicho), tanto no caso dos artigos publicados quanto dos não publicados, visto que aparece em segundo lugar em ambos, demonstra que os graduandos que os produziram valorizam o detalhamento do que é a sua pesquisa e no que ela se baseia, explicitando o que foi realizado em seu estudo. Dessa forma, essa predominância sugere que os autores têm a tendência de enfatizar no que consiste sua pesquisa e como ela foi realizada, com o intuito de não permitir que o leitor possa se confundir ou não entender exatamente qual é o objeto do estudo. No caso dos artigos não publicados, há uma semelhança com os publicados devido ao fato de esse passo também aparecer com alguma frequência nos artigos não publicados, entretanto, neles o seu uso é menos

acentuado do que nos publicados, aparecendo apenas em 3 dos 10 artigos desse grupo.

Outro passo que aparece em segundo lugar nos artigos não publicados e em terceiro nos publicados é o passo 2: fazendo generalização(ões) sobre o tópico, do movimento 1 (estabelecendo um território). A partir dessa recorrência, podemos compreender que as generalizações sobre o tópico sugerem que os estudantes que produziram os trabalhos tanto não publicados quanto publicados escolhem tomar uma posição mais neutra, ou seja, menos marcada, visto que eles fazem declarações mais gerais sobre o assunto que abordam em seus textos, buscando guiar e situar o leitor na temática apresentada, tentando, portanto, atraí-lo para o texto. Além disso, também tendem a delinear claramente o intuito da sua pesquisa, visando ocupar um determinado espaço. Há, portanto, uma semelhança entre esses dois grupos, visto que em ambos os graduandos tentam envolver seu leitor em seus textos por meio do uso de argumentações mais gerais, buscando serem aceitos por seu leitor como uma fonte de conhecimento válida e legítima, apresentando conceitos, estatísticas e informações que possam engajar seus estudos de uma forma imediata, uma vez que são tidas como de conhecimento comum.

Entretanto, o uso do passo 1A: contra-argumentando, do movimento 2 (estabelecendo um nicho), que aparece em 3 dos 10 artigos não publicados analisados, sugere uma pequena diferença entre esse grupo e o do que engloba os trabalhos publicados, uma vez que com o uso dessa estratégia, que é uma forma muito importante de construir uma voz própria, os estudantes que produziram os três trabalhos não publicados verificados também adotam posições críticas em seus textos, apontando limitações nas pesquisas que referenciam em seus artigos, enquanto, com o delineamento de seus objetivos, os mesmos autores expõem os propósitos principais de suas pesquisas, buscando encaixar seus trabalhos em um determinado espaço. Isso demonstra que, nesses trabalhos, os autores tendem a avaliar mais criticamente os discursos e as afirmações de outros autores.

Assim, entendemos que essa dimensão evidencia que os graduandos que produziram tanto os artigos publicados quanto os não publicados apresentam

uma voz que busca sempre envolver o seu leitor em seu texto, guiando-o pelas possíveis interpretações de suas argumentações, o que reflete em uma identidade característica dos textos acadêmicos. O foco nos artigos publicados é marcar o que foi produzido em seu estudo e delinear explicitamente os seus objetivos, produzindo, assim, uma voz de autor que revela uma identidade que insere esses graduandos em suas comunidades, ocupando um espaço ainda não preenchido, enquanto no caso dos artigos não publicados, além desse delineamento dos objetivos do estudo, a voz presente nesses trabalhos, por vezes, pode ser um pouco mais questionadora, mais crítica que nos artigos publicados, visto que alguns autores trazem contra-argumentos na sua escrita. Contudo, é importante ressaltar que o uso das contra-argumentações encontradas nas pesquisas não publicadas é relativamente pequeno quando analisamos o *corpus* como um todo, e, portanto, não representa todos os textos dos estudantes investigados, sugerindo apenas uma pequena distinção entre os dois grupos, que consideramos relevante apenas mencionar brevemente nesta investigação.

Compreendemos, assim, que a maioria dos trabalhos analisados, tanto os publicados quanto os não publicados, revela que os estudantes autores dos textos recolhidos se posicionam mais explicitamente em suas pesquisas, por vezes apenas enfatizando algumas posições, no caso dos artigos publicados, ou retendo-se em algumas afirmações, aceitando-as como opiniões ou possibilidades, no caso dos artigos não publicados. Os textos publicados produzidos por estudantes de graduação também evidenciam que os autores procuram marcar explicitamente em seus textos a base de suas pesquisas, organizando-os de tal forma que o leitor não possa se confundir ou não entender o que está lendo.

Dessa forma, concluímos que não constatamos grandes diferenças entre os dois grupos de textos coletados, visto que há muitas semelhanças e apenas algumas distinções que caracterizam algumas preferências dos autores dos artigos selecionados. Entretanto, consideramos importante fazer uma breve síntese do que essas pequenas diferenças implicam para a questão de como a identidade acadêmica dos graduandos é construída por meio da manifestação de uma voz autoral particular.

Percebemos ao longo deste estudo que os estudantes que produziram artigos para publicação apresentam uma maior segurança, se comprometendo de forma mais enfática com as colocações e argumentações que trazem em seus textos, manifestando um posicionamento mais explícito, o que, por sua vez, sugere um maior comprometimento com suas afirmações, uma certa necessidade de mostrar o grau de confiança que conferem ao argumento utilizado. Essa confiança reverbera na presença de uma voz mais assertiva que se sobressai mais do que voz apresentada nos artigos produzidos para disciplinas e projetos, uma vez que nesses textos os graduandos demonstram uma tendência a se resguardarem, não se comprometendo de forma mais acentuada com determinadas afirmações, trazendo-as como opiniões, refletindo, assim, uma voz menos confiante, que prefere não reivindicar uma maior autoria, o que, por sua vez, reflete na sua identidade como autor acadêmico.

Essa constatação, por sua vez, sugere que os graduandos que produziram artigos para disciplinas são pesquisadores iniciantes que ainda estão se descobrindo como autores de textos acadêmicos, não sendo tão seguros no domínio da argumentação e da escrita nesse contexto, o que reverbera na constituição de uma voz ainda um pouco vacilante em ser mais enfática e ousada, talvez pelo medo do erro, visto que ainda estão passando pelo processo de aquisição do letramento acadêmico.

Já no caso dos estudantes que produziram artigos para publicação, considera-se que eles já passaram por esse processo e já conseguem se colocar em seus textos de forma mais comprometida, assumindo responsabilização e requerendo uma maior autoria, trazendo, assim, a tomada de uma posição mais marcada, o que, por sua vez, reflete em uma voz mais acentuada, que se sobressai no texto ao enfatizar a importância que confere a um determinado argumento, trazendo, portanto, uma identidade acadêmica que, ainda que esteja na fase inicial, já demonstra estar surgindo.

Diante de tudo o que vimos nas análises realizadas, consideramos que esses autores, que são graduandos do curso de Letras, ainda estão buscando criar uma identidade que seja compatível com as expectativas e as convenções de sua comunidade acadêmica, apresentando uma voz que já dialoga com os

outros discursos e se posiciona mais explicitamente por meio de suas afirmações, o que revela que esses estudantes buscam passar uma imagem de autores confiantes e seguros na sua escrita para os seus leitores e pares sociais, almejando sua aceitação como autores maduros e confiáveis, sendo percebidos como detentores de uma identidade compatível com a sua comunidade acadêmica. Entretanto, essa identidade claramente ainda está em um processo de construção, podendo sofrer mudanças.

Esperamos que com este estudo tenhamos tornado mais compreensível como ocorre a formação de uma identidade a partir da criação de uma voz que define o estudante como autor acadêmico ao longo das práticas e eventos de letramento de sua comunidade, apontando quais são as principais diferenças e semelhanças que encontramos nesta investigação sobre as dimensões da manifestação da voz autoral que abarcam os artigos não publicados e publicados, englobando o posicionamento dos autores, a intertextualidade que emerge de seus textos e os movimentos retóricos mais utilizados pelos dois grupos, facilitando, assim, a compreensão desse fenômeno e contribuindo para os estudos dos gêneros textuais acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tratou da questão da construção da voz autoral que, por sua vez, é refletida na identidade acadêmica de graduandos na escrita de artigos científicos. Consideramos que a produção da voz autoral é uma problemática bastante comum para estudantes de graduação, especialmente os recém-saídos do ensino médio, uma vez que a maioria não teve contato com a produção dos gêneros acadêmicos que são requeridos em sua comunidade. Além disso, o ensino superior exige que o aluno domine novas formas de interpretar e compreender textos, visto que é nesse processo de aprendizagem que o estudante geralmente tem o seu primeiro contato com os gêneros requeridos pela academia, como o artigo científico, que é o gênero estudado neste trabalho. O graduando, portanto, precisa aprender a organizar uma série de conhecimentos que são solicitados ao longo de sua experiência universitária. Essa experiência, por sua vez, não é apenas produzida em sala de aula, mas engloba todo o processo de inserção do aluno nas práticas e eventos de letramento da sua comunidade acadêmica.

Ao lidar com os gêneros acadêmicos, o graduando precisa se ajustar aos diversos gêneros que fazem parte de sua vivência como universitário, e isso, por sua vez, exige que ele desenvolva competências ao produzir, geralmente pela primeira vez, textos que envolvem a articulação e a manipulação não só de aspectos formais e padronizados. Ou seja, o estudante precisa também desenvolver a habilidade de lidar com o contexto ao qual faz parte, com as suas relações de poder que o permeiam e com a construção de uma identidade que seja povoada com o diálogo entre a voz do graduando como autor e as demais vozes que são invocadas nos discursos em seus textos, tornando-se, assim, academicamente letrado.

Tornar-se academicamente letrado implica que o graduando aprenda a utilizar a escrita dos diversos gêneros que são requeridos nesse ambiente para que de fato ocorra a sua inserção na sua comunidade, sendo acolhido como um membro legítimo e estimado, que contribui para a circulação e divulgação do conhecimento científico, participando, assim, das práticas de letramento que, por sua vez, orientam os eventos de letramento, uma vez que nesses eventos a

escrita é a mediadora das interações sociais, e os papéis sociais orientam as práticas nas quais o estudante realiza esses eventos.

Dessa forma, compreendemos que é necessário que os graduandos recebam orientações de professores ou tutores para que se adaptem ao ambiente universitário, com suas práticas e eventos de letramento, e às exigências disciplinares e acadêmicas, uma vez que, em geral, a maioria é composta por estudantes recém-saídos do ensino médio. Quando não ocorre esse direcionamento proveniente de pessoas mais experientes é mais difícil que os alunos consigam se apropriar dos diversos gêneros requeridos pela sua comunidade acadêmica. A produção de artigos científicos, em especial, é recorrente nos cursos de Letras e se configura como um dos gêneros mais importantes, visto que é um item altamente valorizado pela academia, dependendo do seu impacto e de diversos fatores ligados à avaliação do periódico em que aparece para a avaliação da produtividade do pesquisador e dos programas de pós-graduação.

Assim, a produção de artigos científicos demanda que os graduandos entrem em contato com um maior nível de leitura e compreensão textual, uma vez que os estudantes têm que ler textos e livros acadêmicos, muitas vezes pela primeira vez, ou seja, eles precisam aprofundar o seu conhecimento teórico para que possam produzir textos que não sejam rasos, mas sim que tenham uma boa base de leituras que validem a fundamentação teórica de suas pesquisas.

Um ponto pertinente para este estudo é o fato de que como os graduandos, em geral, não têm contato com esse gênero no nível escolar, quando chegam na universidade, eles precisam passar por um processo de aquisição de letramento acadêmico, e esse processo, por sua vez, não ocorre de forma rápida, sendo necessário que o estudante receba ajuda, como já falamos anteriormente. Entretanto, é importante ressaltar que uma vez que o aluno consegue dominar a produção dos gêneros acadêmicos, ele se insere efetivamente como membro de sua comunidade, ocupando um espaço que o encaixa, mas que também o distingue como autor, uma vez que, ao produzir pesquisas acadêmicas, o graduando sofre um amadurecimento devido ao fato de que ele tem que desenvolver um maior nível de síntese e de leitura crítica.

Dessa forma, o estudante necessita desenvolver um diálogo com as vozes provenientes dos discursos de outros autores que permeiam sua área de estudo, não apenas reproduzindo-os, mas destacando-se por meio de um posicionamento que, por sua vez, emite uma voz que o situa como autor em suas produções textuais.

Contudo, essa voz que emana nos trabalhos de escritores acadêmicos não é uma única voz verdadeira e legítima, mas sim é constituída por um repertório de vozes que são construídas socialmente a partir do contexto em que o autor está inserido, com todas as suas particularidades, de acordo com o seu público. Assim, é necessário que seja apresentada uma voz que o caracteriza como autor nos textos acadêmicos, o que chamamos aqui de voz autoral. Essa voz, que, por sua vez, é constituída e situada historicamente, é pessoal e social ao mesmo tempo, visto que ao escrever um texto acadêmico, o autor manifesta uma voz que não apenas o situa, mas o insere em um determinado discurso já existente, refletindo escolhas que revelam ideologias e interesses do autor.

No caso específico do estudo dos artigos científicos escritos por graduandos, essa necessidade de criar uma voz que caracterize cada autor é uma questão que ainda se apresenta como um desafio para os escritores acadêmicos iniciantes que estão sendo introduzidos na universidade e na sua comunidade, uma vez que a escrita acadêmica implica uma intencionalidade da parte do autor, ou seja, não há a reprodução despretensiosa de discursos de outros autores, mas sim há a intenção de conectar-se com o leitor de seu texto, antecipando as expectativas e os questionamentos que ele pode se fazer ao longo da leitura de seu trabalho, prevendo, assim, suas reações. Essa conexão é estabelecida por meio dessa voz que, por sua vez, reverbera os discursos de outros autores, seja rechaçando-os ou aceitando-os, ou mesmo complementando-os com novos olhares sobre uma mesma questão.

Ao produzir uma voz que o caracteriza como autor, o estudante necessariamente tem que se posicionar em seu texto acadêmico, e esse é um dos maiores desafios para autores iniciantes. Diferente do ensino médio, em que o foco está na produção de textos dissertativos-argumentativos que são requeridos nos vestibulares, no âmbito da universidade, professores requerem

que os alunos produzam gêneros acadêmicos, como ensaios, artigos científicos, entre outros, que, por sua vez, implicam que o graduando tome uma postura como escritor, sendo mais assertivo e não apenas reproduzindo os discursos alheios, assumindo uma responsabilização pelo discurso que profere em sua produção textual, comprometendo-se com o que diz ao expressar o grau de certeza ou dúvida que confere aos argumentos apresentados em seu texto, ou seja, o seu grau de comprometimento com o seu texto.

Dessa forma, o graduando, como autor de textos acadêmicos, precisa marcar sua posição em seu estudo, apresentando argumentações que o deixem explicitamente visível, trazendo, assim, um “eu” que o situe como um autor que tem credibilidade com o seu leitor, uma vez que é por meio do seu discurso, que, por sua vez, dialoga com os discursos de outros autores, que o seu leitor é persuadido a confiar na sua pesquisa, avaliando-o como um autor confiável e crível. Ao conversar com o seu leitor, o autor estabelece uma conexão que o permite revelar-se em seu texto acadêmico, e, de acordo com isso, ele deve calcular o quanto de sua personalidade ele quer mostrar em seu trabalho, sempre almejando que seu posicionamento seja bem recebido e avaliado pelo seu leitor e pelos seus pares.

Partindo do princípio de que a escrita acadêmica produz uma voz que representa o autor, pode-se entender que a construção dessa voz implica a produção de uma identidade. No ambiente universitário, o escritor precisa se encaixar em uma identidade social que o situe em sua comunidade acadêmica, e isso significa que ele tem que criar uma imagem como autor que seja refletida em suas produções textuais, sendo reconhecido como um membro que desfruta de credibilidade em meio aos seus pares, bem como sendo visto como um participante valioso ao participar e engajar em sua comunidade, convivendo e dialogando com os outros autores que fazem parte da sua área de estudo.

Entretanto, quando ingressam na universidade pela primeira vez, os graduandos sentem uma espécie de choque ao descobrirem que suas práticas e discursos acadêmicos refletem identidades que são diferentes da sua vida fora desse ambiente, uma vez que os papéis sociais são outros. Dessa forma, é por meio do seu engajamento nas práticas de letramento típicas da academia que o

estudante cria a sua identidade de acordo com esse ambiente. As marcas autorais que estão impressas na sua produção textual revelam uma identidade que o caracteriza como escritor por meio de uma interação social mediada pela escrita, e, ao mostrar sua identidade, ele também apresenta uma voz que o situa como escritor, revelando, assim, suas crenças e ideologias, não se afastando, entretanto, das convenções que fazem parte da sua comunidade acadêmica.

Nesta pesquisa, a partir da coleta e criação de um *corpus* composto por 10 artigos não publicados e escritos por graduandos do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e 10 artigos publicados em uma revista científica específica para graduandos do mesmo curso, porém de diversas outras instituições, nos propomos a realizar uma análise comparativa acerca da manifestação da voz autoral nesses textos, buscando indícios de como a identidade acadêmica desses estudantes é construída, tendo como base teórica a proposta metodológica integrativa de Castelló *et al.* (2011), que divide a manifestação da voz em textos acadêmicos em 3 dimensões de análise que englobam a intertextualidade nas formas de citação (explícita) e alusão (implícita), os recursos discursivos de posicionamento propostos por Hyland (2005a), e os movimentos retóricos elaborados por Swales (1990).

Diante de tudo o que foi visto neste estudo, entendemos que na análise da primeira dimensão os graduandos que produziram tanto os artigos publicados quanto os não publicados utilizaram estratégias que tornam suas posições mais marcadas em seus textos por meio da criação de uma voz que caracteriza os autores. Em ambos os grupos, percebemos que a maioria dos estudantes tendem a abordar o seu leitor, chamando-o para o seu discurso, fazendo o uso do plural para incluir o seu leitor, no caso dos artigos não publicados, e também notamos o uso de predicados que expressam o julgamento que tiveram sobre a importância ou necessidade de um determinado argumento ou discurso produzido, no caso dos artigos publicados.

Dessa forma, com o uso desses marcadores, os autores revelam uma voz autoral mais explícita, em que o seu leitor consegue enxergar com mais facilidade a presença do graduando como autor de seu texto, e isso implica na construção de uma identidade que busca sempre incluir o seu leitor na sua

produção acadêmica. Fazendo isso, os autores antecedem as expectativas de seus leitores e buscam direcioná-los para a interpretação almejada na sua escrita, permitindo que compartilhem suas ideias e argumentações de uma forma que o leitor se sinta parte da construção do conhecimento produzido no estudo.

Ambos os grupos também se projetam explicitamente em sua escrita acadêmica por meio de autorreferências, trazendo uma visão particular em seu discurso, requerendo um reconhecimento que possibilite que o autor receba credibilidade e seja aceito pelos seus pares, marcando o que de fato produziu em sua pesquisa, trazendo, portanto, uma voz autoral acentuadamente marcada em seu discurso, produzindo, assim, uma identidade que o define e o distingue como autor acadêmico.

Entretanto, ainda nessa dimensão de análise, verificamos que há uma diferença entre os dois grupos, uma vez que, no caso dos artigos produzidos para disciplinas e projetos, os graduandos tendem a não colocar muito peso em determinadas afirmações, tendo certo receio de se comprometerem totalmente, transferindo, assim, a responsabilidade de aceitar ou não para o leitor, indicando que determinadas afirmações são fruto de uma probabilidade, e não de uma certeza por parte do autor. Já no caso dos artigos que foram produzidos para publicação, ocorre o oposto, visto que os graduandos que os produziram tendem a valorizar o grau de confiança que conferem às afirmações que estão presentes em seu trabalho, posicionando-se de uma maneira mais explícita do que no caso dos graduandos que produziram os artigos não publicados, ao preferirem se responsabilizar pelas suas afirmações, utilizando potenciadores que enfatizam a sua certeza.

Dessa forma, a voz autoral presente nos artigos não publicados tende a ser mais insegura, retendo-se em algumas afirmações, enquanto a voz presente nos textos publicados tende a ser mais assertiva e direta, assumindo uma responsabilidade maior pelo que diz em sua escrita, e isso reverbera na sua identidade acadêmica, trazendo a imagem de um autor mais hesitante em se comprometer, no caso dos artigos não publicados, e refletindo uma imagem de um autor mais autoconfiante, no caso dos publicados. Todavia, em ambos os

grupos, os graduandos demonstram habilidades de posicionamento que estão nítidas em seus textos, negociando e interagindo com as outras vozes que estão presentes em seu discurso, apresentando uma identidade acadêmica própria.

A análise da segunda dimensão revela a intertextualidade presente nos trabalhos examinados de acordo com o grau de explicitação com que os graduandos fazem referências mais ou menos explícitas a outras vozes e textos. A respeito desses aspectos, notamos muitas semelhanças entre os dois grupos de textos aqui analisados, com exceção apenas do uso recorrente de linguagem característica/padrão típica do gênero artigo científico, que apareceu em terceiro lugar nos artigos publicados; entretanto, esse tipo de referência também apareceu em uma quantidade razoável de artigos não publicados, mesmo não sendo uma das três mais usadas nesses trabalhos. Assim, essa forma de intertextualidade não revelou nenhuma diferença significativa na construção da voz analisada nos textos coletados, apenas demonstra que os graduandos, em especial os que produziram os trabalhos publicados, tendem a usar uma linguagem específica desse gênero.

Dessa forma, na análise da dimensão que abarca as diversas formas de intertextualidade, não notamos nenhuma grande distinção entre as formas de manifestação da voz autoral presentes nos trabalhos dos dois grupos aqui analisados, uma vez que em ambos há o uso recorrente de citações tanto indiretas como diretas, sendo as citações indiretas em que o autor confere destaque aos nomes de outros autores a única forma de intertextualidade que aparece em todos os artigos publicados.

Essa forma de citação indireta, por sua vez, revela que os escritores desses trabalhos valorizam o aspecto autoral, reformulando os discursos dos autores que citam em suas pesquisas de acordo com os propósitos do seu texto, mas, ainda assim, respaldam-se no uso de autores reconhecidos como produtores e detentores de um conhecimento legitimado pelos seus pares acadêmicos. Isso também indica a presença de uma voz autoral que é marcada por um considerável nível de segurança e responsabilização pelos discursos que produz/reproduz, mas que, devido ao fato de o graduando ser um escritor iniciante na academia, ele ainda sente a necessidade de transferir um pouco

dessa responsabilidade para autores mais reconhecidos da sua comunidade, dialogando com os discursos provenientes das vozes desses autores.

Já no caso dos artigos não publicados, em especial, mas também nos publicados, os graduandos que produziram os textos analisados neste estudo valorizam a utilização de menções a determinados documentos, pessoas ou enunciados, trazendo informações de uma forma mais simples e rápida, sem muito aprofundamento ou comprometimento, e isso implica a presença de uma voz autoral mais ágil que interpreta e usa menções mais “neutras” e simplificadas, refletindo, assim, uma identidade acadêmica que caracteriza o estudante como um autor que reproduz habilmente discursos que permeiam a sua área de estudo.

No caso da dimensão de análise que abarca os movimentos retóricos, é nítido que, especialmente nos trabalhos publicados, os graduandos explicitam suas realizações na pesquisa, mostrando a sua base, organizando, assim, o seu texto de uma forma que os seus leitores não fiquem confusos sobre o que está escrito ao longo da leitura, e, tanto nos artigos publicados quanto nos não publicados, há também o delineamento explícito dos objetivos, em que os autores buscam ocupar um espaço nas pesquisas acerca do tema estudado. Além disso, em ambos os grupos de artigos, percebemos que os estudantes guiam seus leitores nas suas temáticas, trazendo argumentos e informações mais gerais e úteis para que eles se sintam atraídos a lê-los, situando-os rapidamente no conhecimento comum que se tem sobre o assunto, sem citar autores.

A única pequena diferença que encontramos entre os dois grupos diz respeito ao uso de contra-argumentos em alguns poucos artigos não publicados, que sugere que os autores desses três textos tendem a trazer diferentes pontos de vista sobre o que está disponível na literatura que é citada em seus trabalhos, adotando posições mais críticas ao apontarem limitações sobre o discurso citado. Esse dado, no entanto, não apresenta maiores implicações na análise geral do *corpus*, visto que o seu uso é relativamente pequeno, e, portanto, não é tão relevante para este estudo.

De um modo geral, concluímos que não há diferenças muito acentuadas entre as formas de manifestação da voz autoral presentes nos artigos não publicados e nos artigos publicados em revista. Entendemos que em ambos os graduandos ainda estão no processo de formação da sua identidade no contexto da escrita acadêmica, buscando encontrar uma voz autoral que a torne visível por meio da construção de uma imagem que traz um autor maduro e seguro nas suas posições. Entretanto, é possível constatar algumas pequenas diferenças que consideramos significativas para a caracterização da identidade dos graduandos analisados.

Analisando os resultados obtidos com esta investigação, concluímos que apesar das muitas semelhanças, os graduandos que produziram artigos para serem publicados tendem a ser um pouco mais assertivos em seus textos devido ao fato de serem mais experientes com a produção da escrita acadêmica, o que reflete uma identidade que traz uma voz mais marcada e intensa do que a que está presente nos artigos produzidos para disciplinas, que, por sua vez, tende a ser menos enfática e um pouco menos categórica com as suas afirmações. Compreendemos que essa voz menos intensa se deve ao fato de esses graduandos provavelmente terem receio de errar, por ainda estarem iniciando na escrita de pesquisas acadêmicas, o que acaba impactando na identidade presente em seus textos.

Assim, compreendemos que a identidade tanto dos graduandos que produzem trabalhos sem o objetivo de publicá-los quanto dos que produzem textos com esse intuito reflete as suas circunstâncias como alunos no âmbito da graduação, visto que os resultados discutidos sugerem que ambos levam em consideração os propósitos finais de seus trabalhos. Ou seja, o fato de almejar publicar por vezes pode restringir a liberdade do graduando como autor de seus estudos, visto que não pode escrever sem se atentar para as normas de publicação que regem o periódico escolhido, enquanto o fato de produzir para disciplinas tende a deixá-lo mais livre de preocupação com uma possível rejeição total do seu texto por parte do seu professor ou orientador.

Dessa forma, ainda que essa identidade esteja em construção, é possível perceber que os graduandos que produziram os trabalhos de ambos os grupos

já trazem uma certa confiança em si próprios a respeito da sua escrita no contexto da universidade, dialogando com os discursos de outros autores reconhecidos de sua área, parafraseando-os, discordando em alguns pontos (no caso de alguns dos textos não publicados), marcando um posicionamento mais definido, preocupando-se em organizar seus textos de uma maneira que suas posições estabeleçam uma conexão com os propósitos da sua pesquisa, trazendo uma progressão sobre o tema discutido.

Há, portanto, em ambos os grupos de trabalhos escritos, uma identidade que ainda está sendo formada ao longo da vivência acadêmica de cada um dos graduandos que tiveram suas pesquisas aqui analisadas, uma vez que ainda há espaço para a construção de uma voz autoral e, conseqüentemente, de uma identidade no âmbito da escrita acadêmica nos níveis da pós-graduação, por exemplo. Entretanto, é notável que os trabalhos analisados já apresentam uma voz que caracteriza os autores de cada estudo, visto que a maioria já demonstra ter a habilidade necessária para a produção de textos acadêmicos bem escritos e fundamentados.

Ao concluirmos este estudo, acreditamos que cumprimos com o nosso objetivo principal, visto que elucidamos como ocorre a construção da identidade acadêmica a partir das manifestações das vozes autorais encontradas nos artigos científicos produzidos por estudantes de graduação. Ao fazer-se uma análise comparativa com os trabalhos produzidos por alunos que tiveram seus textos publicados e os que não publicaram, buscamos acima de tudo desvendar as principais diferenças e similaridades entre o estudante do curso de graduação que desenvolve sua voz e constrói sua identidade acadêmica a partir das práticas e eventos de letramento da sua comunidade, e o estudante de graduação que vai além dessas práticas e eventos, publicando e divulgando seu trabalho, investigando, portanto, como eles desenvolvem suas identidades autorais e suas habilidades de escrita e de lidar com as vozes dos outros autores, encaixando-se, assim, em sua comunidade acadêmica, trazendo um pertencimento a um grupo discursivo específico.

Esta pesquisa, entretanto, não acaba aqui, podendo ser aplicada em outros contextos, investigando como ocorre a formação da voz autoral de

estudantes iniciantes na escrita dos gêneros que estão presentes no ambiente universitário, por exemplo, ou se os graduandos dos períodos finais, em sua maioria, de fato conseguem sair da universidade com uma identidade acadêmica formada ou se ainda sentem dificuldades de se colocarem em seus textos de uma forma segura e responsável. Esse trabalho também sofreu uma pequena limitação devido ao fato de que não conseguimos coletar artigos produzidos por estudantes nos primeiros períodos do curso de Letras, uma vez que na universidade selecionada para a coleta dos textos não publicados não há a solicitação desse gênero no início da vida universitária, visto que se considera que os alunos ainda estão se adaptando a esse ambiente que tem uma dinâmica de circulação de conhecimento muito rápida com relação ao ambiente escolar.

Consideramos, então, que este estudo, que teve como objetivo principal analisar comparativamente as formas de manifestação da voz autoral em artigos científicos produzidos pelos dois grupos de textos já mencionados, possibilitou que respondêssemos ao questionamento de como os graduandos constroem suas identidades acadêmicas a partir das estratégias adotadas para a produção de uma voz que os caracteriza como autores. Para conseguirmos responder essa pergunta, que conduziu este trabalho, mapeamos as formas de citação nos artigos científicos analisados, identificamos os recursos discursivos de posicionamento que os graduandos utilizaram, tornando-se mais ou menos visíveis, e apontamos os movimentos retóricos mais usados na organização dos artigos examinados, enxergando-os como estratégias de construção da identidade acadêmica em meio ao diálogo com as demais vozes que compõem a voz autoral dos trabalhos aqui analisados.

A partir da realização desses objetivos específicos, constatamos que as vozes autorais presentes nos dois grupos de textos se diferenciam levemente no que diz respeito à intensidade que usam em suas afirmações. Nos trabalhos produzidos para disciplinas e projetos, essa voz tende a ser um pouco menos enfática em suas colocações, enquanto os artigos produzidos para publicação tendem a apresentar uma voz mais intensa que procura deixar claro o grau de confiança e comprometimento que os autores têm com as suas argumentações, refletindo na identidade que estão construindo como autores acadêmicos.

Por fim, entendemos que este estudo proporcionou um novo olhar sobre o fenômeno da escrita acadêmica de graduandos, visto que, com base nos resultados que foram obtidos da análise dos dados retirados por meio do exame atento dos textos, contribuímos para os estudos acerca da identidade e escrita acadêmica, bem como dos gêneros textuais consagrados pela academia, como o artigo científico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. M.; BEZERRA, B. G. Letramentos Acadêmicos: leitura e escrita de gêneros acadêmicos no primeiro ano do curso de letras. *Diálogos – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade*, n. 9, p. 5-37, 2013.

ARAÚJO, C. M. *Intertextualidade como traço constitutivo da identidade acadêmica de mestrandos em letras: a produção de artigos científicos*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.

BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BESSA, J. C. R. *Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara, 2016.

BEZERRA, B. G. *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BEZERRA, B. G. Letramentos acadêmicos na perspectiva dos gêneros textuais. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 247-258, out./dez. 2012.

BEZERRA, B. G. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 61-76, 2015.

BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. New York: Routledge, 1993.

BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J. C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 17-32.

BOWDEN, D. Voice. In: CLARK, I. L. *Concepts in composition: Theory and practice in the teaching of writing*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 285-303.

BRAGANÇA, M. L. L.; BALTAR, M. A. R. Novos estudos de letramento: conceitos, implicações metodológicas e silenciamentos. *Imagens da Educação*, v. 6, n. 1, p. 3-12, 2016.

CASTELLÓ, M.; CORCELLES, M.; IÑESTA, A.; BAÑALES, G. VEGA, N. La voz del autor en la escritura académica: una propuesta para su análisis. *Revista Signos*, v. 44, n. 76, p. 105-117, 2011.

DEVITT, A. J. *Writing genres*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

DIAS, F. G. R.; BEZERRA, B. G. Análise retórica de introduções de artigos científicos da área da saúde pública. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, ano 12, n. 1, p. 163-182, 2013.

DIONÍSIO, M. L. T.; FISCHER, A. Literacia (s) no ensino superior: configurações em práticas de investigação. In: CONGRESSO IBÉRICO ENSINO SUPERIOR EM MUDANÇA: TENSÕES E POSSIBILIDADES, 2010, Braga. *Atas...* Braga: Universidade do Minho, CIEd, 2010, p. 289-300.

ELBOW, P. Voice in writing again: Embracing contraries. *College English*, v. 70, n. 2, p. 168-188, 2007.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 2008.

FIAD, R. S. A escrita na universidade. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 4, p. 357-369, 2011.

FLØTTUM, K. Variation of stance and voice across cultures. In: HYLAND, K.; GUINDA, C. S. (Ed.). *Stance and voice in written academic genres*. London: Palgrave Macmillan, 2012, p. 218-231.

GEE, J. P. What is literacy. In: ZAMEL, V; SPACK, R. (Ed.). *Negotiating academic literacies: Teaching and learning across languages and cultures*. New York: Routledge, 1998, p. 51-59.

GIBBON, A. O modelo de Swales e o metadiscorso: um estudo sobre as introduções. *Letrônica*, v. 5, n. 2, p. 219-237, 2012.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.); HALL, S; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133.

HEMAIS, B; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 108-129.

HYLAND, K. Authority and invisibility: Authorial identity in academic writing. *Journal of pragmatics*, v. 34, n. 8, p. 1091-1112, 2002.

- HYLAND, K. *Metadiscourse: exploring interaction in writing*. London: Continuum, 2005a.
- HYLAND, K. Stance and engagement: A model of interaction in academic discourse. *Discourse studies*, v. 7, n. 2, p. 173-192, 2005b.
- HYLAND, K. *Disciplinary identities: Individuality and community in academic discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012a.
- HYLAND, K. Undergraduate understandings: Stance and voice in final year reports. In: HYLAND, K.; GUINDA, C. S. (Ed.). *Stance and voice in written academic genres*. London: Palgrave Macmillan, 2012b. p. 134-150.
- IVANIČ, R. *Writing and identity: the discursual construction of identity in academic writing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.
- JUCHUM, M. A escrita na universidade: uma reflexão com base no que os alunos dizem em seus textos. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 13, n. 1, p. 107-129, 2014.
- LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, jun. 1998.
- LEA, M. R.; STREET, B. V. The "academic literacies" model: Theory and applications. *Theory into practice*, v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.
- LUCENA, N. L. Perfilamento de práticas de leitura e escrita antes e após o ingresso na universidade: o que revelam os estudantes de Letras?. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 14, n. 27, p. 458-475, 2020.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATSUDA, P. K.; JEFFERY, J. V. Voice in student essays. In: HYLAND, K.; GUINDA, C. S. (Ed.). *Stance and voice in written academic genres*. London: Palgrave Macmillan, 2012, p. 151-165.
- MIRANDA, M. A. S. *Articulação de vozes na escrita do pesquisador em formação: análise de arranjos linguísticos na produção escrita acadêmica*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2019.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PAULA, D. C. F. A questão da identidade na escrita acadêmica. *Scripta*, v. 21, n. 43, p. 86-104, 2017.

PEREIRA, M. G. *Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Ltda, 2011.

PRIOR, P. Voices in text, mind, and society: Sociohistoric accounts of discourse acquisition and use. *Journal of second language writing*, v. 10, n. 1-2, p. 55-81, 2001.

RAHIMIVAND, M.; KUHI, D. An exploration of discursal construction of identity in academic writing. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 98, p. 1492-1501, 2014.

SANTOS, J. V. Plágio e construção da voz autoral: integração no ensino-aprendizagem da escrita acadêmica. In: CNaPPES 2017 - CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR, 4., 2018, Setúbal. Atas... Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal, 2018, p. 1-7.

SANTOS, J. V.; SILVA, P. N. da. Polifonia na voz autoral: agradecimentos e resumo na tese de doutoramento. In: VELOSO, J; GUIMARÃES, J; SILVANO, P; SOUSA-SILVA, R (Coord.). *A linguística em diálogo: volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2018, p. 395-413.

SILVA JÚNIOR, S. N.; SILVA, M. C. C. A construção do letramento acadêmico, o letramento existente ao desejado: análise da escrita acadêmica e da fragmentação identitária do estudante de letras. *Revista Philologus*, ano 23, n. 67, p. 132-142, jan./abr.2017.

SILVA, A. Metadiscurso na perspectiva de Hyland: definições, modelos de categorização e possíveis contribuições. *Letras, Santa Maria*, v. 27, n. 54, p. 41-67, jan/jun. 2017.

SILVER, M. Voice and stance across disciplines in academic discourse. In: *Stance and voice in written academic genres*. London: Palgrave Macmillan, 2012. p. 202-217.

STREET, B. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. *Perspectiva*, v. 28, n. 2, p. 541-567, 2010.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. *Research genres: Explorations and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J. M. Reflections on the concept of discourse community. *ASp. la revue du GERAS*, n. 69, p. 7-19, 2016.

TARDY, C. M. Current conceptions of voice. In: HYLAND, K.; GUINDA, C. S. (Ed.). *Stance and voice in written academic genres*. London: Palgrave Macmillan, 2012. p. 34-48.

TOCAIA, L. M. *Leitura e produção textual na universidade: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019.

ANEXOS

ANEXO A – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo não publicado analisados pela primeira dimensão de posicionamento

ACNP1

1.Introdução

A maioria dos livros didáticos e gramáticas da língua portuguesa se refere à semântica como a ciência que estuda o significado das palavras, isto é, é o estudo do significado. Porém, essa definição é muito simples. Definir a semântica não é uma tarefa fácil. Estudar o significado é uma tarefa complexa, e essa complexidade se deve a dois fatores: o primeiro são as diferentes perspectivas teóricas que linguistas e filósofos possuem acerca do objeto de estudo da semântica, o que implica a heterogeneidade desse objeto. O segundo fator é uma questão epistemológica básica: a falta de consenso quanto ao que seja significado. (OLIVEIRA, 2012).

A forma e o significado são frutos de uma convenção social. No século XVII, John Locke manifestou-se a esse respeito, lembrando que a função das palavras é permitir a comunicação entre as pessoas e que as palavras resultam de convenções sociais. (OLIVEIRA, 2012, p. 14). Eve Clark lembra que o entendimento mútuo e a consistência dos pares forma-significado ao longo do tempo são características necessárias para que um sistema de comunicação como a linguagem funcione: “Sem convencionalidade, não fica claro como os falantes e seus ouvintes poderiam atingir uma concordância acerca das interpretações daquilo que os falantes estavam tentando transmitir”. (OLIVEIRA, 2012, p.17).

Contudo, essa convencionalidade não pode ser entendida como imutabilidade. Os significados se alteram ao longo dos anos, modificando a relação existente entre os pares forma-significado, que se mantêm consistentes até acontecerem outras mudanças de significado (OLIVEIRA, 2012).

Aristóteles vai propor que a palavra é uma unidade mínima de significado. Ele dividiu as palavras em dois grupos: aquelas que possuem um significado próprio, mesmo quando isoladas, e aquelas que apresentam significados em contextos, ou seja, quando aparecem em sintagmas. Mas foi Demócrito que se

debruçou sobre a questão da multiplicidade dos significados (OLIVEIRA, 2012, p. 19). A polissemia é o fenômeno semântico em que uma palavra tem dois ou mais significados inter-relacionados, podendo, portanto, ocorrer em contextos diferentes. (OLIVEIRA, 2012, p.19).

Outro fenômeno semântico é a homonímia, em que duas ou mais palavras de significados diferentes têm a mesma grafia e a mesma pronúncia. A polissemia traz uma vantagem para a língua: a economia que ela produz, ou seja, reduz a necessidade de haver apenas uma palavra para cada significado. Outro ponto importante no estudo do significado é a denotação, entendida como o fenômeno ou o objeto do mundo real feita pela palavra ou pela sentença. Já o sentido é a maneira cognitiva pela qual uma pessoa concebe essa denotação.

Com isso, várias teorias foram elaboradas ao longo dos tempos, procurando definir o objeto de investigação da semântica. Isso mostra a impossibilidade de um objeto único desta ciência, e sua problemática será observada no texto do livro infanto-juvenil Teresinha e Gabriela.

2.Desenvolvimento

2.1 Evolução Histórica

Os gregos foram os primeiros a se interessar pelo estudo do significado, por essa razão a semântica se misturou à filosofia. Dentre os filósofos gregos que estudaram o significado, pode-se citar Próclus. Seus estudos dominaram o século XX, e dizem respeito ao fenômeno de alteração dos sentidos ao longo do tempo (OLIVEIRA, 2012).

Durante o Renascimento, esses estudos foram revividos, atraindo a atenção de filósofos. No entanto, foi no final do século XIX que Michel Bréal publicou seu *Essai de Sémantique. Science des Significations*. A ciência das significações, do verbo semaino, “significar”, em oposição à fonética, ciência dos sons da fala. (SCHAFF, 1968).

Bréal definiu o objeto da semântica da seguinte forma:

Nesta segunda parte propomo-nos a investigar como as palavras, criadas e dotadas de certa significação, estendem essa significação ou a restringem, deslocam-na de um grupo de noções para outros, elevam seu valor ou o degradam; em resumo – sofrem modificações. É esta segunda parte que constitui a semântica, i.e., ciência das significações (SCHAFF, 1968, p. 10)

A importância histórica de Bréal é tão grande para os estudos do significado que Kurt Baldinger (apud OLIVEIRA, 2012) o utiliza como elemento delimitador de etapas da história dos estudos semânticos. A etapa que vai dos gregos até Bréal e que Baldinger chama de “subterrânea”, e a etapa que vai de Bréal até 1950, em que linguistas acreditavam que não havia um caráter científico na semântica. E a etapa posterior marcada pelo cientificismo. (OLIVEIRA, 2012). Essa teoria sofre forte influência do evolucionismo darwiniano, pois acreditava que, como as espécies, o significado das palavras também mudava ao longo dos tempos. Era um estudo diacrônico.

Mas o marco da semântica como ciência, considerado por muitos, foi a publicação do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure, entre 1907 e 1911. Uma de suas preocupações foi, justamente, delimitar o objeto de estudo da linguística, o qual, em sua visão, deveria ser homogêneo e concreto (OLIVEIRA, 2012, p. 59). Tal delimitação do objeto traria à linguística um caráter científico, submetendo-a às exigências positivistas da época.

O que se observava era que a semântica estava sempre ligada a outras ciências, como a filosofia, a lógica e a psicologia. Saussure procurou separar a linguística de outras ciências, delimitando seu campo de investigação. Criou a dicotomia língua e fala, determinando a língua como a parte homogênea da linguagem, e a fala como a parte que depende do indivíduo e que, portanto, estaria fora dos estudos da linguística, pois se mostrava heterogêneo. O estudo aqui é sincrônico, ou seja, deve-se estudar a língua no seu aspecto estrutural e analisá-lo num determinado período de tempo. o fator histórico não é levado em consideração.

Com o Gerativismo de Noam Chomsky, a semântica foi renegada a segundo plano, porque o que se pretendia desenvolver era uma gramática

profunda. Essa gramática é responsável pela interpretação semântica de uma sentença (OLIVEIRA, 2012, p. 85).

Contudo, muitos estudiosos estavam insatisfeitos com a Teoria Padrão de Chomsky, pois entendiam que a gramática gerativa não era suficiente para esclarecer os fenômenos semânticos. A partir de 1975, Lakoff (OLIVEIRA, 2012, p.92) entrou em contato com as ciências cognitivas e passou a integrar, juntamente com outros teóricos, a chamada semântica cognitiva. Esses teóricos passaram a considerar a cognição humana, por isso a semântica cognitiva estuda os fenômenos do significado com base nas experiências do falante-ouvinte e no ambiente sociocultural em que ele se encontra (OLIVEIRA, 2012, p. 92).

Por fim, surge a semântica pragmática que, insatisfeitas com as abstrações das teorias anteriores, vai levar em consideração o elemento descartado pelos estruturalistas: o ser humano. Ou seja, o elemento responsável pela heterogeneidade linguística (OLIVEIRA, 2012, p. 103).

Um fenômeno semântico que é de interesse da abordagem pragmática são os atos realizados a partir da fala, os quais ficaram conhecidos como *atos da fala*, introduzido por John Austin, mas popularizado por John Searle (OLIVEIRA, 2012, p.126).

Com a imprecisão do conceito de significado e, com isso, a impossibilidade de um objeto único da semântica, Algirdas Julien Greimas (1996, apud OLIVEIRA, 2012, p. 28) afirma:

“Ser normal, nos meios linguísticos, perguntar-se ‘se a semântica possui objeto homogêneo, se esse objeto se presta a uma análise como disciplina linguística’ É pelo fato de o objeto da semântica ser heterogêneo que se pode afirmar que há semânticas distintas também: semântica histórica, semântica estrutural, semântica cognitiva e semântica formal, por exemplo.”

ANEXO B – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo publicado analisados pela primeira dimensão de posicionamento

ACP1

1. Introdução

A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG), no dia 14 de março de 1914. Mulher, negra, semianalfabeta, filha de pais negros e analfabetos, adentrou no ambiente escolar aos sete anos de idade por incentivo de sua mãe. Contudo, não chegou a concluir seus estudos, interrompendo-os no segundo ano do Ensino Fundamental, mas isso não a impediu de aprender tanto a ler como a escrever.

Com o passar dos anos, a autora tornou-se atenta ao mundo ao seu redor e passou a relatar os acontecimentos através dos gêneros literários, como o poema e a crônica. Motivada pela morte de sua mãe e pela falta de trabalho, Carolina mudou-se para a cidade de São Paulo, onde construiu um barraco às margens do rio Tietê, na favela do Canindé, e morou com seus três filhos. A escritora, acostumada a relatar acontecimentos a sua volta, inicia a construção de um diário que, posteriormente, foi publicado em forma de livro, intitulado Quarto de Despejo, em 20 de agosto de 1960, com o intuito de relatar o dia a dia da favela e tudo que acontece consigo.

São presentes na escrita da autora marcas de oralidade em seus relatos diários, todavia, vale ressaltar aqui que por ser um diário, ainda mais escrito por alguém com baixa escolaridade, é normal que encontraremos transgressões da fala em seu texto, pois, conforme Marcuschi e Dionísio (2005, p. 15) afirmam, a “[...] fala influencia a escrita.”. **Ademais, é importante citar que isso somente pode ser considerado um desvio se for avaliado perante a norma-padrão [adjetivo predicativo que expressa os julgamentos do escritor sobre a importância ou necessidade]** Somando a isso, a forma como a obra é narrada contém fragmentos de escrita flutuante, isto é, a narrativa transita entre a escrita de cunho padrão e as variedades linguísticas. Assim, as diferenças entre fala e escrita se tornam mais evidentes durante o processo de formulação textual no

que tange, por exemplo, a aspectos como coesão, progressão referencial e organização do tópico.

Nesse sentido, é perceptível que a autora-personagem, na tentativa de escrever de acordo com a norma-padrão, pratica desvios de concordância em determinadas partes de seu texto, assim como faz uso de marcas de oralidade em seus relatos diários. Assim, o presente artigo objetiva analisar os processos de natureza fonológica mais recorrentes no texto da autora. O texto está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento, é apresentada a fundamentação teórica desta análise, que é ancorada em Bagno (2002), Chomsky e Lasnik, (1993), Engelbert (2012), Faraco (2002), Gnerre (1991), Marcuschi e Dionísio (2005), Morais (2009), Roberto (2016) e Silva (2003), logo em seguida, é apresentada a análise da obra *Quarto de Despejo*: o diário de uma favelada.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Relação Fala e Escrita

Histórica e biologicamente a oralidade constitui-se antes da escrita e, por isso, já dominamos razoavelmente a língua antes de adentrarmos ao ambiente escolar, local em que, além de socializar, iremos aprender a utilizar a norma-padrão. [o uso dos pronomes do leitor, que recebem esse nome porque têm como objetivo incluir o leitor no raciocínio apresentado no texto.] Entretanto, existe uma supervalorização social da língua em sua modalidade escrita em detrimento da língua falada, acarretando uma compreensão equivocada e preconceituosa da relação entre fala e escrita.

Diante disso, há uma tendência em observar tal relação de maneira dicotômica, isto é, observando fala e escrita como dois sistemas linguísticos em que a escrita seria planejada e condensada enquanto a fala receberia o estigma de não planejada e redundante. Marcuschi e Dionísio (2005) defendem a relação fala e escrita como dois modos de funcionamento da língua, cuja modalidade oral não necessita de reparos e alterações. Nesse sentido, evita-se a visão simplista e excludente de que a variação presente na oralidade é um erro.

Não existe uma marca linguística, uma preposição, um artigo ou um advérbio que seja suficientemente capaz de definir e delimitar uma linguagem como oral ou escrita, mas podemos, através da observação de estratégias preferenciais, identificar o tipo de linguagem. [o uso dos pronomes do leitor, que recebem esse nome porque têm como objetivo incluir o leitor no raciocínio apresentado no texto.] Tendo isso em vista, é comum que haja dificuldade na distinção das modalidades, isso porque, em algumas situações, as duas coexistem, são as chamadas oralização da escrita e editoração da fala.

A primeira delas se trata de um texto escrito sendo transmitido oralmente, podendo conter formas expressivas da oralidade, sendo muito comum em noticiários de televisão, leitura de poemas, apresentação de seminários e conferências. A segunda diz respeito a um texto que foi produzido oralmente e sofreu um processo de transcrição e retextualização, implicando a editoração da fala, sendo presente de maneira expressiva em entrevistas. Como se evidencia no trecho abaixo:

As diferenças entre oralidade e escrita podem ser melhor observadas nas atividades de formulação textual manifestadas em cada uma das duas modalidades, e não em parâmetros fixados como regras rígidas. Essas atividades se dão na fala, em tempo real, o que acarreta diferenças com a escrita, em razão da natureza do processamento. Certamente, há algumas observações especiais quanto a escrita em tempo real, síncrona, nos bate-papos pela internet, mas esses são casos especiais a serem ainda analisados. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2005, p. 17, grifo dos autores).

Através da perspectiva teórica acima apresentada, tem-se a ciência de que a natureza do processamento influencia na organização da linguagem. Isto é, devido ao fato de que a fala é realizada em tempo real, não há possibilidade de revisão. Além disso, seu tempo de produção e recepção é simultâneo e sujeito a pausas, repetições e truncamentos, o que confere uma "aparência caótica" (*id.*, 2005, p. 22) a textos de natureza oral. No tocante à escrita, seu tempo é defasado, possibilitando uma remodelação textual no que tange à escolha lexical, estilo e estrutura, o que pode levar bastante tempo até que se considere que o texto está finalizado.

Nesta direção, Marcuschi e Dionísio (2005) reconhecem que tanto a fala como a escrita variam de maneira relativamente considerável e, por muito tempo, a sociolinguística só se ocupou com a variação na oralidade, por haver um senso comum que concebia a escrita como organizada e homogênea. [?] Entretanto, ainda que a escrita não admita variações dialetais, regionais e sociais em sua modalidade formal, sabe-se que a grafia sofre mudanças diacrônicas.

Outro aspecto indissociável das relações de fala e escrita e o meio de utilização, pois, enquanto a fala se enuncia através do som, tendo uma característica fugaz, a escrita se vale da grafia, de aspecto mais duradouro. "Mas a consequência mais importante dessa diferença é a que diz respeito a grafia dos sons [...]" (*id.*, 2005, p. 21-22). Logo, na fase inicial da alfabetização, é comum ocorrerem problemas na grafia de palavras semelhantes devido ao fato de que há na língua mais fonemas do que letras. Esse "excesso" de fonemas é, por vezes, perpassado para a escrita, resultando em processos fonológicos.

Assim, no viés de que a escrita é uma abstração da fala, a primeira não contempla todos os aspectos da oralidade, como sotaque, entonação e expressões faciais, em alguns casos. Para ilustrar essa questão, tomamos como exemplo Quarto de Despejo e percebemos que não se trata de um texto oral, mas um texto escrito de enunciação evidenciada pela presença de marcas de oralidade. [o uso dos pronomes do leitor, que recebem esse nome porque têm como objetivo incluir o leitor no raciocínio apresentado no texto.]

ANEXO C – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo não publicado analisados pela segunda dimensão da intertextualidade

ACNP1

1.Introdução

A maioria dos livros didáticos e gramáticas da língua portuguesa se refere à semântica, como a ciência que estuda o significado das palavras, isto é, é o estudo do significado. Porém, essa definição é muito simples. Definir a semântica não é uma tarefa fácil. Estudar o significado é uma tarefa complexa, e essa complexidade se deve a dois fatores: o primeiro são as diferentes perspectivas teóricas que linguistas e filósofos possuem acerca do objeto de estudo da semântica, o que implica a heterogeneidade desse objeto. O segundo fator é uma questão epistemológica básica: a falta de consenso quanto ao que seja significado. (OLIVEIRA, 2012). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

A forma e o significado são frutos de uma convenção social. No século XVII, John Locke manifestou-se a esse respeito, lembrando que a função das palavras é permitir a comunicação entre as pessoas e que as palavras resultam de convenções sociais. (OLIVEIRA, 2012, p. 14). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante] Eve Clark lembra que o entendimento mútuo e a consistência dos pares forma-significado ao longo do tempo são características necessárias para que um sistema de comunicação como a linguagem funcione: “Sem convencionalidade, não fica claro como os falantes e seus ouvintes poderiam atingir uma concordância acerca das interpretações daquilo que os falantes estavam tentando transmitir”. (OLIVEIRA, 2012, p.17). [Citação curta – de até 3 linhas – Usou as palavras do autor citado para completar seu argumento, o que fortalece a veracidade de sua mensagem, mas não põe em destaque tal autor]

Contudo, essa convencionalidade não pode ser entendida como imutabilidade. Os significados se alteram ao longo dos anos, modificando a relação existente entre os pares forma-significado, que se mantêm consistentes

até acontecerem outras mudanças de significado (OLIVEIRA, 2012). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Aristóteles vai propor que a palavra é uma unidade mínima de significado. Ele dividiu as palavras em dois grupos: aquelas que possuem um significado próprio, mesmo quando isoladas, e aquelas que apresentam significados em contextos, ou seja, quando aparecem em sintagmas. Mas foi Demócrito que se debruçou sobre a questão da multiplicidade dos significados (OLIVEIRA, 2012, p. 19). A polissemia é o fenômeno semântico em que uma palavra tem dois ou mais significados inter-relacionados, podendo, portanto, ocorrer em contextos diferentes. (OLIVEIRA, 2012, p.19). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Outro fenômeno semântico é a homonímia, em que duas ou mais palavras de significados diferentes têm a mesma grafia e a mesma pronúncia. A polissemia traz uma vantagem para a língua: a economia que ela produz, ou seja, reduz a necessidade de haver apenas uma palavra para cada significado. Outro ponto importante no estudo do significado é a denotação, entendida como o fenômeno ou o objeto do mundo real feita pela palavra ou pela sentença. Já o sentido é a maneira cognitiva pela qual uma pessoa concebe essa denotação.

Com isso, várias teorias foram elaboradas ao longo dos tempos, procurando definir o objeto de investigação da semântica. Isso mostra a impossibilidade de um objeto único desta ciência, e sua problemática será observada no texto do livro infanto-juvenil Teresinha e Gabriela.

2.Desenvolvimento

2.1 Evolução Histórica

Os gregos foram os primeiros a se interessar pelo estudo do significado, por essa razão a semântica se misturou à filosofia. Dentre os filósofos gregos que estudaram o significado, pode-se citar Próclus. Seus estudos dominaram o século XX, e dizem respeito ao fenômeno de alteração dos sentidos ao longo do tempo (OLIVEIRA, 2012). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Durante o Renascimento, esses estudos foram revividos, atraindo a atenção de filósofos. No entanto, foi no final do século XIX que Michel Bréal publicou seu *Essai de Sémantique. Science des Significations*. A ciência das significações, do verbo semaino, “significar”, em oposição à fonética, ciência dos sons da fala. (SCHAFF, 1968). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Bréal definiu o objeto da semântica da seguinte forma:

Nesta segunda parte propomo-nos a investigar como as palavras, criadas e dotadas de certa significação, estendem essa significação ou a restringem, deslocam-na de um grupo de noções para outros, elevam seu valor ou o degradam; em resumo – sofrem modificações. É esta segunda parte que constitui a semântica, i.e., ciência das significações (SCHAFF, 1968, p. 10) [Citação direta longa – mais de 3 linhas]

A importância histórica de Bréal é tão grande para os estudos do significado que Kurt Baldinger (apud OLIVEIRA, 2012) o utiliza como elemento delimitador de etapas da história dos estudos semânticos. A etapa que vai dos gregos até Bréal e que Baldinger chama de “subterrânea”, e a etapa que vai de Bréal até 1950, em que linguistas acreditavam que não havia um caráter científico na semântica. E a etapa posterior marcada pelo cientificismo. (OLIVEIRA, 2012). [Citações indiretas em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante] Essa teoria sofre forte influência do evolucionismo darwiniano, pois acreditava que, como as espécies, o significado das palavras também mudava ao longo dos tempos. Era um estudo diacrônico.

Mas o marco da semântica como ciência, considerado por muitos, foi a publicação do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure, entre 1907 e 1911. Uma de suas preocupações foi, justamente, delimitar o objeto de estudo da linguística, o qual, em sua visão, deveria ser homogêneo e concreto (OLIVEIRA, 2012, p. 59). Tal delimitação do objeto traria à linguística um caráter científico, submetendo-a às exigências positivistas da época.

O que se observava era que a semântica estava sempre ligada a outras ciências, como a filosofia, a lógica e a psicologia. Saussure procurou separar a

linguística de outras ciências, delimitando seu campo de investigação. Criou a dicotomia língua e fala, determinando a língua como a parte homogênea da linguagem, e a fala como a parte que depende do indivíduo e que, portanto, estaria fora dos estudos da linguística, pois se mostrava heterogêneo. [o de cima e esse aqui são um caso só] O estudo aqui é sincrônico, ou seja, deve-se estudar a língua no seu aspecto estrutural e analisá-lo num determinado período de tempo. o fator histórico não é levado em consideração.

Com o Gerativismo de Noam Chomsky, a semântica foi renegada a segundo plano, porque o que se pretendia desenvolver era uma gramática profunda. Essa gramática é responsável pela interpretação semântica de uma sentença (OLIVEIRA, 2012, p. 85). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Contudo, muitos estudiosos estavam insatisfeitos com a Teoria Padrão de Chomsky, pois entendiam que a gramática gerativa não era suficiente para esclarecer os fenômenos semânticos. A partir de 1975, Lakoff (OLIVEIRA, 2012, p.92) entrou em contato com as ciências cognitivas e passou a integrar, juntamente com outros teóricos, a chamada semântica cognitiva. Esse teóricos passaram a considerar a cognição humana, por isso a semântica cognitiva estuda os fenômenos do significado com base nas experiências do falante-ouvinte e no ambiente sociocultural em que ele se encontra (OLIVEIRA, 2012, p. 92). [Citações indiretas em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Por fim, surge a semântica pragmática que, insatisfeitas com as abstrações das teorias anteriores, vai levar em consideração o elemento descartado pelos estruturalista: o ser humano. Ou seja, o elemento responsável pela heterogeneidade linguística (OLIVEIRA, 2012, p. 103). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Um fenômeno semântico que é de interesse da abordagem pragmática são os atos realizados a partir da fala, os quais ficaram conhecidos como *atos da fala*, introduzido por John Austin, mas popularizado por John Searle

(OLIVEIRA, 2012, p.126). [Citação indireta em que o nome do autor não está mencionado no enunciado citante]

Com a imprecisão do conceito de significado e, com isso, a impossibilidade de um objeto único da semântica, Algirdas Julien Greimas (1996, apud OLIVEIRA, 2012, p. 28) afirma:

“Ser normal, nos meios linguísticos, perguntar-se ‘se a semântica possui objeto homogêneo, se esse objeto se presta a uma análise como disciplina linguística’ É pelo fato de o objeto da semântica ser heterogêneo que se pode afirmar que há semânticas distintas também: semântica histórica, semântica estrutural, semântica cognitiva e semântica formal, por exemplo.” [Citação direta longa – mais de 3 linhas]

ANEXO D – Introdução e primeiro tópico do primeiro artigo publicado analisados pela segunda dimensão da intertextualidade

ACP1

1. Introdução

A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG), no dia 14 de março de 1914. Mulher, negra, semianalfabeta, filha de pais negros e analfabetos, adentrou no ambiente escolar aos sete anos de idade por incentivo de sua mãe. Contudo, não chegou a concluir seus estudos, interrompendo-os no segundo ano do Ensino Fundamental, mas isso não a impediu de aprender tanto a ler como a escrever.

Com o passar dos anos, a autora tornou-se atenta ao mundo ao seu redor e passou a relatar os acontecimentos através dos gêneros literários, como o poema e a crônica. Motivada pela morte de sua mãe e pela falta de trabalho, Carolina mudou-se para a cidade de São Paulo, onde construiu um barraco às margens do rio Tietê, na favela do Canindé, e morou com seus três filhos. A escritora, acostumada a relatar acontecimentos a sua volta, inicia a construção de um diário que, posteriormente, foi publicado em forma de livro, intitulado Quarto de Despejo, em 20 de agosto de 1960, com o intuito de relatar o dia a dia da favela e tudo que acontece consigo.

São presentes na escrita da autora marcas de oralidade em seus relatos diários, todavia, vale ressaltar aqui que por ser um diário, ainda mais escrito por alguém com baixa escolaridade, é normal que encontraremos transgressões da fala em seu texto, pois, conforme Marcuschi e Dionísio (2005, p. 15) afirmam, a “[...] fala influencia a escrita.” [Citação direta curta – menos de 3 linhas – em que é usado fielmente apenas um trecho (de uma, duas ou três palavras) de outro autor] Ademais, é importante citar que isso somente pode ser considerado um desvio se for avaliado perante a norma-padrão. Somando a isso, a forma como a obra é narrada contém fragmentos de escrita flutuante, isto é, a narrativa transita entre a escrita de cunho padrão e as variedades linguísticas. Assim, as diferenças entre fala e escrita se tornam mais evidentes durante o processo de formulação textual no que tange, por exemplo, a aspectos como coesão, progressão referencial e organização do tópico.

Nesse sentido, é perceptível que a autora-personagem, na tentativa de escrever de acordo com a norma-padrão, pratica desvios de concordância em determinadas partes de seu texto, assim como faz uso de marcas de oralidade em seus relatos diários. Assim, o presente artigo objetiva analisar os processos de natureza fonológica mais recorrentes no texto da autora. O texto está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento, é apresentada a fundamentação teórica desta análise, que é ancorada em Bagno (2002), Chomsky e Lasnik, (1993), Engelbert (2012), Faraco (2002), Gnerre (1991), Marcuschi e Dionísio (2005), Morais (2009), Roberto (2016) e Silva (2003), logo em seguida, é apresentada a análise da obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Relação Fala e Escrita

Histórica e biologicamente a oralidade constitui-se antes da escrita e, por isso, já dominamos razoavelmente a língua antes de adentrarmos ao ambiente escolar, local em que, além de socializar, iremos aprender a utilizar a norma-padrão. Entretanto, existe uma supervalorização social da língua em sua modalidade escrita em detrimento da língua falada, acarretando uma compreensão equivocada e preconceituosa da relação entre fala e escrita.

Diante disso, há uma tendência em observar tal relação de maneira dicotômica, isto é, observando fala e escrita como dois sistemas linguísticos em que a escrita seria planejada e condensada enquanto a fala receberia o estigma de não planejada e redundante. Marcuschi e Dionísio (2005) defendem a relação fala e escrita como dois modos de funcionamento da língua, cuja modalidade oral não necessita de reparos e alterações. [Mesmo reformulando o enunciado original, os estudantes preferiram usar o nome dos autores como apoio para sua argumentação.] Nesse sentido, evita-se a visão simplista e excludente de que a variação presente na oralidade é um erro.

Não existe uma marca linguística, uma preposição, um artigo ou um advérbio que seja suficientemente capaz de definir e delimitar uma linguagem como oral ou escrita, mas podemos, através da observação de estratégias

preferenciais, identificar o tipo de linguagem. Tendo isso em vista, é comum que haja dificuldade na distinção das modalidades, isso porque, em algumas situações, as duas coexistem, são as chamadas oralização da escrita e editoração da fala.

A primeira delas se trata de um texto escrito sendo transmitido oralmente, podendo conter formas expressivas da oralidade, sendo muito comum em noticiários de televisão, leitura de poemas, apresentação de seminários e conferências. A segunda diz respeito a um texto que foi produzido oralmente e sofreu um processo de transcrição e retextualização, implicando a editoração da fala, sendo presente de maneira expressiva em entrevistas. **Como se evidencia no trecho abaixo:**

As diferenças entre oralidade e escrita podem ser melhor observadas nas atividades de formulação textual manifestadas em cada uma das duas modalidades, e não em parâmetros fixados como regras rígidas. Essas atividades se dão na fala, em tempo real, o que acarreta diferenças com a escrita, em razão da natureza do processamento. Certamente, há algumas observações especiais quanto a escrita em tempo real, síncrona, nos bate-papos pela internet, mas esses são casos especiais a serem ainda analisados. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2005, p. 17, grifo dos autores). [Citação direta longa – mais de 3 linhas – uso das palavras do autor citado para complementar seu argumento, comprovando a veracidade de sua mensagem, mas não colocando em destaque tal autor]

Através da perspectiva teórica acima apresentada, tem-se a ciência de que a natureza do processamento influencia na organização da linguagem. Isto é, devido ao fato de que a fala é realizada em tempo real, não há possibilidade de revisão. Além disso, seu tempo de produção e recepção é simultâneo e sujeito a pausas, repetições e truncamentos, o que confere uma "aparência caótica" (*id.*, 2005, p. 22) a textos de natureza oral. [Citação direta curta – menos de 3 linhas – em que é usado fielmente apenas um pequeno trecho (de uma, duas ou três palavras) de outro autor] No tocante à escrita, seu tempo é defasado, possibilitando uma remodelação textual no que tange à escolha lexical, estilo e estrutura, o que pode levar bastante tempo até que se considere que o texto está finalizado.

Nesta direção, Marcuschi e Dionísio (2005) reconhecem que tanto a fala como a escrita variam de maneira relativamente considerável e, por muito tempo,

a sociolinguística só se ocupou com a variação na oralidade, por haver um senso comum que concebia a escrita como organizada e homogênea. [Mesmo reformulando o enunciado original, os estudantes preferiram usar o nome dos autores como apoio para sua argumentação.] Entretanto, ainda que a escrita não admita variações dialetais, regionais e sociais em sua modalidade formal, sabe-se que a grafia sofre mudanças diacrônicas.

Outro aspecto indissociável das relações de fala e escrita e o meio de utilização, pois, enquanto a fala se enuncia através do som, tendo uma característica fugaz, a escrita se vale da grafia, de aspecto mais duradouro. "Mas a consequência mais importante dessa diferença é a que diz respeito a grafia dos sons [...]" (*id.*, 2005, p. 21-22). [Citação curta – de até 3 linhas – uso das palavras do autor citado para complementar seu argumento, fortalecendo a veracidade de sua mensagem, não colocando em destaque tal autor] Logo, na fase inicial da alfabetização, é comum ocorrerem problemas na grafia de palavras semelhantes devido ao fato de que há na língua mais fonemas do que letras. Esse "excesso" de fonemas é, por vezes, perpassado para a escrita, resultando em processos fonológicos.

Assim, no viés de que a escrita é uma abstração da fala, a primeira não contempla todos os aspectos da oralidade, como sotaque, entonação e expressões faciais, em alguns casos. Para ilustrar essa questão, tomamos como exemplo Quarto de Despejo e percebemos que não se trata de um texto oral, mas um texto escrito de enunciação evidenciada pela presença de marcas de oralidade.

ANEXO E – Introdução do primeiro artigo não publicado analisada pela terceira dimensão dos movimentos retóricos

ACNP1

1.Introdução

A maioria dos livros didáticos e gramáticas da língua portuguesa se refere à semântica como a ciência que estuda o significado das palavras, isto é, é o estudo do significado. Porém, essa definição é muito simples. Definir a semântica não é uma tarefa fácil. Estudar o significado é uma tarefa complexa, e essa complexidade se deve a dois fatores: o primeiro são as diferentes perspectivas teóricas que linguistas e filósofos possuem acerca do objeto de estudo da semântica, o que implica a heterogeneidade desse objeto. O segundo fator é uma questão epistemológica básica: a falta de consenso quanto ao que seja significado. (OLIVEIRA, 2012).

A forma e o significado são frutos de uma convenção social. No século XVII, John Locke manifestou-se a esse respeito, lembrando que a função das palavras é permitir a comunicação entre as pessoas e que as palavras resultam de convenções sociais. (OLIVEIRA, 2012, p. 14). Eve Clark lembra que o entendimento mútuo e a consistência dos pares forma-significado ao longo do tempo são características necessárias para que um sistema de comunicação como a linguagem funcione: “Sem convencionalidade, não fica claro como os falantes e seus ouvintes poderiam atingir uma concordância acerca das interpretações daquilo que os falantes estavam tentando transmitir”. (OLIVEIRA, 2012, p.17).

Contudo, essa convencionalidade não pode ser entendida como imutabilidade. Os significados se alteram ao longo dos anos, modificando a relação existente entre os pares forma-significado, que se mantêm consistentes até acontecerem outras mudanças de significado (OLIVEIRA, 2012).

Aristóteles vai propor que a palavra é uma unidade mínima de significado. Ele dividiu as palavras em dois grupos: aquelas que possuem um significado

próprio, mesmo quando isoladas, e aquelas que apresentam significados em contextos, ou seja, quando aparecem em sintagmas. Mas foi Demócrito que se debruçou sobre a questão da multiplicidade dos significados (OLIVEIRA, 2012, p. 19). A polissemia é o fenômeno semântico em que uma palavra tem dois ou mais significados inter-relacionados, podendo, portanto, ocorrer em contextos diferentes. (OLIVEIRA, 2012, p.19).

Outro fenômeno semântico é a homonímia, em que duas ou mais palavras de significados diferentes têm a mesma grafia e a mesma pronúncia. A polissemia traz uma vantagem para a língua: a economia que ela produz, ou seja, reduz a necessidade de haver apenas uma palavra para cada significado. **Outro ponto importante** no estudo do significado é a denotação, entendida como o fenômeno ou o objeto do mundo real feita pela palavra ou pela sentença. Já o sentido é a maneira cognitiva pela qual uma pessoa concebe essa denotação.

Com isso, várias teorias foram elaboradas ao longo dos tempos, procurando definir o objeto de investigação da semântica. Isso mostra a impossibilidade de um objeto único desta ciência, e sua problemática será observada no texto do livro infanto-juvenil Teresinha e Gabriela. [?]

ANEXO F – Introdução do primeiro artigo publicado analisada pela terceira dimensão dos movimentos retóricos

ACP1

1. Introdução

A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG), no dia 14 de março de 1914. Mulher, negra, semianalfabeta, filha de pais negros e analfabetos, adentrou no ambiente escolar aos sete anos de idade por incentivo de sua mãe. Contudo, não chegou a concluir seus estudos, interrompendo-os no segundo ano do Ensino Fundamental, mas isso não a impediu de aprender tanto a ler como a escrever.

Com o passar dos anos, a autora tornou-se atenta ao mundo ao seu redor e passou a relatar os acontecimentos através dos gêneros literários, como o poema e a crônica. Motivada pela morte de sua mãe e pela falta de trabalho, Carolina mudou-se para a cidade de São Paulo, onde construiu um barraco às margens do rio Tietê, na favela do Canindé, e morou com seus três filhos. A escritora, acostumada a relatar acontecimentos a sua volta, inicia a construção de um diário que, posteriormente, foi publicado em forma de livro, intitulado Quarto de Despejo, em 20 de agosto de 1960, com o intuito de relatar o dia a dia da favela e tudo que acontece consigo.

São presentes na escrita da autora marcas de oralidade em seus relatos diários, todavia, vale ressaltar aqui que por ser um diário, ainda mais escrito por alguém com baixa escolaridade, é normal que encontraremos transgressões da fala em seu texto, pois, conforme Marcuschi e Dionísio (2005, p. 15) afirmam, a “[...] fala influencia a escrita.”. Ademais, é importante citar que isso somente pode ser considerado um desvio se for avaliado perante a norma-padrão. Somando a isso, a forma como a obra é narrada contém fragmentos de escrita flutuante, isto é, a narrativa transita entre a escrita de cunho padrão e as variedades linguísticas. Assim, as diferenças entre fala e escrita se tornam mais evidentes durante o processo de formulação textual no que tange, por exemplo, a aspectos como coesão, progressão referencial e organização do tópico.

Nesse sentido, é perceptível que a autora-personagem, na tentativa de escrever de acordo com a norma-padrão, pratica desvios de concordância em determinadas partes de seu texto, assim como faz uso de marcas de oralidade em seus relatos diários. Assim, o presente artigo objetiva analisar os processos de natureza fonológica mais recorrentes no texto da autora. O texto está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento, é apresentada a fundamentação teórica desta análise, que é ancorada em Bagno (2002), Chomsky e Lasnik, (1993), Engelbert (2012), Faraco (2002), Gnerre (1991), Marcuschi e Dionísio (2005), Morais (2009), Roberto (2016) e Silva (2003), logo em seguida, é apresentada a análise da obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*.